



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Bruno César Ferreira Vieira

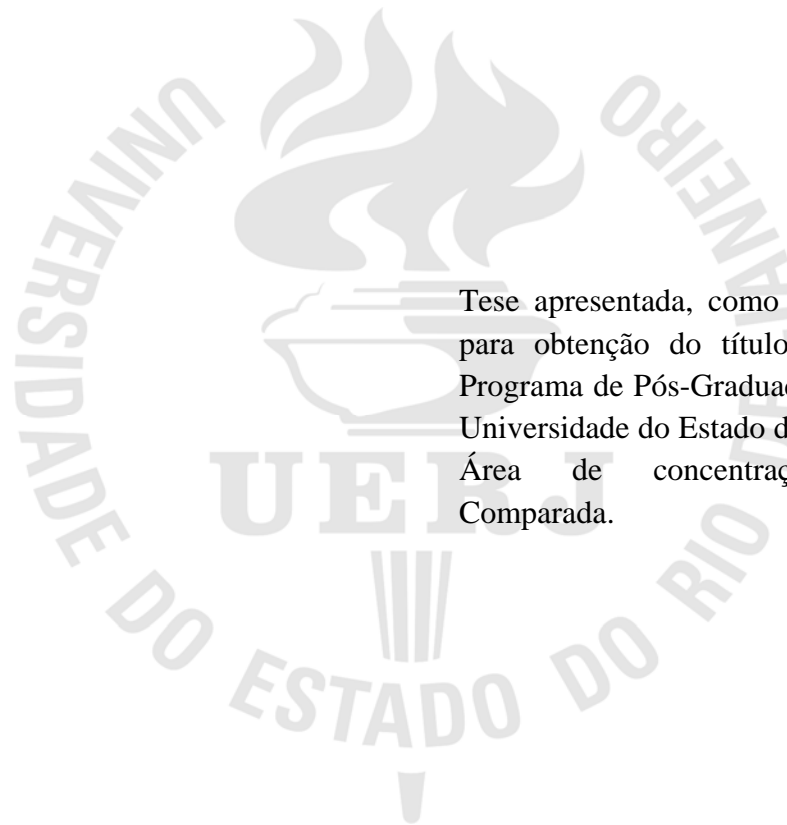
O corpo abjeto do prostituto na literatura

Rio de Janeiro

2017

Bruno César Ferreira Vieira

O corpo abjeto do prostituto na literatura



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Guillermo Francisco Giucci Schmidt

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

V658 Vieira, Bruno César Ferreira.
O corpo abjeto do prostituto na literatura / Bruno César Ferreira Vieira.
- 2017.
150 f. : il.

Orientador: Guillermo Francisco Gucci Schmidt.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Prostituição na literatura – Teses. 2. Prostituição masculina – Teses.
3. Corpo humano na literatura – Teses. I. Gucci, Guillermo, 1954-. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82:392.65-055.3

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB-7/4578

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bruno César Ferreira Vieira

O corpo abjeto do prostituto na literatura

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 29 de setembro de 2017.

Prof. Dr. Guillermo Francisco Giucci Schmidt (Orientador)
Instituto de Letras — UERJ

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Conceição Monteiro
Instituto de Letras — UERJ

Prof^a. Dra. Maria Aparecida Andrade Salgueiro
Instituto de Letras — UERJ

Prof^a. Dra. Michela Rosa Di Candia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Roberto Gonçalves Ramalho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

AGRADECIMENTOS

Às pessoas cujos nomes constam nesta página, devo mais do que o reconhecimento pelo apoio que me foi dado ao longo do tempo dedicado à elaboração desta tese.

Ao professor e orientador Guillermo Giucci, agradeço por me aceitar como orientando já quase no final do processo do doutorado e por manter sempre a calma quando os ventos pareciam soprar contra os prazos.

À professora Conceição Monteiro, agradeço pelos ensinamentos e pela paciência, não somente no doutorado, mas também durante os anos do mestrado, quando foi minha orientadora.

À professora Aparecida Salgueiro, que, durante a banca de qualificação, fez-me ver o quanto eu estava deixando de lado um assunto já pesquisado no mestrado e que deveria ser continuado agora no doutorado.

Ao professor e amigo Roberto Ramalho, que, mesmo à distância, sempre tinha tempo para mandar uma mensagem para saber como eu estava nos estudos. Agradeço, também, pelas diversas vezes que me ensinou a fazer o correto através dos exemplos de seu caminho já brilhantemente trilhado. *Friendship never ends!*

À amiga de doutorado Tatiana de Castro, que segurou minha mão nos momentos de desespero e afirmou que tudo acabaria bem.

Ao casal amigo Michelle Mattos e Marcelo Marinho, por seus gestos de apoio em todos os momentos. Suas palavras, tanto de incentivo quanto de reprimendas, pelos momentos em que minha autoconfiança fraquejou, mantiveram-me acolhido e focado no meu propósito.

Ao amigo Gabriel Santos, que, nos dois últimos anos da confecção desta tese, abriu mão das suas noites de sábado ou domingo para ajudar na digitação, correção ou, até mesmo, realizando afazeres de minha obrigação, para que eu pudesse me dedicar na íntegra a este estudo.

Aos amigos José Caminha e Artur Rodrigues, que sempre disponibilizaram o acervo bibliográfico para que eu pudesse utilizar, além de me incentivarem com palavras de apoio.

À amiga Patrícia Martins, que sempre se colocou à disposição para encomendar os livros importados, solucionar problemas urgentes no computador, ouvir minhas lamentações e apresentar soluções quando tudo parecia não funcionar.

RESUMO

VIEIRA, Bruno César Ferreira. *O corpo abjeto do prostituto na literatura*. 2017. 150 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O corpo abjeto do prostituto na literatura almeja analisar como as obras literárias selecionadas retratam a figura do corpo do indivíduo que exerce sua sobrevivência através da prostituição viril. O corpus literário desta tese é formado por romances da literatura norte-americana (*Closer*, de Dennis Cooper, e *Brutal Uncut*, de Aiden Shaw) e da literatura brasileira (*Clube dos homens bonitos*, de Marco Lacerda, e *O gosto do sexo sem rosto*, de Marlon Albuquerque). A introdução discorre brevemente sobre a carência de estudos literários no que tange à figura do prostituto nos romances. O primeiro capítulo traz uma abordagem histórica sobre a prostituição masculina na Grécia Antiga e Roma Antiga. O segundo capítulo se ocupa de mostrar os quatro tipos mais comuns de prostitutos que trabalham atualmente. O terceiro capítulo busca retratar os locais mais proeminentes onde a prostituição masculina ocorre; neste capítulo, há o início do diálogo entre observação real (ruas, saunas e locais de pegação) e obras literárias. O quarto capítulo apresenta os romances estudados e uma análise do autor deste trabalho sobre os referidos romances.

Palavras-chave: Prostituição masculina. Corpo abjeto. Literatura.

ABSTRACT

VIEIRA, Bruno César Ferreira. *The abject body of the male prostitute in literature*. 2017. 150 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The abject body of the male prostitute in literature aims to analyze how the selected literary works portray the image of the individual's body that exercises its survival through male prostitution. The literary corpus of this dissertation consists of novels from American literature (*Closer*, by Dennis Cooper, and *Brutal Uncut*, by Aiden Shaw) and from Brazilian literature (*Clube dos homens bonitos*, by Marco Lacerda, and *O gosto do sexo sem rosto*, by Marlon Albuquerque). The introduction briefly discusses the lack of literary studies on the image of the male prostitute in novels. The first chapter brings a historical approach on male prostitution in Ancient Greece and Ancient Rome. The second chapter deals with showing the four most common types of male prostitutes who are currently working. The third chapter seeks to portray the most prominent places where male prostitution occurs; in this chapter, there is the beginning of the dialogue between actual observation (streets, bath houses and basfonds) and literary works. The fourth chapter presents the novels studied and an analysis of the author of this work on the novels.

Keywords: Male prostitution. Abject body. Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Posição corporal do prostituto na rua; prostitutas encostados em postes ou nas paredes	39
Figura 2 — Postura do caubói, muito comum aos prostitutas.....	41
Figura 3 — Prostituto se desfaz da postura de caubói, assume gestos abertos e toca o carro do cliente.....	42
Figura 4 — Profissionais que trabalham com as pernas cruzadas.....	45
Figura 5 — Dinâmica da prostituição masculina, seus componentes dentro de uma pirâmide	48
Figura 6 — Cartão do estabelecimento H.O.S.T.E.L Klub Meetings (frente)	62
Figura 7 — Cartão do estabelecimento H.O.S.T.E.L Klub Meetings (verso).....	63
Figura 8 — Página “Saunas & Private Clubs”, do site Guiagayrio.com.....	64
Figura 9 — Página “Rio G Spa”, do site Guiagayrio.com	65
Quadro 1 — Apresentação das saunas no site Obaoba.com.br	66
Quadro 2 — Organização de informações por grupo lexical	67
Figura 10 — Propaganda de serviço de tele-sexo em imitações de cartões telefônicos (frente).....	75
Figura 11 — Propaganda de serviço de tele-sexo em imitações de cartões telefônicos (verso)	75
Figura 12 — Propaganda em telefones públicos (a maioria é de travestis)	77
Figura 13 — Propaganda em telefone público (o único homem, em detalhe)	77
Figura 14 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto do acompanhante	79
Figura 15 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações do acompanhante	79
Figura 16 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto de MaxG..P	80
Figura 17 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações de MaxG..P	80
Figura 18 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto de PM ATV	81
Figura 19 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações de PM ATV	81
Figura 20 — Tela inicial do site Netgay.....	83
Figura 21 — Categoria Mega Destaques do site Netgay.....	83
Figura 22 — Categoria Super Destaques do site Netgay	84
Figura 23 — Categoria Destaques do site Netgay.....	84
Figura 24 — Categoria Anúncios Simples do site Netgay	85
Figura 25 — Perfil padrão do prostituto no site Netgay.....	86

Quadro 3 — Passagens da obra <i>As aventuras de um garoto de programa</i> (1998), de Phil Andros, e a comunicação não-verbal	139
--	-----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	BREVE GENEALOGIA DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA	18
2	PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE — TIPOS DE PROSTITUIÇÃO	47
2.1	Os acompanhantes de luxo	48
2.2	Os garotos de programa e/ou <i>escort boys</i>	50
2.3	Os <i>gays for pay</i>	53
2.4	Os <i>michês</i>	55
3	LOCAIS DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE .	58
3.1	As saunas	59
3.2	As ruas	68
3.3	Os sites	74
4	NOVO LOCAL DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA: O ROMANCE	88
4.1	<i>Closer</i>	91
4.2	<i>Clube dos homens bonitos</i>	101
4.3	<i>Brutal uncut</i>	111
4.4	<i>O gosto do sexo sem rosto</i>	126
	CONCLUSÃO	138
	REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

A temática do corpo é um assunto que sempre se fez presente em meus estudos, desde que ingressei no mestrado em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ. Sendo este um assunto rico e que fascina, pude, por meio da minha dissertação *Monsters in the mirror: the question of Doppelgänger in Stevenson and Lee*, estudar mais detalhadamente os corpos abjetos dos personagens Mr. Hyde, da obra *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson (1886), e o personagem dos quadrinhos Hulk, criado por Stan Lee na década de 1960.

O corpo, enquanto objeto concreto de carne e osso, já recebeu diversas considerações, tais como filosóficas, metafísicas, médicas, históricas e literárias. Contudo, estas considerações geralmente concernem aos corpos idealizados pela mídia e pela medicina. Pode soar estranho um indivíduo querer ainda pesquisar e comparar corpos, uma vez que, na atualidade, os discursos midiáticos e capitalistas induzem que todos os corpos tenham o mesmo padrão, a mesma formatação.

Assim sendo, estes corpos padronizados são os que menos me interessam, já que julgo desnecessário estudar o que é considerado igual e que não apresenta divergência alguma. O fascínio que tenho pelo estudo do corpo desde a época do mestrado, e que posso me aprofundar mais agora, no Doutorado em Literatura Comparada, dá-se na articulação entre literatura e corpos abjetos. O fascinante nesta pesquisa é a possibilidade de compreender estes corpos, que, se por um lado não obedecem à padronização social, por outro são os que mais produzem discursos contra a cultura normativa.

A antiga concepção de que o corpo servia para, basicamente, duas propostas — a de possuir a obrigação de procriar; e a de guardar a essência vital, que alguns alegam haver dentro de nós — não faz mais sentido nos dias atuais, pois o corpo é entendido de uma forma muito mais ampla. O corpo assume múltiplas significações, indo além da de funcionar biologicamente como o aparelho pelo qual o indivíduo se insere no mundo. Ele é entendido como um narrador de suas próprias histórias e local onde a própria história é escrita. É nele, por exemplo, que tatuagens são feitas, e por elas são transmitidas mensagens para que os que rodeiam este corpo saibam como lidar com ele. Cicatrizes corporais podem ser equiparadas, metaforicamente, a capítulos escritos na pele de uma pessoa, fazendo com que o entendimento daquela marca seja, também, o entendimento da história que aquele corpo carrega.

Mediante o exposto até aqui, é impensável não despertar a vontade de estudar os corpos que fogem aos padrões, aqueles que, esteticamente, ao mesmo tempo, atraem e repulsam todos os que estão ao seu redor. Exemplifico este processo de atração e repulsão relembro minha dissertação de mestrado, quando mencionei o corpo monstruoso e abjeto do Hulk, que não permitia que ele fizesse parte de qualquer equipe de super-heróis, pois, por padrão, os super-heróis possuem medidas proporcionais e uma beleza Apolínea.

Em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), o corpo deformado de Hyde funcionava perfeitamente como uma alegoria literária, denunciando a visão que a sociedade vitoriana tinha sobre o que considerava um corpo abjeto, sendo até entendido como o mal em essência. Em contrapartida, Dr. Jekyll possuía um corpo belo e, por isto, era visto como um homem de respeito e dentro dos padrões vigentes à época. Ao fim da tese, constatei que este pensamento se tratava de um ledão engano da sociedade vitoriana, pois os atos de crueldade que Mr. Hyde realizava não eram idealizados por ele, mas, sim, desejos reprimidos pelo próprio Dr. Jekyll.

Minha dissertação me incentivou para que eu continuasse estudando o corpo em outros campos. Durante as leituras para a confecção do projeto, percebi que, a partir dos anos de 1980, com o aumento da importância cultural do corpo, surgiu uma série de problemas clínicos e sociais que não existiam antes, em relação ao corpo, tais como a vigorexia, a bulimia, a obesidade, a anorexia, o narcisismo em excesso. Uma intensa preocupação com a aparência física começou a se tornar parte do cotidiano das pessoas, forçando-as a se exprimir de um modo completamente novo.

À guisa de exemplificação do dito anteriormente, e com o intuito de expor, em seguida, o meu real tema de pesquisa, cito o fato histórico ocorrido a partir dos anos 1980, quando diversas pessoas faleceram em decorrência do HIV. Naquele momento, o corpo magro era o padrão de beleza, mas, com a associação da magreza à imagem das pessoas soropositivas, o imaginário cultural tratou de mudar o corpo magro por um corpo cheio de músculos, a fim de se construir, assim, uma imagem do indivíduo saudável e soronegativo. O corpo exposto no social, entendido como corporeidade, proporciona a construção da identidade e identificação dos sujeitos. A corporeidade, criada nas trajetórias de vida, contém representações sobre o corpo, ao mesmo tempo em que as expressa.

É possível observar, nas produções bibliográficas, acadêmicas ou literárias, diversas obras que abordam o assunto da prostituição, incluindo a problemática da prostituição infantil, sob diferentes perspectivas. No entanto, quando o assunto é prostituição masculina, tudo se

torna mais obscuro. Os dados gerados e suas interpretações parecem insuficientes, justificando, assim, a necessidade de mais trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

As pesquisas voltadas para a prostituição masculina são pesquisas etnográficas baseadas em estudo de campo, de uma determinada área, de certa cidade e de uma rua, em especial. No presente trabalho, o foco é voltado para o personagem do prostituto na literatura, o que poderia contribuir para dissipar esta escuridão que cerca uma profissão que é tão antiga quanto a prostituição feminina. A carência de um estudo mais profundo deste tipo de personagem acaba inserindo-o em uma categoria que podemos chamar de personagens marginais, ou seja, aqueles que não dispõem da mesma visibilidade que outros personagens nas narrativas literárias.

Em relação ao tema geral, que será desenvolvido nos capítulos seguintes, observo que, embora seja um assunto cercado de tabus, a problemática da prostituição e seus mistérios gera curiosidade, quando passamos na rua e deparamo-nos com este tipo de trabalho, feito por ambos os sexos, porém, a prostituição masculina, por ser de pouco entendimento para quem está de fora, acaba chamando mais a atenção. Embora tal forma de trabalho nem sempre tenha ocorrido somente na rua, é a rua que vai se tornar o local primário para a aquisição de clientes, seguido pelas saunas, agências de acompanhantes e também pelos clubes privados, onde o indivíduo pode atuar como dançarino, e, a seguir, como prostituto. Mais atuais e mais modernos, são os websites, nos quais o prostituto se anuncia sozinho, sem intermédio de agenciadores ou donos de clubes.

Um elemento que deve ser mencionado, quando falo de prostituição, refere-se a uma atividade que consiste em oferecer prazer/serviço sexual em provimento de uma remuneração financeira. Quanto ao sistema classificatório, discutido no Capítulo 2, decidi usar os termos prostituto ou trabalhador sexual, ao invés de michê, garoto de programa, *escort boy*, que são termos geralmente tidos como pejorativos, embora ainda classificatórios para alguns grupos.

Apesar de o meu interesse ser prioritariamente a Literatura, numa perspectiva comparada, percebi que era necessário visitar os locais da prostituição para um melhor entendimento do assunto. Assim, interpretar os personagens literários possibilitará uma observação privilegiada, no que concerne ao universo íntimo destes trabalhadores sexuais, que necessitam ganhar visibilidade e sair da marginalização, sempre imposta à prostituição, mostrando que estes indivíduos estão cada vez mais presentes na sociedade e que merecem ter o ofício observado sob uma perspectiva menos abjeta por nossa parte.

Para a elaboração deste estudo, a seleção de obras foi o primeiro obstáculo, pois, ao ponto em que temos uma enorme quantidade de narrativas que utilizam a prostituição feminina como tema, o número de textos literários cuja temática seja a prostituição masculina é extremamente reduzido. E, das obras pesquisadas, nem todas poderiam entrar no corpus deste estudo, por se mostrarem tendenciosas, reprodutoras de discursos morais religiosos, ou, ainda, por caírem em um texto repleto de clichês pornô e conteúdo insuficiente. Não afirmo que a literatura pornô não tenha valor, pelo contrário, comungo com as palavras de Dominique Maingueneau (2010):

Naquilo que diz respeito à literatura, nunca houve critérios seguros: a fronteira entre o lícito, o ilícito e o tolerado sempre foi flutuante. A depender dos lugares e dos momentos, o rótulo “pornográfico” foi colado a produções que, em outros tempos ou em outros lugares, certamente não seriam listadas nessa categoria: foi o que se deu, à época de sua publicação, com *As flores do mal*, de Baudelaire, e *Madame Bovary*, de Flaubert. Eles foram julgados como pornográficos e, conseqüentemente, tratados pela justiça como tais (p. 14).

Seguindo esta linha de pensamento, acredito que um dos fatores, para que pudesse trabalhar com um material rico e de bom conteúdo, deveria ser a escolha de autores renomados pelas suas obras, tais como: Dennis Cooper (*Closer*, 1989), Marcos Lacerda (*Clube dos homens bonitos*, 1996) e Marlon Albuquerque (*O gosto do sexo sem rosto*, 2013). E como falar de prostituição é um ato transgressor, reservo-me o direito de transgredir na seleção dos autores e inserir a obra de Aiden Shaw (*Brutal uncut*, 1996), que atualmente trabalha como autor, mas que, no passado, foi ator pornô e prostituto. Em suma, todos com pelo menos alguma premiação literária, incluindo Shaw. Definidos e apresentados os materiais de estudo previamente, faz-se necessário mostrar como ficará organizada e dividida a tese ao longo de seus três capítulos, incluindo, ao final desta pesquisa, a conclusão do trabalho. Não poderia deixar de inserir, também, autores brasileiros, visto que a prostituição masculina também ocorre no Brasil, e, portanto, é de estimado valor trabalhar igualmente com obras literárias brasileiras. Selecionei *Clube dos homens bonitos* (1996), do autor Marco Lacerda, que já havia produzido o *best-seller Favela High-tech*, e que apresenta, agora, uma narrativa que aborda a questão de personagens que encontram, na prostituição, um caminho de vida. A segunda obra brasileira, *O gosto do sexo sem rosto* (2013), foi escrita pelo autor Marlon de Albuquerque, e revela, em sua narrativa, não somente a prostituição em si, mas também o funcionamento de uma casa de prostituição, permitindo, assim, que este estudo consiga observar a prostituição sem luxo.

No Capítulo 1, busco apresentar uma breve genealogia da prostituição masculina. A confecção deste capítulo foi laboriosa, devido à precariedade de registros e obras sobre o assunto. Aqui também observo que a prostituição atual é o resultado de um amálgama do que havia em Roma e na Grécia Antiga; portanto, ao invés de abordar cada uma isoladamente, recorro ao processo de intercalar os fatos e registros sobre as duas geografias, para que os leitores fiquem familiarizados com esta intercalação desde o início do texto.

É de conhecimento do senso comum que os/as clientes que vão contratar os serviços sexuais tendem a privilegiar o homem com porte e expressão de gênero socialmente construída como masculina. Tais expressões são associadas à forma como o indivíduo se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com as expectativas sociais. Deste modo, poderíamos exemplificar, aqui, expressões masculinas tais como um aperto forte de mão, um corpo tonificado e musculoso, uma voz grossa, cabelo curto, postura sempre ereta, não se permitir chorar, entre outros traços que formam a visão estereotipada da masculinidade. Na Grécia e na Roma Antiga, alguns jovens, que quebraram com esta sequência entre o esperado do prostituto e a atitude com a qual eles se apresentam, foram depreciados por sua falta de virilidade e por se submeterem aos desejos de outros homens de uma forma sexualmente passiva e às claras.

Na Antiguidade, a escravidão — desconsiderando os outros aspectos que ela envolvia — proporcionava uma concentração de homens mais jovens à disposição dos senhores. Seus mestres poderiam fazer o que os agradassem, com os escravos mais jovens, inclusive tê-los como escravos sexuais (não sendo aplicável a esta tese para o estudo da prostituição, por se tratar puramente de escravidão e abuso). Escravos poderiam ser confinados nos bordéis, onde um mestre agia como um cafetão. Na Roma Antiga, os bordéis de meninos eram numerosos e altamente frequentados, enquanto a prostituição jovem ocorria na rua.¹ Vale lembrar que, quando se fala em bordel dos meninos, estamos nos referindo a algo bem distante do menor de idade dos tempos de hoje. E lembramos que a rua é o começo de tudo para a prostituição, onde meninos levantavam suas túnicas para atrair, assim, possíveis clientes, segundo o escritor e pesquisador Claudio Blanc, em sua obra *Uma breve história do sexo* (2010).

¹ Devemos ter cuidado com as palavras meninos e jovens, já que ambas podem sugerir a ideia de alguém menor de 18 anos, pois este é o nosso conceito nos dias atuais. Refiro-me a meninos sob um olhar típico da Roma Antiga, no qual estes eram homens novos que ainda possuíam tonicidade na pele, uma voz que beirava o tom vocal definitivo, e a aparência física que possibilitaria um futuro processo de formação. Enquanto o termo jovem se refere ao indivíduo que não apresentava mais estas características, mas também não poderia ser visto como um homem velho.

A prostituição masculina é tão forte, enquanto uma rede de trabalho alternativo, e capaz de uma extensa variabilidade, para continuar na clandestinidade, que, embora com o término da escravidão, esta forma de trabalho continuou prosperando e encontrou novos nichos, novos campos para a sua atuação. Nos banheiros públicos atuais, que continuam a tradição das termas romanas, os jovens se oferecem de forma encantadora por uma módica quantia. A tradição, evidentemente, continua até os dias de hoje na Europa, onde algumas cidades, vizinhanças ou parques públicos são conhecidos há décadas, ou séculos, como locais de encontro entre clientes e prostitutas. Constata-se, neste caso, uma tradição de atuação do trabalho sexual masculino em determinados locais na Roma e na Grécia Antiga ainda sendo praticado nos mesmos locais nos dias de hoje.

No Capítulo 2, trabalho a pluralidade de prostituições e os perfis mais expoentes de trabalhadores sexuais que existem no mercado atual. Esta pluralidade é apresentada sob três tipos de prostituições masculinas encontradas hoje. Primeiro, a prostituição de rua, que é a mais visível de todas. A prostituição através de saunas, que geralmente são bares e envolvem serviços extras, como dança, massagem, *strip tease* privado; e, finalmente, o acompanhante de luxo, que se trata do profissional que negocia seus serviços através dos sites, sendo este o mais caro, dado ao *status* que o profissional tem devido à sua beleza, grau de independência de atuação e representação de masculinidade.

Neste capítulo sobre pluralidades, organizo os trabalhadores sexuais por categorias, que eles próprios utilizam para separar e funcionar harmoniosamente, enquanto um sistema único. Para uma melhor representação, sem fixação rígida de fronteiras entre as categorias, optei por pensar em um organograma em forma de pirâmide, com o intuito de proporcionar, ao leitor, a noção da quantidade de trabalhadores que atuam em cada categoria, o quão próximas estão as linhas que definem cada uma delas e, por fim, a possibilidade de realocação no sistema mediante a passagem do tempo, grau de beleza, virilidade, situação social e outros aspectos.

Como dito anteriormente, a prostituição masculina tem uma flexível mutabilidade e adaptação às condições em que se encontra. Originalmente, esta forma de trabalho ocorria nas ruas, nos bordéis, em áreas portuárias ou vilarejos afastados das cidades; enfim, locais intitulados no passado como territórios da libertinagem. Estas localidades sempre foram apropriadas de formas diferentes; por exemplo, a prostituta não permitia que outra desconhecida ocupasse o seu local, os bordéis eram mantidos e chefiados por homens, que ofereciam proteção ao profissional para atuar no local, mas, por outro lado, exploravam

financeiramente quem estava sob o seu jugo; as áreas portuárias eram, por vezes, campos de batalha entre prostitutas, prostitutos e travestis. Com o esgotamento de espaços destes locais, novos campos de atuação precisaram surgir. No Capítulo 3, verificarei, ainda, novos espaços de exercício do labor sexual, tais como Internet, cinemas pornô, aplicativos de celular, telefones públicos e carro. O capítulo se destina a mostrar, ao leitor, a imensidão de locais nos quais a prostituição é capaz de se fazer presente, para que, a partir destes novos campos geográficos, os prostitutos possam obter mais clientes.

Se pensarmos na prostituição masculina como pano de fundo para um filme, nele haveria quatro grupos de atores atuando em seus papéis dentro deste espaço em questão. O primeiro grupo é o dos prostitutos, que dividem o palco com o segundo grupo: os clientes. O terceiro grupo seria o dos agenciadores, que lucram com a interação entre os prostitutos e os clientes. O quarto grupo consiste de agentes repressores, cuja missão acredita ser produzir normas sociais e reforçá-las através de uma política de vigilância profunda. Este último grupo tende a entrar em conflito com o terceiro, que se trata do grupo de agenciadores.

No Capítulo 4, tenho como meta discorrer a relação entre a prostituição masculina e o texto literário. Neste capítulo, utilizarei os quatro romances propostos no início desta introdução para tratar do assunto, sendo que cada obra tomará a porção de uma seção dentro do capítulo. Mesmo que o protagonista não seja um prostituto, foi considerado, para este estudo, como também objeto de análise, a aparição do trabalhador sexual, mesmo sendo este um personagem secundário na narrativa. Uma vez que o tema prostituição está ligado intimamente ao sexo carnal, é extremamente fácil acreditar que toda e qualquer obra que tenha uma passagem retratando o sexo venha a ser classificada como pornográfica. Mais uma vez, retorno a Maingueneau, e adianto que:

Não obstante, a noção de “intenção pornográfica” pode se revelar equívoca. Não pode ser considerado como pornográfico todo texto que provoque alguma excitação sexual nesse ou naquele leitor. Temos obrigatoriamente de nos restringir aos textos que se apresentam como decorrentes da escrita pornográfica. Nada impede um leitor de encontrar estímulos sexuais em um texto que não vise diretamente excitar seus leitores. Com efeito, tudo depende da maneira com que esses leitores se apropriam dele (2010, p. 17).

Com o sucesso de vendas de obras que exploram a temática sexual, e que tratam mais abertamente sobre o corpo do homem, sendo exemplos destas: *Cinquenta tons de cinza*, de Erika Leonard James (2011); *Toda sua*, de Sylvia Day (2012); a trilogia *Manwhore*, *Manwhore + 1* e *Ms Manwhore*, de Katy Evans (2015); *Como seduzir um bilionário*, de Portia da Costa (2016); *A chama dentro de nós*, de Brittainy C. Cherry (2017); entre outras.

Foi considerada, portanto, esta realidade, e o mercado literário produziu um enorme volume de livros voltados para leitoras que estavam dispostas a ler sobre o corpo masculino e suas narrativas contadas sob a vontade e ótica dessas leitoras, não levando em consideração, aqui, se podemos classificá-las como obras bem escritas ou não. Conseqüentemente, isto implicou na objetificação do homem enquanto produto de desejo carnal, e, nesta demanda literária, a imagem do prostituto surgiu nas obras com forte apelo.

Todavia, também é possível encontrar a figura do trabalhador sexual na literatura muito antes dos romances citados acima. A primeira obra, *Closer* (1989), de Dennis Cooper, é composta por capítulos que são intitulados pelos nomes dos personagens. Um romance fora dos padrões vistos, pois é dedicado ao sexo e à violência para a catarse de seus personagens, que são homens de uma moleza maçante e que vivem de encontros físicos que, por mais abrasadores que sejam, não proporcionam transcendência.

A segunda obra, intitulada *Clube dos homens bonitos* (1996), foi escrita pelo jornalista e escritor Marco Lacerda. Previamente, ele já havia se destacado com seu *best-seller Favela High-tech* (1993), onde narrava a temática da prostituição feminina no Japão. Agora, com o seu segundo livro, ele retorna ao tema, contudo, discorrendo sobre a prostituição masculina. Nesta obra, o personagem principal abre mão da fortuna de sua família no Brasil e decide morar em São Francisco. Em sua trajetória, Bruno passa pelo trabalho sexual como forma de sustento, até alcançar o patamar de monge zen.

O terceiro romance, *Brutal uncut* (1996), é o primeiro livro de ficção do Aiden Shaw, e traz um relato pessoal e perspicaz sobre prostituição, drogas e sexo gay. Contada a partir de uma perspectiva em primeira pessoa, a história se lê como um diário pessoal, rico em desenvolvimento de personagens. O assunto é direto: lidar com sexo gay sem proteção, prostituição e festas selvagens. Os personagens são aparentemente reais, escritos com profundidade e eloquência.

O quarto romance, *O gosto do sexo sem rosto* (2013), ainda é desconhecido do grande público brasileiro, todavia, ele se insere perfeitamente neste estudo, pois desvenda o mundo dos garotos de programa numa abordagem longe do *glamour* a que é geralmente descrito. A obra narra a vida de Diego, um jovem nordestino, que procura esperanças na cidade grande e lá encontra Alexandre, que o inicia na indústria do sexo. Não somente a obra trata da prostituição de menos luxo, mas também mostra o quanto ainda as casas de prostituição masculina se fazem presentes na atual sociedade brasileira.

Após uma comparação sobre como estes personagens são representados nos romances e analisados, além dos pontos postos em questão nos capítulos pregressos, a tese segue para a conclusão, na qual objetiva uma radiografia de como a figura do prostituto é retratada nas obras aqui estudadas. Como expressado anteriormente, nem todas as obras tratarão especificamente do assunto prostituição masculina; por vezes, suas narrativas cruzarão o assunto. Se, por um lado, pode ser desanimador não haver uma obra que trata em específico deste assunto, por outro, é instigante, pois o não falar ou o falar de forma reduzida denuncia muita coisa, entre elas, a confirmação do exposto no início da introdução, sobre a precariedade de obras com este tema e o quanto ele ainda está carente de ser explorado no âmbito da literatura.

1 BREVE GENEALOGIA DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA

Levantamentos preliminares acerca do tema da tese revelaram que há uma vasta pesquisa realizada no campo da prostituição, mas estes estudos estão, geralmente, ligados à marginalidade, a problemas de saúde pública, de controle policial ou sobre a prostituição feminina. Porém, poucos deles tratam da prostituição masculina na literatura, da questão do corpo, bem como da história social dos comportamentos desses indivíduos. Observei que a abordagem da prostituição sempre se insinuou por caminhos classificados como socialmente desviantes, e, levando-se em conta a multiplicidade de alternativas, foi necessário escolher, para trabalhar aqui, dois aspectos que proporcionariam alguma sondagem capaz de explicações que superassem a constatação do problema e indefinições atreladas a ele: a corporeidade do sujeito e a necessidade financeira.

Quando pensamos em trabalho sexual, automaticamente visualizamos mulheres que vendem seus corpos. José Carlos S. B. Meihy, professor titular aposentado do Departamento de História da USP e coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral, relata que é de senso comum a crença de que a prostituição feminina é a mais antiga das profissões — ainda que sem fundamento seguro da nossa parte. “Esse discutível suposto atravessa os tempos, garantindo-lhe aceitação do mesmo e desgastado fenômeno, atualizado em diferentes sociedades, com nuances nos graus de consentimento e controle” (MEIHY, 2015, p. 14). Há que se mencionar, também, que, em consequência desta crença, a prostituição masculina fica em segundo plano, no que tange à sua visibilidade social, e, no entanto, seu grau de aceitação é menor do que a da feminina.

Todavia, a história da prostituição masculina remonta aos primórdios da feminina. Mesmo a Grécia Antiga (referindo-se à Atenas Clássica, entre os séculos VI-IV a.C.), com todos os seus códigos, possuía uma grande quantidade de prostitutas, segundo relatam historiadores. Uma parte desses prostitutas trabalhava para uma clientela feminina, encontrando-se também atestada a existência de gigolôs desde a Época Clássica. Contudo, observa-se também que a maioria dos prostitutas trabalhava para uma clientela exclusivamente masculina. Ao contrário da prostituição feminina, que envolvia mulheres de todas as idades, a masculina se encontrava praticamente restrita ao grupo dos adolescentes e jovens.

A ideia, para o presente capítulo, é prover uma breve perspectiva histórica sobre a prostituição masculina na Grécia Antiga, por vezes, comparando-a com a de Roma. Meu

objetivo nesta parte da tese consiste em focar no corpo do prostituto enquanto objeto de desejo, enquanto exploro, também, temas como estigma social e exploração sexual e financeira. Outro objetivo deste capítulo é pensar a prostituição masculina em si, não necessariamente rotulando os seus praticantes como homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, ademais, esta questão de orientação sexual será tratada em um capítulo mais à frente.

Apesar de a prostituição masculina ter sido discretamente apoiada em Atenas, vale ressaltar que havia bordéis exclusivamente de homens e prostíbulos para mulheres, e homens pagavam taxas e impostos à cidade. Tal prática fora desta regulamentação poderia ter um aspecto vergonhoso aos olhos dos considerados homens nascidos livres, pois o labor da prostituição ilegal era realizado somente por ex-escravos ou estrangeiros, frequentemente nas ruas, parques e termas de Atenas. Esta não aceitação e marginalidade ocorrem até os dias de hoje, embora com uma intensidade muito menor.

Na Antiguidade, ter um passado como prostituto poderia render a um cidadão sérias consequências políticas, com risco, até mesmo, da perda dos seus direitos cívicos. A justificativa para tal perda de direitos se baseava na seguinte ideia: o indivíduo que se prostituía, que vendia o seu corpo para o prazer dos outros, não hesitaria em vender os interesses da comunidade como um todo. Assim sendo, esta pessoa deveria ser privada de fazer declarações públicas ou de ter qualquer direito. Por este fato, observamos que a prostituição na Grécia Antiga estava intimamente ligada à questão de caráter político, levando-nos a pensar em como o corpo do prostituto tanto poderia fazê-lo crescer socialmente, enquanto cidadão respeitável, quanto poderia torná-lo um indivíduo completamente renegado do convívio social. Quanto a esta inconstância, entre a prostituição ser ou não algo visto como normal na Grécia Antiga, Meihy nos traz um exemplo em relação à prostituição de mulheres, e ressalta que:

O complexo processo de tratamento dado às prostitutas em geral na chamada Grécia antiga tem valido mais como antídoto histórico para situações de preconceitos do que propriamente como referência fundamentada. Aproximada falsamente da tolerância e da permissividade, com frequência, autores e ativistas contemporâneos têm insistido em salientar experiências que mostram naturalidade no tratamento dos gêneros em prostituição. Faz parte do repertório comum de militantes e ativistas dizer que na Grécia antiga não havia grande censura à aceitação de meretrizes e que em todas as classes sociais elas estavam presentes (MEIHY, 2015, p. 23).

Como nem sempre o que é lei é realmente cumprido à risca, Claudio Blanc (2010) relata que a prostituição masculina era comum em Roma, e que os romanos costumavam pagar o preço de um talento para ter os jovens que desejavam. Blanc afirma que:

No século III da nossa era, apesar da legislação punir a prostituição masculina, ela continuava: numerosos efebos, ou “adolescentes”, se prostituíam com personagens célebres para escapar da pobreza e da indigência. Durante o Império, a maior parte dos prostitutos vinha da Ásia e da África [...] (BLANC, 2010, p. 49).

Pensar que esses adolescentes serviam apenas para tarefa de cunho sexual, é uma visão equivocada. Eles também serviam nas festas, nos banquetes, onde cantavam, dançavam ou narravam histórias obscenas, além de lavarem os pés dos convidados. Assim, observamos que a prostituição masculina era tão comum durante o Império Romano que, segundo historiadores, os impostos arrecadados por esta prática forneciam uma vultuosa fonte de receita para o tesouro romano.

Como dito anteriormente, a precariedade de material pesquisado e construído sobre a prostituição masculina é intensa. Sendo assim, pareceu-me mais viável partir do modelo que conhecemos da prostituição feminina e proceder com uma comparação com os dados de que dispomos para a prostituição masculina, no intuito de tentar determinar a existência ou não de paralelos entre ambos os campos e, assim, avançar com as pesquisas até as conclusões.

Os professores e pesquisadores Victor Minichiello e John Scott (2014) relatam, em seus estudos e pesquisas, que prostitutas romanas eram legalmente respeitadas, uma vez que eram agrupadas separadamente dos trabalhadores masculinos e eram semanticamente diferenciadas sob a classificação de *hetarae* (cortesãs), e não *sphintria*² (cortesãs sem prestígio). Os prostitutos também eram classificados de forma diferente: tínhamos o prostituto cuja única opção de sobrevivência era a venda do sexo, e o intitulado *eromenoi*. O que os diferenciava era a lei defendida pela cultura grega, que privava a um a total ausência de seus direitos, enquanto que, ao outro, era oferecida a possibilidade de ascensão social, já que este estaria ligado a um *erastes*.³ Visualizamos, assim, que a prostituição masculina era tolerada, ainda que não totalmente descriminalizada, pois, aos prostitutos romanos, eram frequentemente negados os direitos básicos de cidadania.

² Saliento que a palavra *sphintria* foi encontrada com pelo menos dois outros significados durante esta pesquisa. O primeiro, relacionado a prostituta sem prestígio; em outra acepção, a mesma palavra se refere ao prostituto também sem deferência.

³ Amante mais velho.

Minichiello e Scott (2014) citam Dauphin para mostrar a questão de caráter político que a prostituição poderia assumir na vida de um indivíduo, através da história de Theodóra, uma menina de Constantinopla que se tornou a consorte do imperador Justiniano:

[...] Era conhecida pelos monges sírios como “Theodora que veio do bordel”. Sua carreira prova que as cortesãs bizantinas, conhecidas no antigo grego como “Hetaira”, poderiam aspirar a papéis influentes em altas esferas políticas. Muito antes de sua puberdade, Theodora trabalhou em um bordel de Constantinopla onde, de acordo com a historiadora Procopius da História Secreta de Caesarea, ela foi contratada a um preço barato por escravos, já que tudo o que ela podia fazer pertencia ao papel de uma “prostituta masculina” (2014. Tradução minha).⁴

Como exposto sobre a prostituição feminina e masculina nos parágrafos acima, a questão de sua legalidade na Grécia e na Roma Antiga varia muito de autor para autor. Não sendo esta a questão pertinente a este estudo, procuro me ater a um fato de interseção entre todos os autores: o de que todos eles reconhecem que a prostituição tinha um caráter político⁵ nas sociedades antigas.

Um elemento preponderante, encontrado em pesquisas e livros publicados sobre o assunto da tese, é que prostitutas no Império Romano eram, em sua grande maioria, escravos abandonados e com pouca possibilidade de ascensão social. De acordo com estes fatos, nota-se que tornar-se cortesão de alta classe poderia significar ter uma vida um pouco melhor do que a que eles levavam. Há que se ter em conta, uma vez mais recorrendo ao saber estereotipado das representações sociais, a necessidade de se desconstruir a ideia de que, bastou um indivíduo ser sustentado economicamente por um homem mais velho, que já se tratava de um caso de prostituição. É bom salientar que existiam os prostitutas por imposição (ex-escravos e estrangeiros) e os protegidos acolhidos politicamente por homens mais velhos (*erastes*). O primeiro grupo usava o corpo como forma de ganho de vida, baseado na premissa do sexo por dinheiro. O segundo também usava o corpo, mas, neste, havia um código de comportamento que o livrava do rótulo de prostituto e o permitia uma ascensão social. É necessário clarear também a noção de pedofilia, para não haver qualquer mal-entendido, já que estou tratando de uma relação entre homens mais velhos e homens ainda na adolescência.

⁴ [She] was known to Syrian monks as “Theodora who came from the brothel”. Her career proves that Byzantine courtesans like the Ancient Greek hetairai could aspire to influential roles in high political spheres. Long before her puberty, Theodora worked in a Constantinopolitan brothel where, according to the court-historian Procopius of Caesarea’s Secret History, she was hired at a cheap rate by slaves as all she could do then was to act the part of a “male prostitute.”

⁵ Quando menciono caráter político, refiro-me à oportunidade que o prostituto tem de deixar a posição de um cidadão simplório e ascender à de um indivíduo que pertence ao quadro político de uma determinada sociedade. Como visto nesta pesquisa, ao fim de uma determinada idade, o rapaz tutorado era liberado do convívio com seu tutor e ganhava um título político.

A pedofilia é geralmente considerada um tipo de perversão sexual caracterizada pela atração física (ou de outra ordem) por crianças até a sua puberdade, sejam elas do gênero masculino, feminino ou ambos, sendo categoricamente classificada como uma doença mental pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A pedofilia foi muitas vezes associada ao termo pederastia por sistemas totalitários fascistas para estigmatizar a relação sexual entre pessoas do gênero masculino enquanto doença mental.

A linha que divide a pedofilia (atração sexual patológica por crianças) e a pederastia é por vezes sutil, pois acabamos pensando sobre o assunto utilizando nossos conceitos e perspectivas dos dias atuais. Desta forma, faz-se necessário dar um breve enfoque sobre a pederastia, para uma melhor compreensão.

Para a educação de uma seleta parcela de jovens cidadãos atenienses, era esperado que estes aceitassem a amizade e os laços amorosos com homens mais velhos e com ascensão social marcante. Através deste laço, entre um jovem e um homem mais velho, os atenienses acreditavam que os meninos pudessem absorver as virtudes de um bom cidadão e a sabedoria da filosofia.

Ao nos referirmos a meninos, devemos levar em conta dois fatores: a noção de idade e estimativa de vida daquela época era bem diferente da nossa noção atual, e esta prática não era bem aceita para meninos com idade inferior aos 12 anos. Somente após os 12 anos, quando o jovem e sua família aceitavam o laço, este menino se tornava passivo até os 18 anos, embora existissem casos de alguns que permaneciam neste papel de passivo até os 25. Após esta idade, o jovem assumia o papel de ativo, obtinha um cargo político e retornaria a este ciclo, inicialmente escolhendo um menino e depois casando com uma mulher, tornando-se um cidadão apto a desempenhar seu papel na sociedade.

A palavra “passivo”, no parágrafo anterior, pode ser interpretada de forma ambígua, pois me deparei, durante a pesquisa, com autores que a utilizavam para descrever a forma sexual a qual o menino se comportava junto ao homem mais velho; enquanto outros autores sugerem esta passividade no campo da intelectualidade, justificando, então, a necessidade daquele indivíduo menor receber o *erastes* como seu tutor.

O jornalista e escritor Humberto Rodrigues (2004) nos conta, em sua obra *O amor entre iguais*, que a pederastia (não confundir com pedofilia mais uma vez) era vista como um sentimento puro, que equivalia ao amor e à virtude. Baseava-se nisto o ideal de uma educação aristocrática, tendo até um nome, a *areté*. Para falar dos amores lacônicos (espartanos),

Rodrigues cita Plutarco, que dizia que não residia aspecto desonesto algum, e, sim, toda a continência e vasta honestidade, todo apreço e cuidado de tornar o jovem mais que virtuoso.

Para Colin Spencer (1999), escritor e crítico inglês:

A cultura ocidental tem suas raízes no passado, e foi moldada na sua maior parte pela “idade do ouro” dos gregos e pelos ensinamentos bíblicos dos hebreus. Essas duas culturas antigas estavam tão completamente em contradição na sua visão das mulheres e do sexo, no modo como considerar a masculinidade infantil, o conceito de prazer e a ideia do divino que nos tornamos da mesma maneira esquizofrênicos em nossas atitudes em relação à sexualidade e, nos campos social e psicológico (p. 40).

Spencer diz que há registros de sedução de meninos na ilha de Creta, e que este tipo de ato se dava por convenção social. O autor nos conta que o historiador grego Éforo (405-330 a.C.) escreveu um extenso relato sobre a pederastia em Creta. Contudo, seu trabalho foi extraviado, e quase tudo do que sabemos sobre o assunto vem de Estrabão de Amasia, um escritor que viveu 200 anos depois.

Autor de livros de geografia, Estrabão descreve com detalhes as convenções eróticas da sedução. Reside na palavra erótica todo o mecanismo de funcionamento desta pederastia, e que vale ser explicada aqui. Por regras e convenção, o amante contava aos amigos e à família do menino da vontade de conquistá-lo e tê-lo como protegido. Entram em cena as artimanhas do jogo social, e a família e os amigos do menino fingiam se preocupar com a integridade do jovem mancebo e simulavam uma perseguição ao homem mais velho, desde que ele tivesse uma posição social considerada favorável. Caso contrário, esta perseguição seria real, e seria entendido que não houve aceitação da família sobre o acolhimento por parte desse homem mais velho junto ao menino.

Nem todos os meninos eram alvos de apadrinhamento em potencial. O costume em Creta era que os mais desejáveis seriam os tidos como valentes e inteligentes, mas não necessariamente os mais belos. A partir destas duas qualidades vistas no rapaz, o amante o levava para montanhas e florestas, e lá habitavam por cerca de dois meses, juntos de amigos e parentes deste jovem. Ao longo destas semanas, o amante ensinava o menino a caçar, a sobreviver em ambiente não favorável, e, o mais importante, a se tornar um homem mais honrado.

Na questão sexual, os textos de Estrabão contam que o amante realizava sexo com o jovem, e que o jovem desempenhava o papel de passivo na relação. Após estes dois meses, o menino voltava para casa com três presentes representativos desta experiência: um boi, uma armadura e uma taça.

Não entendo este afastamento do menino como um sequestro ou imposição do mais velho sobre o mais novo. Apenas percebo esta reclusão de dois meses como um rito de passagem.⁶ É inegável que durante a nossa vida, e independente do ambiente no qual estamos inseridos, vivenciamos ritos de passagem que marcam o início ou término de etapas, perdas, ascensão, independência, entre outros eventos que promovem a consciência de que estamos em um processo de mudança. A este respeito, é notório que o afastamento do jovem do meio social, ainda que, por parte, acompanhado de amigos e alguns familiares, cumpre um papel importante de mostrar que sua vida pode estar evoluindo, ou, ainda, alertá-lo de que precisa se abrir à transformação pessoal.

Cada presente era usado de uma maneira devidamente apropriada. O boi, por exemplo, não pertenceria à família do jovem, mas era dado para ser oferecido como sacrifício a Zeus, havendo, logo após tal prática, uma procissão, seguida de uma festa, que celebraria o primeiro passo do menino na vida adulta. O menino, então, tornava-se um benfeitor da cidade, ao mesmo tempo demonstrando sua devoção e gratidão a Zeus. A taça era usada para beber o vinho dado somente ao jovem, pois mulheres e crianças não tinham permissão para tomar deste vinho, por se tratar de uma bebida nobre e que só era servida nos banquetes, simpósios, cerimônias cívicas e rituais. Finalmente, a armadura alçaria o menino ao *status* de guerreiro e protetor do Estado.

Spencer (1999) trabalha com a perspectiva de o corpo ser levado em conta nas investigações sobre o sujeito, mas baseia esta hipótese no *Symposium* de Platão, para que tenhamos a compreensão da ética do comportamento sexual grego.

Segundo Spencer, Pausânias⁷ descreve duas espécies de amor: o inspirado por Afrodite, que podemos dizer que é um amor comum, que leva os homens de pequeno valor a dedicar suas afeições sem distinguir mulheres e meninos. Estes homens são movidos no amor mais pelo corpo do que pela alma. O segundo amor, inspirado por Afrodite Urânia, é o que entendemos como amor celestial por meninos, exibido pelos homens notáveis e nobres, que escolhem seus amados com cuidado e sensibilidade, priorizando e suprimindo sua educação e bem-estar.

⁶ Podemos definir ritos de passagem como eventos que marcam momentos importantes na vida das pessoas. Os mais comuns são os ligados a nascimentos, mortes, casamentos e formaturas.

⁷ Pausânias foi um geógrafo e viajante grego, autor da *Descrição da Grécia*, obra que presta uma importante contribuição para o conhecimento da Grécia Antiga, graças às suas descrições de localidades da Grécia Central e do Peloponeso.

Observo, nas regras que regiam o segundo amor (Afrodite Urânia), o momento em que o pensamento de Spencer realiza uma interseção com o de outros autores pesquisados, uma vez que uma grande totalidade desses autores evidencia que, para esses meninos, não poderia haver a entrega fácil ou a demonstração de ansiedade por querer ser escolhido; o amante deveria mostrar lealdade e valor para com o jovem; e, por fim, era essencial que o menino tivesse a certeza de que o amante não estava interessado somente no seu corpo.

Todavia, existem correntes de pensamentos de outros autores que vão na contracorrente dos entendimentos de Spencer, afirmando que a beleza corporal era fator decisivo para escolha do jovem pelo amante. Pelo motivo do presente trabalho focar somente no corpo dos prostitutos, não é de interesse, neste ponto, de o texto acender mais a chama desta discordância entre os estudiosos, uma vez que Spencer pareceu esquematizar e explicar muito mais claramente o processo de apadrinhamento do jovem.

Os registros sobre a prostituição masculina na Grécia Antiga (ainda poucos, se comparados aos registros da prostituição feminina) mostram que os gostos pederásticos não se limitavam a uma determinada classe social. Os gregos que não possuíam tempo ou disponibilidade para seguir os rituais da pederastia,⁸ por vezes recorriam aos prostitutos.

Outra razão que justifica o recurso à prostituição se relaciona aos tabus sexuais: os gregos consideravam a prática do sexo oral como um ato degradante. Assim, numa relação pederástica, o erastes⁹ não poderia pedir ao eromenos que praticasse este ato, ficando esta prática reservada aos prostitutos.

Considerando as constatações acerca da estigmatização e criminalidade da pedofilia na sociedade atual, a pederastia na Grécia Antiga não era vista como algo criminoso. O ato de ter relações sexuais com pré-púberes era aceito, como descrito pelos pesquisadores Vernon Provençal e Beert Verstraete (2005) na introdução de seu livro *Same-sex desire and love in Greco-Roman Antiquity and in the classical tradition of the west*:

A pederastia (antiga e moderna) não deve ser confundida com nosso significado de pedofilia para designar a exploração sexual — heterossexual ou homossexual — da imaturidade de uma criança. A distinção entre os dois é observada socialmente pelo reconhecimento de uma idade apropriada para o interesse erótico por parte do adulto e pelo consentimento sexual por parte do adolescente. A idade ideal dos eromenos

⁸ Entende-se por ritual de pederastia o ato de observar os jovens no ginásio, fazer a corte, oferecer presentes.

⁹ Amante mais velho.

retratados em vasos-pinturas e descritos graficamente como a idade de uma primeira barba é a de um 14 a 17 anos de idade (2013. Tradução minha).¹⁰

Para termos uma ideia do que poderíamos classificar como adolescentes e jovens, basta que imaginemos um rapaz cuja faixa etária se estendia entre a puberdade e o aparecimento da barba, constituindo a ausência de pelos um elemento de erotismo entre os gregos. Segundo relatos, são mesmo conhecidos casos de homens que tinham como amantes homens mais jovens que se mantinham depilados. Poderíamos nos assustar com esta perspectiva da idade do prostituto, porém, devemos lembrar que a prostituição masculina não era para os gregos objeto de escândalo como é nos dias atuais, muito menos a ideia de idade como dito anteriormente.

Butrica (2005) sugere em seus estudos sobre as percepções romanas de homossexualidade, e usa o termo pedofilia para realçar a natureza coercitiva e exploradora das relações sexuais entre os erastes e os erômenos.

No que tange à exploração sexual de escravos, este assunto teve lugar de destaque na Grécia Antiga, especialmente em tais sociedades escravagistas, como Atenas. No entanto, foram institucionalizadas relações pederastas entre adultos e adolescentes do sexo masculino nascidos livres, e que representavam a sociedade normativa. Este não foi o caso em Roma, como afirma Butrica, que aponta para a lei que proibia a relação sexual entre os homens nascidos livres.

Provencal e Verstraete afirmam que, mais importante do que pensarmos na pedofilia na concepção atual que temos, deveríamos pensar na pederastia e seu papel crucial enquanto realização dedicada à proeza militar e atlética para os jovens do sexo masculino, sendo estes cortejados e orientados por um homem mais velho e mais influente socialmente. Pensando deste modo, abolimos a questão da criminalização desta prática e nos concentramos melhor na questão dos estudos da nudez, atletismo e erotismo do corpo, formando, assim, uma matriz essencial, que deu origem ao que era mais peculiar e definitivo sobre a pederastia institucionalizada na Grécia Antiga. Provencal e Verstraete relatam que:

De Esparta a Atenas a Tebas e além, o mundo grego incorporou a pederastia em seus sistemas educacionais. A pederastia tornou-se uma maneira de levar um rapaz à idade adulta e à participação plena na polis, o que significava não apenas

¹⁰ Pederasty (both ancient and modern) should not be confused with our meaning of pedophilia to designate the sexual exploitation — whether heterosexual or homosexual — of a child's immaturity. The distinction between the two is observed socially by recognizing an appropriate age for erotic interest on the part of the adult and for sexual consent on the part of the adolescent. The ideal age of the *eromenos* depicted on vase-paintings and described graphically as the age of a first beard is that of a 14 to 17-year old.

a participação na política, mas principalmente a capacidade de beneficiar a cidade em uma ampla gama de maneiras possíveis. Assim, a educação, o treinamento e até mesmo a inspiração proporcionada na relação pederástica liberaram forças criativas que levaram ao que se chamou o “milagre” grego. Por volta de 630 a.C., encontramos a instituição da pederastia grega informando a arte e a literatura até certo ponto ainda a ser plenamente apreciado. Além disso, esta influência não se estende apenas aos reinos “superiores” da cultura, mas também pode ser vista estimulando a sociedade em todos os níveis, desde os militares aos jogos atléticos, da filosofia à historiografia. Uma compreensão das práticas sexuais — útil, mesmo essencial, para uma apreciação da pederastia grega — não pode explicar completamente a sua relação com esses outros fenômenos; a pederastia é encontrada em muitas sociedades, e certamente existiu antes dos gregos (2013. Tradução minha).¹¹

O ativista e escritor Norte americano Friedman (2012) afirma que, quando olhamos para o assunto prostituição masculina, devemos estar atentos a dois detalhes: a) se há sexo nesta relação, geralmente entre um homem mais velho e um homem mais novo; b) existe um pagamento por esse sexo. Por estas afirmativas, podemos observar que a relação de prostituição masculina também pode ser vista como consequência ou reflexo da disparidade econômica entre um homem mais velho e um homem mais novo.

Acrescentaria mais um reflexo ao que foi dito anteriormente: a questão da posição social do indivíduo. O rapaz, por vezes sem condição econômica de se tornar um cidadão de respeito na Antiga Grécia, valia-se de seu corpo como instrumento para sua ascensão social. Acredito assim ser, pois o *efebo*¹² escolhido pelo seu tutor acabava acompanhando o nível deste último na escala social. Em outras palavras, quando o homem mais velho ascendia sua posição na sociedade, o jovem rapaz também o fazia, por estar intimamente atrelado ao seu tutor. Fato interessante também se dava na vida dos homens mais velhos, e, com certeza, isto fazia com que esta constante busca por um jovem para educar fosse mais frequente: para os homens mais velhos, não ter um protegido, alguém que absorveria seus ensinamentos, era considerado um desrespeito ao dever cívico, caindo em desgraça com seus pares do mesmo nível político.

¹¹ From Sparta to Athens to Thebes and beyond, the Greek world incorporated pederasty into their educational systems. Pederasty became a way to lead a boy into manhood and full participation in the polis, which meant not just participation in politics but primarily the ability to benefit the city in a wide range of potential ways. Thus the education, training, and even inspiration provided in the pederastic relationship released creative forces that led to what has been called the Greek “miracle.” From around 630 BCE we find the institution of Greek pederasty informing the art and literature to a degree yet to be fully appreciated. Moreover, this influence not only extends to the “higher” realms of culture, but also can be seen stimulating society at all levels, from the military to athletic games, from philosophy to historiography. An understanding of sexual practices — useful, even essential, to an appreciation of Greek pederasty — cannot fully explicate its relationship to these other phenomena; pederasty is found in many societies, and certainly existed before the Greeks.

¹² Infante que atinge a puberdade.

Por outro lado, segundo Spencer (1999), para um menino mais novo não ter alguém tentando seduzi-lo poderia ser uma desgraça social para a família, pois, além disso, significava que a família não receberia um auxílio financeiro, e, no entanto, era certo também que seria muito difícil para este menino ingressar na carreira política ou ser um cidadão de destaque na sociedade. A partir disso, penso que o fator econômico é, sem dúvida, fundamental para manter a prostituição. Entretanto, o meu foco será o corpo prostituto como fonte de prazer erótico, e não somente uma fonte de renda. Mas não posso me abster de mencionar importantes aspectos da questão da necessidade econômica na vida dos prostitutas, para que outros pontos possam ser bem entendidos no decorrer da presente pesquisa.

Ao longo deste estudo, percebo que o tema da sobrevivência através da venda/aluguel do corpo parecia ser um fator que ia além da real necessidade de sobrevivência, mas, por vezes, atraía os jovens que ingressaram e ingressam no mundo da prostituição. Segundo o pesquisador Paulo Roberto Ceccarelli: “Na Grécia antiga, a prostituição masculina, como a feminina, já existia e não era vista como algo escandaloso. Os pórnoi, ‘homens prostituídos’, atendiam homens e mulheres e estavam sujeitos ao pagamento de taxas nos bordéis de Atenas” (2008, p. 11).

É notório perceber que prática alguma de prostituição pode ser desvinculada do interesse econômico, uma vez que o termo prostituição está intrinsecamente ligado a serviços sexuais mediante pagamento. O aspecto econômico é o determinante mais forte de ingresso no universo da prostituição desde os tempos da Grécia Antiga, quando os indivíduos não obtinham sucesso no auto sustento ou quando já chegavam na cidade escravizados e eram levados aos bordéis. Até os dias atuais, quando, segundo a pesquisadora Andresa M. Vicentini, os prostitutas demonstram que “para garantir a sobrevivência faz-se necessário transpor alguns obstáculos, esquecer alguns valores, seguir as regras do grupo, enfim se adequar. Eles se unem, disputam, sofrem e sorriem, vivendo cada dia para garantir a sobrevivência” (2008, p. 15).

Quando pensamos no aspecto financeiro, não devemos apenas crer que o prostituto receberia exclusivamente para ele o valor pelo serviço, pois, como dito no parágrafo anterior, o ato de se prostituir não pode ser desvinculado do interesse econômico. Em Roma, “o lucro para os cofres públicos era tanto que, mesmo após o cristianismo ter pregado a intolerância à prostituição masculina, os imperadores não puderam abrir mão dessa fonte de receita” (Blanc, 2010, p. 49).

Assim, visto sucintamente, percebemos que a prostituição de homens existia na Grécia Antiga, particularmente em cidades importantes e em áreas portuárias que empregavam um número significativo de indivíduos neste campo, e a renda gerada por eles representava uma parte da atividade econômica local.

Para alguns autores, inclusive Meihy (2015), outra linha de herança grega sobre as origens e o ordenamento da prostituição diz respeito à homossexualidade. Tanto as mulheres como os homens teriam suas práticas decorrentes de tradições dos meios em que vivem. Embora eu vá procurar não tratar exclusivamente da ligação entre prostituição e homossexualidade, faz-se necessário tecer alguns parágrafos sobre o assunto. Meihy relata uma série de fatores que possivelmente poderiam ter funcionado como formas de associação entre prostituição e homossexualidade:

A mais evidente herança grega ao moderno debate sobre a prostituição evoca o legislador Sólon de Atenas. Ao promulgar leis que diziam respeito até mesmo ao pagamento de impostos pelos usuários da prostituição, o “pai da democracia ateniense”, Sólon, abonava a compra de escravas para os prostíbulos e sua distribuição segundo regras legisladas. Os primeiros esforços em favor do estabelecimento de regras sobre o meretrício é legado relevante. Na mesma linha, Sólon também tratou do controle dessa atividade como problema de saúde pública, outro fato importante. Também herança grega não desprezível remete a Aquiles, que teria sido o protótipo do primeiro travesti. Reza a lenda que Aquiles foi travestido para se salvar na guerra de Troia, e sobre essa passagem tanto se pronunciou Platão como Ésquilo e Homero. O simples registro das aventuras de Aquiles abre estrada para se pensar nas variações de gênero que mais tarde eventualmente teriam relações com atividades ligadas à prostituição (2015, p. 25).

No que tange ao que é considerado masculino, existe uma tradição dos fundamentos teóricos da homossexualidade masculina que possivelmente teria se originado na Grécia, com projeção na contemporaneidade. Erroneamente associada à pederastia, a prática homossexual ocorria entre os gregos, mas nada tinha a ver com os pressupostos da pederastia, que era prática de cunho pedagógico. Como explicado anteriormente, a pederastia consistia no costume dos *erastes* (adultos mais velhos, da elite, cidadãos bem colocados na sociedade) terem seus discípulos denominados *eromenos/efebos* —, que eram patrocinados e tutelados por cidadãos de idade mais avançada. Ainda que muitos duvidem da existência de relações homoafetivas, são comuns as referências que tentam garantir determinada legitimidade à homossexualidade masculina. Isto não implica que não houvesse casos de paixões entre os *erômenos* e os *erastes*, mas é certo dizer que não era uma regra.

Cambiando para o caso da Roma Antiga, a moralidade romana já tinha mudado no século IV, quando Amiano Marcelino criticou severamente os costumes sexuais dos *taifali*,¹³ de cuja cultura ainda fazia parte a pederastia ao estilo grego. Em 342 d.C., os imperadores Constantino II e Constâncio II introduziram legislação que castigava a homossexualidade passiva, possivelmente com a castração. Estas leis foram ampliadas em 390 d.C. por Teodósio I, o Grande, condenando à fogueira todos os homossexuais passivos que se prostituíam em bordéis. Em 438 d.C., a lei passou a abranger todos os homossexuais passivos (de bordéis e ou de outro local), e, em 533 d.C., Justiniano I passou a castigar todos os atos homossexuais com a castração e a fogueira.

Orbitando pelo tema geral, sabemos que existe um julgamento moral, por trabalho sexual ser um serviço em que se oferece o corpo/sexo em troca de remuneração financeira. Este processo de discriminação retrata a construção social do estigma que incide sobre a prostituição e os indivíduos que se prostituem. Quando assim pensamos nesta problematização da prostituição masculina na Grécia Antiga, é necessário que usemos o pensamento de Michel Foucault (2012), para um melhor entendimento da razão pela qual a prostituição exercida pelos homens era tão comum naquela época, mas, ao mesmo tempo, perigosa para quem nela adentrava.

Entendo que a relação sexual que existia para os gregos era a relação entre um cidadão adulto e um jovem. Não se tratava de tolerância ou o contrário, pois se referia a uma prática livre, permitida por lei, como já citado anteriormente neste trabalho. Mas, sim, uma relação delicada, entendida aqui, mais uma vez, pelo viés de Foucault, no qual existem riscos que vão além dos vícios de excesso e passividade que ameaçam o sujeito do uso dos prazeres. Este risco não se dá pelo lado do amante (o homem mais velho), mas, sim, pelo do amado (o homem mais novo).

Foucault nos faz notar, sublinhando assim o que nos diferencia dos gregos — o indivíduo afeminado é o excessivo, o que tem uma atitude passiva ante os prazeres, o que se deixa levar pelo exagero nos prazeres da mesa e nos de Afrodite, não aquele que tem relações sexuais com outros homens. Também se considera afeminado o rapaz fácil demais ou interessado demais, que aceita uma relação com um cidadão adulto por prazer passivo ou por benefícios materiais (Larrauri, 2009, p. 74).

Um cidadão adulto pode ter uma relação sexual com um jovem amado e guiá-lo de tal forma que não se possa dizer que tal cidadão tenha perdido o governo de si mesmo, e, portanto, possa vir a ser um grande governante dos demais, seja em sua casa ou na cidade.

¹³ Tribo bárbara que habitava entre os Cárpatos e o Mar Negro.

Neste momento reside o perigo da passividade do indivíduo, pois, quando era um tutorado e atuava de forma passiva sexualmente no passado, isto poderia manchar seu futuro político com este rastro pretérito deixado. O que está sob suspeita é o futuro do jovem amado como cidadão, uma vez que ele tem que ser ativo e dono de si para alcançar o cargo de governante.

Foucault alega que os discursos morais dos gregos se encaminham para mostrar em quais circunstâncias e quais requisitos o jovem deve concordar em ser o amado de um cidadão adulto. A linha entre o jovem amado por um homem mais velho e um prostituto na Grécia Antiga parece ser muito tênue, e, por vezes, não sendo de fácil compreensão. Como maneira de exemplificar esta divisão, podemos pensar alguns fatores que delimitam esta linha, tais como: a) a idade do indivíduo; b) o amado aceitar ou não favores ou presentes do amante; c) as pretensões do amante em relação ao amado, sobre possuir ou não o propósito de uma educação pedagógica.

Para este rapaz grego, cuja condição social está o chamando a ser um cidadão livre, sujeito de ação em sua vida privada e em sua vida pública, não se caracteriza como uma desonra que muitos cidadãos adultos o persigam apaixonados. O que será de suma importância, aqui, é que somente a prática desta relação, o modo como ela se realiza, determina o seu valor moral: se esta relação incentiva a passividade do jovem, se o jovem se presta a todos os caprichos do amante e deixa-se seduzir por qualquer um, ou se se trata de algo ruim ou feio; ao contrário, se o jovem não fraqueja em deixar-se dominar e assume esta relação como uma prova da qual deseja sair com um maior domínio sobre si mesmo, trata-se de algo virtuoso e belo. Assim sendo, Foucault constata que, para entendermos esta relação entre o amor pelos rapazes, é preciso que lembremos do princípio do isomorfismo¹⁴ entre relação sexual e relação social:

Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual — sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade — é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros (Foucault, 2012, p. 269).

Elaboremos que, para um rapaz livre daquela época, a ambientação nestes jogos de valores já era muito complicada, pois estes jogos eram regulados por tais princípios. Imaginemos, então, para os jovens que optaram, ou foram impostos, enquanto escravos e

¹⁴ União em busca de formar um objeto comum, porém como características únicas, específicas.

economicamente desfavorecidos, a terem a prostituição como meio de sobrevivência. Muito além da questão da sobrevivência financeira, a prostituição masculina era o que restava para os jovens com 30 anos que ainda não tinham se casado. Havia uma lei que dizia respeito aos efeitos de desqualificação cívica e política que a má conduta de um homem o levaria ao declínio social — mais precisamente através da prostituição —, porque ela o proibia de exercer o sacerdócio, ser admitido na classe dos nove arcontes, executar funções de advogado público, entre outras. Ao jovem que optava pela prostituição, esta lei fazia desta prática um caso de desonra pública.

Quero me atentar agora ao jogo corporal vivenciado pelos erômenos, e não mais aos prostitutas por vocação, por assim dizer, pois eles trazem em suas histórias o grande jogo erótico corporal. Pensemos primeiramente na questão do *erastes* casado e em sua esposa. Ao casal, ficava somente destinado o espaço geográfico da casa onde habitavam, enquanto que, com o rapaz, o jogo era em campo aberto, um espaço muito diferente. O jogo erótico corporal entre o jovem e o homem mais velho se dava nos espaços externos, como as ruas, lugares de reuniões, ginásios, espaços de possíveis deslocamentos onde cada um circula livremente.

A partir do contato inicial com o erômeno, começa o jogo erótico de perseguir sutilmente o rapaz, caçá-lo, vigiá-lo e, por fim, apreendê-lo no local que ele se encontra. Do outro lado, o rapaz também adentra no jogo e permite ser olhado, admirado, exhibe-se chamando a atenção, mas, sobretudo, não se deixando cair no papel de dócil e frágil. Foucault (2012) diz que “[...] o jogo é também aberto e sobretudo pelo fato de que não se pode exercer sobre o rapaz — do momento em que ele não é de origem servil — nenhum poder estatutário: ele é livre para escolher, para aquilo que aceita e recusa em suas preferências ou decisões” (FOUCAULT, 2012, p. 249).

Neste jogo erótico, que se torna a candidatura do erômeno, passando pela aprovação do olhar e gosto do *eraste*, ocorre um intenso ato erótico, no qual o corpo masculino é o elemento que mais vai contar pontos a favor. Para o *eraste* ter aquele corpo jovem e viril sob sua tutela, não bastava então pagar por ele, era necessário ser capaz de convencer aquele efebo da sua real intenção pedagógica para com ele, predominar nos olhos dos mais velhos sobre os rivais, acentuar os prestígios, qualidades e seus presentes. No final, a decisão em se tornar o erômeno de um determinado homem mais velho residia somente nas mãos do próprio rapaz que era detentor do corpo tão cultuado.

A beleza de todo este jogo erótico reside no fato de que a ética dos prazeres terá que seguir, através das diferenças de idade, delicadas estratégias, que devem levar em conta a

liberdade do outro, sua capacidade de recusar e seu necessário consentimento — fatos que não ocorriam com os prostitutas escravos que tinham sua liberdade tolhida. Por outro lado, o prostituto por vocação dispõe de um pouco mais de tempo de utilização do que o erômeno, pois, diferente deste, o prostituto não está sob constante avaliação do quanto seu corpo ainda se mostra conservado e jovem. Esta atenção ao período do jovem na adolescência e aos seus limites demonstrou ser um fator de intensificação da sensibilidade e admiração ao corpo juvenil, à sua beleza e às diferentes marcas de sua evolução. A partir daí, não é difícil entender por que o corpo adolescente se tornou objeto de uma espécie de valorização cultural muito pertinente. Foucault afirma que:

Os gregos não ignoravam nem esqueciam que o corpo masculino pode ser belo muito além de seu primeiro encanto: a estatuária clássica dedica-se mais facilmente ao corpo adulto; e no Banquete de Xenofonte evoca-se o fato de que havia o cuidado de escolher como talóforos de Atenas os mais belos anciões (2012, p. 251).

Embora os mais belos anciões fossem os escolhidos, para Foucault, na moral sexual, é o corpo juvenil, com seu encanto próprio, que é regularmente proposto como o bom objeto de prazer. Havia nos gregos uma estética moral do corpo do efebo; ela deveria ser reveladora de seu valor pessoal e do valor do amor que há nele. Estranhamente, a virilidade como marca física deveria estar ausente desta estética, mas é importante lembrar que ela deveria estar presente enquanto forma precoce e promessa de comportamento. Em outras palavras, o rapaz deveria se conduzir como um homem que ainda não era.

Por fim, entendo a real diferença entre o porquê do prostituto por vocação não ter uma ascensão social e o motivo pelos quais não tem as mesmas oportunidades que um erômeno. Pelo fato de o prostituto ser um escravo, por mais que ele fosse exclusivamente amante de um homem só, jamais nasceria, entre estes dois, a relação de *philia*. A *philia* se distingue da relação de amor da qual é possível que ela surja; ela é duradoura, e não tem outro termo que a própria vida, com ela são apagadas as dissimetrias que estavam implicadas na relação erótica entre o homem e o adolescente.

Entendo que é a *philia* que nasce quando o jovem rapaz perde o vigor da juventude e, com ele, seu encanto, pois, de acordo com Foucault, “[...] ela é também um preceito, posto que não é bom amar um rapaz que passou de uma certa idade, como também não o é para ele deixar-se amar” (FOUCAULT, 2012, p. 253). Este desalento não assombraria o ex-jovem

agora na fase adulta, pois manteria com seu eraste, após seu período de *paideia*,¹⁵ o compartilhar dos pensamentos, da existência e a benevolência mútua. É este nascimento e esta relação de amizade indefectível no amor que Xenofonte¹⁶ descreve, quando erige o perfil dos dois amigos que se olham um ao outro, conversam, prestam-se confiança, alegram-se um com o outro ou se entristecem juntos com as vitórias e os fracassos e velam um pelo outro.

Ligar o prostituto à ideia do corpo não é diminuí-lo a um objeto ou pedaço de carne. Pelo contrário, sendo as culturas Romana e Grega voltadas ao corpo belo, faz-se necessário e é lógico usar este elemento para trilhar este estudo. Entendo que, no assunto pesquisado, preciso dedicar parte deste estudo ao entendimento do corpo humano como fenômeno social e cultural, já que, desde os tempos antigos, ele é um motivo simbólico, objeto de representações e imaginário. Assim sendo, percebo que o corpo é o agente principal na vida cotidiana, dos mais simples eventos, como comprar ou vestir uma roupa, até aqueles mais complexos, como rituais (circuncisão para o menino judeu), marcas simbólicas, etc. Em diversos casos, a mediação da corporeidade é elemento chave que insere o homem na sociedade, atribuindo-lhe determinado valor, independentemente de sua escolha ou não.

O sociólogo francês David Le Breton (2009) afirma a necessidade de verificarmos e reconhecermos a importância do corpo no meio em que vivemos:

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilham com os membros da comunidade (LE BRETON, 2009, p. 7).

Entendo, pelas linhas de Le Breton, que do corpo se originam significações e representações que concretizam a existência do indivíduo. Se pensarmos no corpo do prostituto desde a Antiguidade até o tempo presente, ele é o eixo da relação deste indivíduo com o mundo. Por ele, estes profissionais tomam forma através dos lugares e tempos, compartilhando com os membros da comunidade seus desejos.

¹⁵ Paideia é a denominação do sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga, que incluía temas como Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História Natural e Filosofia, objetivando a formação de um cidadão perfeito e completo, capaz de liderar e ser liderado e desempenhar um papel positivo na sociedade.

¹⁶ Xenofonte foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates. Ele foi autor de inúmeros tratados práticos sobre assuntos que vão desde equitação à tributação; ficou conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelos seus discursos de Sócrates.

Seria errado acharmos que o prostituto precisa ser belo de rosto para ser contratado. Muito mais importante que um belo rosto é a totalidade dos elementos que compõem este corpo, gerada pelos efeitos conjugados da educação corporal recebida e das identificações que levaram o indivíduo a assimilar tais comportamentos através do seu círculo social, e que se prolongam durante toda a vida.

A expressão corporal do trabalhador sexual é modulável mediante o meio social em que ele se insere ou deseja se inserir. Os clientes contribuem para a modulação dos contornos do corpo do prostituto — embora este, na atualidade, ainda reflita o ideal corporal das estátuas greco-romanas —, e dão, a este corpo, o relevo social, o reconhecimento de que ele necessita quando contratam o profissional. Todas as mudanças corporais (idade, musculatura, tom de voz, vigor físico, pelos, entre outros) do indivíduo são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros do espaço que ele habita/trabalha.

De uma forma mais clara, as alterações corporais reposicionam ou excluem o prostituto do meio de trabalho. Cito dois exemplos, um do passado, quando o prostituto (efebo) não poderia ter pelos, caso contrário, isto tiraria seu encanto como jovem. Na atualidade, o uso de esteroides e malhação em excesso deslocam o prostituto do grupo dos *boys/lolitos*¹⁷ para os de *barbies*,¹⁸ independentemente de sua idade, reposicionando-o, assim, para outros tipos de clientes.

Atualmente, o corpo do trabalhador sexual ainda obedece à primazia do biológico, embora alguns destes profissionais saibam do poder da mutabilidade corporal que possuem. Assim sendo, o futuro prostituto olha a própria carne e acredita que pode entrar neste ramo, dado o ângulo facial, a fisionomia, o índice de massa corpórea, o peso total, os músculos, a quantidade de pelos, a altura, a cor da pele, pois acredita que tudo isto faça dele um prostituto nato. Quando não está localizado neste perfil, procura, por meio de várias medidas, as provas irrefutáveis de pertencer a este grupo, através do discurso oral, de roupas comuns usadas por outros prostitutas e até de alterações corporais. Francisco Ortega, em seu livro intitulado *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea* (2008), fala que:

¹⁷ Libi e Vip (2006) descrevem, em seu dicionário de termos gays, os *boys* como michês bem jovens. Prostitutos que possuem mais de 18 anos, mas cuja aparência física permite que o indivíduo passe como um jovem inferior a 18 anos. Observa-se a separação da palavra *boy* do termo *escort boy* e sua associação ao vocábulo *lolitos*, remetendo à obra literária *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov.

¹⁸ Segundo Dawson (2015), o termo *barbie* se refere a um homem gay musculoso. Para ele, o culto ao corpo e os homens gays estão intimamente ligados. Em adição ao aspecto corporal descrito por Dawson, a vestimenta desse indivíduo deve ser uma roupa justa, para mostrar os contornos físicos. O termo surgiu nos anos de 1990, numa época em que a batida *techno* se popularizou nas boates e clubes, na chamada era *clubber*.

Assistimos a numerosas tentativas de mudar o corpo, de personalizá-lo, que abarcam desde o fisiculturismo, as cirurgias plásticas, a arte corporal, até formas mais radicais de modificações corporais, que incluem amputações voluntárias de membros. O corpo tornou-se o espaço da criação da utopia, um continente virgem a ser conquistado (ORTEGA, 2008, p. 13).

Além dos exemplos de modificações citados por Ortega, é possível constatar, em revistas e outros meios de comunicação, que três outras intervenções médicas são adotadas pelos prostitutas mais abastados, no intuito de se aproximarem ao máximo do que acreditam ser a perfeição corporal: implante de gordura no pênis para crescimento do órgão, redução dos testículos e clareamento anal.

Ortega parece ir ao extremo, quando fala desta pluralidade de modificações corporais às quais os indivíduos se submetem na contemporaneidade. Contudo, se pensarmos na pessoa que trabalha com o corpo, não é estranho que o prostituto venha a pensar assim também, pois, aos olhos dos clientes, suas qualidades são deduzidas da feição do rosto ou das formas do corpo. O profissional do sexo, por vezes, é entendido como a evidente emanção moral da aparência física. Como exemplo, cito clientes que buscam prostitutas cuja fisionomia consideram como limpa e sadia. Tal conclusão quanto à saúde do prostituto só viria mediante exames médicos, mas, nesta área, o corpo se torna a descrição física, moral e biológica da pessoa.

Por este motivo, os prostitutas parecem inconscientemente buscar a estrutura corporal de uma estátua greco-romana como padrão oficial do que consideram um corpo belo e apto ao trabalho. Da mesma forma, quando observamos este tipo de escultura e percebemos nela uma sensação de harmonia em suas linhas corporais, de bem-estar corporal, de ideal de beleza alcançado, para os prostitutas, ter um corpo como este significa que as representações corporais são representações da pessoa. As representações do indivíduo que trabalha como prostituto, e de seu corpo, estão sempre inseridas nas visões do mundo das diferentes comunidades em que ele habita. O corpo parece se autodeclarar; contudo, nada é mais errôneo do que esta lógica de raciocínio.

Le Breton (2009) afirma que “[o] corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 2009, p. 26). Isto me leva a crer, ou até mesmo a concluir, que o corpo é uma falsa evidência, não é um objeto ou resultado certo, mas, sim, o efeito de moldes diários realizados através de uma elaboração social e cultural. Mesmo que nos apoiemos nos conceitos da Medicina, na atualidade, é impensável acreditarmos no corpo como uma simples coleção de órgãos, ossos e pele. Com o avanço dos

estudos sobre o mesmo, já o percebemos como uma estrutura simbólica, tábua de projeção, passível de unir as mais variadas formas de expressões culturais.

Não menosprezo a visão que a Medicina tem do corpo, mas ela é apenas mais uma entre tantas formas de entendermos a corporeidade que já temos. Por dois motivos, não prezo por esta visão médica nesta tese: primeiro, por se limitar apenas ao biológico, não teria valor para este estudo; segundo, porque observo que a caracterização da relação do homem/corpo e a individualidade do ser com aquela carne como sendo dados culturais cuja variação é ilimitada, principalmente quando refletimos sobre a figura corporal de uma sociedade para outra. E este leque de variações é observado através da gestualidade.

A gestualidade no campo da prostituição é um dos elementos mais marcantes, sendo muito mais expressiva do que a conversa inicial entre o prostituto e o/a cliente. Um olhar, braços cruzados, mãos próximas aos órgãos sexuais, um aperto de mão forte/fraco, um sorriso, um piscar de olhos, um leve balançar de cabeça, entre outras gesticulações são artifícios que o corpo do prostituto encontra para captação ou rejeição de um cliente. Por se tratar, ainda, de uma profissão marginalizada, a prostituição masculina utiliza a gestualidade em interações que implicam códigos, em sistemas de contratos de serviços, de reciprocidade. Não importa quais sejam as circunstâncias da vida social (prostituição de luxo ou não), uma boa gesticulação, quando usada pelo profissional do sexo, faz com que este consiga controlar a imagem que deseja mostrar como verdadeira ao/à cliente.

Como mostrado no início do trabalho, os jovens na Grécia e Roma Antiga se exercitavam no ginásio, onde os homens mais velhos escolhiam seus futuros efebos. Como o jovem não poderia demonstrar total interesse de forma direta — pois isto o desclassificaria como um indivíduo respeitoso, demonstrando que este se deixava levar pelas paixões —, tudo era feito pela exposição do corpo e pela significação emitida de sua gestualidade. Na atualidade, este jogo gestual no ato de contratar um prostituto ainda é usado, e tem um enorme valor.

Pelas leituras e pesquisas bibliográficas em estudos sobre corporeidade e gestualização, constata-se que, quando o indivíduo encontra outra pessoa, ele rapidamente faz uma série de pressuposições, tais como: se a pessoa é simpática ou não, honesta ou não, e se ela é adequada como potencial parceiro sexual — tudo isto muito antes de o interlocutor emitir uma palavra. Os pesquisadores Allan Pease e Barbara Pease, que investigam sobre a comunicação humana feita através de expressões faciais e movimentos do corpo, concordam que “as palavras são usadas primordialmente para transmitir informações, ao passo que a

linguagem corporal¹⁹ é para negociar atitudes interpessoais e, em alguns casos, como substituta das mensagens verbais” (PEASE, 2005, p. 18). O interessante em tudo isso é observar o quanto o prostituto tem consciência de que suas posturas, movimentos e gestos podem contar uma história, enquanto sua voz está silenciada ou até mesmo dizendo outra coisa.

Da mesma forma que ocorre na linguagem verbal, os sinais corporais possuem variações de uma cultura para outra; um gesto que em dada cultura pode significar algo positivo, em outra pode assumir uma significação negativa. Na cultura da prostituição masculina, optei por exemplificar esta gestualidade por meio de três vieses: a) o de encostar no poste; b) o intitulado por Allan e Barbara Pease (2005) como a postura do caubói; e c) o das pernas abertas ou cruzadas. Para ilustrar mais enfaticamente a explicação, utilizarei as citações da obra *As aventuras de um garoto de programa* (1998), de Phil Andros, assim como imagens retiradas da Internet.

A linguagem do corpo é essencial ao jogo da seleção, pois ela revela se somos atraentes, sensuais, preparados, desesperados e até que ponto estamos liberados para desempenharmos determinados papéis na cama. É óbvio que nem todo prostituto tem consciência destes sinais. Por vezes, em início de carreira, eles realizam tais gestos provavelmente imitando algum prostituto mais antigo ao redor. Assim, ao longo do tempo, ele toma consciência e os utiliza para captação de clientes.

Como primeiro exemplo, vejamos a posição corporal na qual o prostituto fica na rua. Dela se depreendem sinais de propriedade, territorialidade e estatura hierárquica entre os outros trabalhadores sexuais. Veremos prostitutas encostados em postes ou nas paredes (Figura 1), e em ambas as posições, estas gestualidades têm um significado. Quando encostado ao poste, próximo ao meio fio, isto indica que ele é o próximo da fila para negociação com o cliente, ou que aquele é o seu ponto exclusivo. Logo, os prostitutas mais novos precisam ficar atrás, encostados na parede. Segundo Pease, para assegurarmos a nossa posse sobre algo (neste caso, o ponto na calçada), nós nos encostamos nela, e é exatamente isto que os prostitutas parecem fazer.

¹⁹ É importante não confundir linguagem corporal com linguagem gestual. A linguagem gestual é mais objetiva, sendo que cada gesto tem um significado próprio, que foi estabelecido por convenção. Na linguagem corporal, certa postura ou gesto são mais subjetivos, podendo ou não revelar uma atitude mental ou física.

Figura 1 — Posição corporal do prostituto na rua; prostitutas encostados em postes ou nas paredes



Fonte: Informações sobre a imagem no rodapé.²⁰

É fácil entendermos esta significação quando pensamos no carro como exemplo. Podemos reparar que, quando um indivíduo adquire um veículo novo e tira uma foto com seu automóvel, ele tende a se encostar no carro ou a colocar o pé no para-lama, para demonstrar que aquele objeto lhe pertence. Tocar ou encostar-se em algo o transforma em uma extensão do seu corpo; e é assim que, ao se encostar no poste, o prostituto mostra que aquela área é sua, e que, hierarquicamente, ele está acima daqueles outros profissionais em seu entorno.

O pesquisador Nestor Perlongher (2008), em seu livro intitulado *O negócio do Michê*, reserva um capítulo somente para tratar da questão dos territórios e populações dos trabalhadores sexuais. Ele divide o território em três pontos de atuação destes profissionais, e descreve como os aspectos sociais, econômicos e físicos de cada prostituto os inserem em determinado ponto geográfico da cidade. Para a minha pesquisa, esta divisão não tem relevância, pois o que observo, aqui, é que um denominador comum entre todos os pontos de

²⁰ Imagem do programa Conexão Repórter com o tema Garotos de Aluguel, exibido pela canal SBT. Captura de tela do vídeo obtido no site www.youtube.com em 30/04/2017.

atuação dos prostitutas é unicamente o seu corpo. É o corpo que vai gesticular e enviar significações para os futuros clientes, colegas de profissão ou pedestres que por ali transitam.

Pensar na territorialização do prostituto através do seu corpo como algo não significativo, ou não levar em consideração outros aspectos que atuam nesta corporeidade, é, no mínimo, inconcebível para esta pesquisa. Como dito anteriormente aqui, o corpo é passível de mudanças, um objeto mutável. Logo, esta mutabilidade corporal pode também oferecer, ao prostituto, a oportunidade de mudança de ponto geográfico de atuação, já que seu novo corpo agora possui outro significado.

O preconceito contra os homens afeminados talvez seja um dos mais antigos do mundo. Segundo Green (2000),

[...] a conexão entre a prostituição, a efeminação no homem e a homossexualidade persistiu como uma forte representação do comportamento homoerótico até a segunda metade do século XX, quando surgiram noções alternativas de identidade sexual que contestaram esse paradigma dominante (p. 63).

Partindo desta constatação de Green, noto que um prostituto com características tidas como femininas não poderia, pela sua gesticulação típica, estar junto aos prostitutas tidos como *barbies* machões. Porém, quando aprender a controlar suas gesticulações, alterar seu corpo através de anabolizantes e halterofilismo, este poderá se realocar em outro ponto, tudo devido ao seu corpo. Entendo, por fim, que as ruas funcionam como pontos de (re)territorialização mediante a aparência gestual ou postura determinada, indícios de um desempenho sexual esperado.

Os corpos dos prostitutas em exposição nas calçadas formam, ao meu entender, uma rede de significados. Estar encostado nos postes tem um significado, mas a posição na qual está encostado traz outro entendimento. Por isto, penso nesta rede de significações, em que um gesto depende do outro para obter novas definições. Pease (2005) fala da chamada postura do caubói (Figura 2), que é muito comum aos prostitutas: “Polegares enfiados no cinto ou no alto dos bolsos das calças, enquadrando a região genital é um ato basicamente masculino usado para afirmar uma atitude sexualmente agressiva” (p. 161).

Figura 2 — Postura do caubói, muito comum aos prostitutas



Fonte: Informações sobre a imagem no rodapé.²¹

Ao parar o carro próximo ao prostituto que está encostado no poste com a postura do caubói, o cliente pode entender a gestualidade como a de alguém que se define como macho que é capaz de dominar. Os Pease dizem que este “é um dos gestos que mais denunciam as intenções dos homens, pois deixa claro para a mulher [nesse caso, qualquer cliente] o que lhes passa na cabeça” (PEASE, 2005, p. 161). Na conversa com o prostituto, mesmo que seja uma conversa amistosa para tratar o valor do programa, ambos estão avaliando um ao outro

²¹ Imagem obtida no site <https://br.depositphotos.com/stock-photos/cowboy-sexy.html?qview=39227159> em 30/04/17.

mediante suas gesticulações. O clima de avaliação postural só parece terminar quando o prostituto se desfaz da postura de caubói, assume gestos abertos e toca o carro do cliente, tornando-se, assim, mais íntimo do contratante (Figura 3).

Figura 3 — Prostituto se desfaz da postura de caubói, assume gestos abertos e toca o carro do cliente



Fonte: Imagem encontrada na Internet²².

Outra forma de exemplificar esta gesticulação da posição do caubói, é a passagem da obra *As aventuras de um garoto de programa* (1998), previamente mencionada:

Ele [Willy Post] agarrou o cinto com um gesto realmente masculino enganchando o polegar numa de suas pontas. Afastou consideravelmente as pernas e apoiou o salto de sua bota no degrau mais baixo do banco. [...] Ele parecia masculino, magro e mais depravado [...] Ele estava muito bem, masculino e maduro. Eu não podia ver sequer um sinal da antiga tia velha toda Ivy League de um ano atrás, que sorria daquele jeitinho idiota que eu tanto abominava (ANDROS, 1998, p. 155).

Quando Willy Post (um prostituto ocasional) se apresentou para outro prostituto, um ano após ter sumido, uma das primeiras coisas que fez foi colocar a mão na cintura e assumir a postura do caubói, o que intimidou o prostituto mais velho. Percebo que a linguagem corporal pode ser o reflexo do estado emocional do indivíduo, onde cada gesto ou movimento

²² A imagem não se trata de uma relação entre um cliente e um prostituto real. Ela foi apenas utilizada aqui como mera ilustração para enriquecer a visualização do assunto que trato.

pode ser interpretado como uma valiosa fonte de informação sobre a emoção que a pessoa está sentindo em um determinado momento de sua vida. Talvez por isto, o prostituto Phil tenha se sentido diminuído, pois percebeu, em Willy Post, através de sua gesticulação, um estado de ser bem mais feliz do que o dele, e uma leve tendência a mostrar quem está no papel de dominador.

Um contraste a esta gesticulação pode ser observado na prostituição com travestis. Embora valha a pena ressaltar que o presente trabalho não trata especificamente de travestis, que são excelentes exemplos neste caso, pois não realizam a postura do caubói, mesmo quando utilizam calça jeans. Quando abordadas por seus clientes, simplesmente se debruçam na janela do carro, demonstrando, assim, intimidade com o proprietário, algo que só é feito pelo prostituto quando ele baixa a guarda e desfaz a postura do caubói.

No que diz respeito a assuntos que abordam a temática da sexualidade, por vezes, acredita-se que precisamos obrigatoriamente falar sobre os órgãos genitais, já que estamos abordando esta área. Na realidade, pensar sexualidade apenas pelo viés dos órgãos sexuais é restringir demasiadamente o que podemos falar sobre o campo em questão.

Allan e Barbara Pease (2005) demonstram, em sua obra, o quanto as pernas podem dizer sobre os desejos, vontades e sexualidade de um indivíduo. Os pesquisadores Pease, que estudam a linguagem corporal, trabalham com quatro ideias de como as pernas e pés gesticulam e demonstram muito sobre o que o indivíduo está sentindo ou querendo dizer através do seu corpo.

Os Pease propõem quatro principais posições em pé cuja gesticulação tem algo a dizer. A primeira posição é a que chamam posição de sentido; a segunda, são as pernas afastadas; a terceira destaca no pé à frente; e a quarta diz respeito às pernas cruzadas. Para este momento do capítulo, utilizarei a linha de raciocínio dos pesquisadores sobre as pernas afastadas e as pernas cruzadas, para tentar obter significações dos movimentos dos prostitutas.

Dentro do senso comum, o ato de manter seu corpo com as pernas afastadas é um gesto quase que exclusivamente masculino. Nesta posição, o indivíduo mantém os dois pés firmemente plantados no chão, demonstrando, assim, sua intenção de não se retirar do local ou, também, como sinal de dominação, pois se destaca sua genitália. A citação a seguir trata do momento em que o prostituto chega à garagem do motel com o cliente, e este começa com o jogo de pernas afastadas, para demonstrar que tipo de papel desenvolveria na cama junto ao prostituto:

À medida que meus olhos se acostumaram à escuridão, eu olhei para ele. Estava de pé com as pernas afastadas, tirando as luvas. Nossa, ele era boa pinta! Então percebi

uma outra coisa. A luz lateral de um globo descoberto o iluminava. — Dirigir aquela coisa sempre o excita tanto assim? Ele olhou para baixo e riu um pouco. — Normalmente sim — ele disse (ANDROS, 1998, p. 46).

É possível confirmar, através desta citação, o que os pesquisadores dizem a respeito de pernas afastadas. Não é difícil encontrarmos prostitutas de rua esperando o cliente com as pernas afastadas, posição muitas vezes associada à postura do caubói, explicada anteriormente. Em uma pesquisa para análise de imagens sobre as posturas dos prostitutas em um dos sites mais famosos de prostituição masculina, o *Netgay*, observei que as fotos disponibilizadas para visualização continham quase que em sua totalidade homens com as pernas afastadas. Podemos entender, assim, que, tanto na rua quanto em fotografias, esta gesticulação é largamente utilizada como recurso para enfatizar a área genital, sem necessariamente mostrá-la de forma desnuda.

Contudo, devemos observar que existem os profissionais que trabalham com as pernas cruzadas, e isto também quer dizer algo sobre estes trabalhadores sexuais (Figura 4). A passagem a seguir mostra a existência de uma forma de preconceito neste ramo:

Talvez ele realmente nunca tivesse feito mais do que simplesmente ficar passivo. Mas eu sabia de mim. Eu queria fazer o que ele tinha me pedido, mas eu me mataria se eu fizesse. Talvez mais que isso, se a coisa se espalhasse entre os michês e clientes, um bom michê jamais falava de seus clientes, mas por outro lado podia-se falar dos concorrentes livremente (ANDROS, 1998, p. 143-144).

Figura 4 — Profissionais que trabalham com as pernas cruzadas



Fonte: Informações sobre a imagem no rodapé.²³

No meio da prostituição masculina ocorre, por vezes, o preconceito com os prostitutos que realizam o papel de passivo, fazendo com que este indivíduo, quando ao lado de outros que se declaram ativos, sintam-se inferior. Para os Pease, quando o indivíduo está entre outros que considera inferiores, ele se sente confortável com as pernas afastadas; todavia, quando se encontra entre indivíduos que considera superiores, este gesto lhe dá uma conotação competitiva que o faz se sentir vulnerável. O casal de pesquisadores (2005) afirma que existem estudos que mostram que pessoas pouco confiantes também usam a posição de pernas cruzadas.

Relembrando a questão da territorialização da qual fala Nestor Perlongher (2008), aqui superficialmente mencionada, é possível associar que esta gesticulação de pernas cruzadas dos prostitutos, que desempenham o trabalho sexual de forma exclusivamente passiva, obriga-os a serem confinados a uma determinada geografia da rua. Estes profissionais podem até atuar no papel de ativo, contudo, manter as pernas cruzadas desfoca a atenção para suas genitais, o que os faz ser inseridos junto ao grupo que partilha homogeneamente de sua prática sexual.

²³ Imagem do programa Conexão Repórter, com o tema *Garotos de Aluguel*, exibido pela canal SBT. Captura de tela do vídeo obtida no site YouTube, em 30/04/2017.

Não acredito que a gesticularidade do prostituto retrate apenas o que este indivíduo vive ou o que realmente queira dizer. Acreditar nisto é anular completamente a noção de que o outro carrega também um pouco de nós. Quando um potencial cliente resolve contratar os serviços sexuais de um profissional, acredito que ele, em verdade, busca, no outro, um elemento que lhe falta, que está escondido, ou que até mesmo ele possui, portanto, almeja estar junto a seu semelhante.

Desta forma, tornar-se um prostituto não é uma questão apenas de ser belo, mas, sim, de possuir um corpo fragmentado e, paradoxalmente, sequenciado por diversos fatores sociais, físicos, econômicos, educacionais e sexuais, que o tornam apto a desempenhar esta profissão de forma altamente capacitada. Observando isto, buscarei, no capítulo a seguir, pensar sobre estes elementos que formam os tipos de prostituição masculina na contemporaneidade.

2 PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE — TIPOS DE PROSTITUIÇÃO

Como em qualquer negociação de serviço em que o dinheiro ou algo de valor material está envolvido, penso que a prostituição sem o aspecto da remuneração financeira seria o mesmo que acreditar em um conto de fadas, no qual somente o amor bastaria como forma de pagamento. Por tal motivo, devo conduzir este estudo pensando o dinheiro como fio condutor desta análise, sendo ele o fator mais importante entre os dois aspectos mais relevantes: vocação e necessidade. É importante lembrar que necessidade não pode ser entendida como apenas a falta material de algo na vida do prostituto. Esta necessidade pode ser química (drogas), emocional (família, cônjuge) ou até mesmo identitária; enquanto vocação se trata do indivíduo que abraça e reconhece o serviço de cunho sexual como um emprego, como trabalho tido como formal.

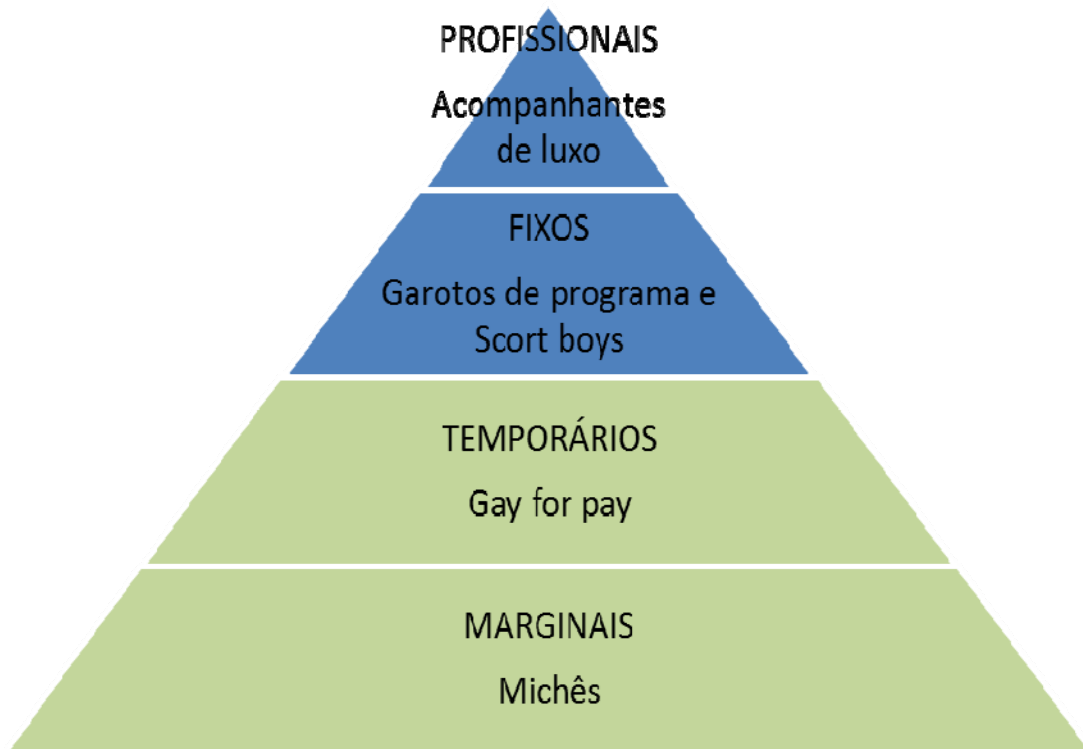
Quando escutamos a palavra prostituto, tendemos a colocar todos os indivíduos que trabalham no ramo do serviço sexual como membros de um só grupo, desconsiderando suas particularidades. Mas, da mesma forma que temos médicos com diferentes especialidades e diferentes hierarquias dentro do campo da medicina, há também prostitutos que trabalham em diferentes aspectos e modalidades. As nomenclaturas que buscam categorizar estes profissionais são extensas e não há razão para enumerá-las ou tentar reforçá-las, primeiro porque o trabalho não se resume a classificar exclusivamente os tipos de prostitutos existentes, mas, sim, pensar em como seus corpos atuam na área. Segundo, porque estas categorias são fluídas e intercambiáveis ao longo do tempo de vida e atuação do trabalhador sexual. Contudo, para uma melhor visualização e entendimento dos tipos de prostituição existentes, fez-se necessário enumerar algumas destas categorias para ilustrar este capítulo.

Para tentar entender como funciona a dinâmica da prostituição masculina, resolvi organizar seus componentes dentro de uma pirâmide²⁴ (Figura 5), que, além de radiografá-los na forma proporcional de aceitação na sociedade, também os organiza enquanto volume em cada categoria. A parte de cor azul compreende os prostitutos que se enquadram no aspecto vocação e dinheiro, enquanto na parte verde operam os trabalhadores cuja necessidade/dinheiro é a parceria mais presente em seu dia-a-dia. Ressalvo que esta é apenas

²⁴ A pirâmide apresenta a grafia *scort*, ao invés de *escort*, com o propósito de mostrar ao leitor que, quando os prostitutos anunciavam em classificados, eles omitiam a letra inicial de *escort*, no intuito de economizar no valor pago pelo anúncio, uma vez que para cada letra era cobrado um valor extra.

mais uma forma de organizar e tentar entender a logística desta área. Existem, também, muitas outras formas, mas quase todas elas esbarram nas divisões e nomenclaturas criadas pelos próprios prostitutos e/ou pela mídia.

Figura 5 — Dinâmica da prostituição masculina, seus componentes dentro de uma pirâmide



Fonte: Bruno Vieira, 2016.

2.1 Os acompanhantes de luxo

No topo da pirâmide se encontram os acompanhantes de luxo. Estes prostitutos gozam de um *status* privilegiado entre os trabalhadores sexuais, por motivos tais como: beleza natural muito associada à beleza greco-romana; expressão de gênero predominantemente masculina; médio a alto padrão de instrução educacional; e, por fim, forte sociabilidade em diferentes ambientes. Os acompanhantes de luxo são geralmente oferecidos através dos famosos *books*,²⁵ criados por agências que atendem clientes que possuem alto nível financeiro, prestígio social e que precisam manter a imagem de pessoa heterossexual. Este é, sem dúvida, um dos maiores atrativos do acompanhante de luxo: a possibilidade que o cliente tem de estar ao lado dele e não mostrar ao público seu interesse em um indivíduo do mesmo

²⁵ Catálogo de fotos nuas dos acompanhantes, geralmente, seguidas de descrições físicas, tais como: dote, altura, peso, cor dos olhos e circunferência de braço, coxa e barriga.

sexo. Do outro lado, sabendo desta vantagem, o acompanhante faz de tudo para que o cliente se sinta seguro por estar ao seu lado. Dorais confirma isso quando assegura:

[...] os profissionais do sexo têm o peso da ação punitiva. Não só carregam sobre os ombros uma responsabilidade incomensurável, mas protegem essencialmente os clientes e os empresários do sexo com seus próprios corpos, permitindo que lucrem com o trabalho sexual e preservem sua invisibilidade ao mesmo tempo (DORAIS, 1954, p. 19. Tradução minha).

Desta forma, o acompanhante sabe que, caso fuja à performance masculina esperada pelo cliente, ele poderá, além de perder o cliente, ser mal visto no mercado por outros clientes, que não arriscariam sua reputação ao seu lado, e ele poderia também sofrer penalidade por parte da agência. Esta falha também implicaria em uma possível mudança na sua posição na pirâmide; talvez, indo para a categoria dos fixos, o que provavelmente faria com que este indivíduo voltasse às ruas para uma nova captação de clientes.

O acompanhante de luxo recebe este título porque é um indivíduo acostumado a lidar com artigos e situações que remetem ao luxo. Além de possuir uma beleza clássica, este profissional também deve saber como transitar nos meios mais nobres da sociedade sem demonstrar o serviço que está prestando. Durante a pesquisa, constatei alguns fatores que estes profissionais precisam levar em conta para estar sempre atuando neste ramo e pertencendo a esta categoria do topo da pirâmide.

Os acompanhantes de luxo prezam pela sua segurança moral e pela segurança do seu corpo, mantendo-se, assim, sempre com os exames médicos em dia, uma dieta saudável, um corpo equilibradamente tonificado e sem exageros musculares. No trato com o cliente, o profissional dificilmente recebe o dinheiro em mãos. Na verdade, eles costumam chamar o dinheiro de doação, e este deve ser colocado discretamente em um local do quarto do motel ou depositado em conta. Salvo as exceções para os acompanhantes que ainda dependem de agências, e estas recebem diretamente o dinheiro do cliente. Por fim, os acompanhantes de luxo têm a opção de poder recusar um determinado cliente, o que deve ser bem pensado, pois significa perda de trabalho e possível distanciamento de futuros clientes.

É possível depreender que as agências de acompanhantes não diferem muito do que na prostituição feminina intitulamos de cafetões, ou o que na Antiguidade os bordéis realizavam, como estrutura de trabalho, permitindo, assim, sua existência mediante recolhimento de impostos, para que pudessem funcionar. Por outro lado, trabalhar com agência permite que o acompanhante tenha informações sobre o cliente, tais como as famosas listas negras das agências, nas quais ficam os nomes dos clientes que, por alguma razão, extrapolam a conduta

adequada do serviço. Por exemplo, clientes que acabam sendo violentos com o acompanhante, exigindo que o profissional realize serviços não combinados previamente, ou que, até mesmo, colocam a integridade física e moral do acompanhante em risco.

Com o passar do tempo nesta profissão, os acompanhantes de luxo constroem uma grande carteira de clientes fixos, o que viabiliza se tornarem autônomos e desvincularem-se das agências. Esta desvinculação ocorre quando os clientes dos acompanhantes de luxo começam a lhes indicar outros clientes, fazendo com que o dinheiro do programa não passe necessariamente pela mediação da agência. Não é difícil encontrarmos estes profissionais do sexo se aposentando quando encontram, em algum dos seus ex-clientes (*sugar daddy*²⁶), o parceiro ideal. Somente uma parcela pequena destes profissionais anuncia seus serviços na Internet ou nas revistas de segmento sexual. Para eles, ter suas imagens expostas e associadas a este tipo de mídia pode implicar em um possível deslocamento na hierarquia dentro da pirâmide, sendo, assim, confundidos com os garotos de programa.

Por fim, uma última ressalva precisa ser feita antes de prosseguirmos para o próximo subcapítulo. Abstenho-me de utilizar o termo prostituto para o acompanhante de luxo, pois, entre eles, esta categorização soa como ofensa. A justificativa dada por estes profissionais sobre a recusa deste título é simples: eles sabem que precisam ter um desempenho sexual satisfatório. No entanto, este não é o único serviço contratado, mas também a habilidade do profissional de se passar por uma pessoa educada, que sabe conversar sobre qualquer assunto, que demonstra estar em sintonia com quem contratou seu serviço e que sabe se portar em ambientes diversos. Os acompanhantes defendem que há um investimento muito alto na sua formação profissional para serem intitulados como garotos de programa.

2.2 Os garotos de programa e/ou *escort boys*

Inicialmente, arrisca-se a pensar que acompanhante de luxo e garoto de programa/*escort boy* são a mesma pessoa, pois o produto final oferecido por ambos os profissionais é a relação carnal. Além desta semelhança, a estranheza hierárquica entre estes dois tipos de profissionais acontece, e os garotos de programa costumam dizer que os acompanhantes de luxo ficam em casa à espera do telefonema da agência para realizarem o serviço, enquanto parte dos *escort boys* precisa se expor na rua para atrair clientes. Participo

²⁶ Homem com condição financeira elevada e alto *status* social que se relaciona, geralmente, com homens mais novos ou considerados jovens, cuja relação se baseia na troca de presentes por relações sexuais.

parcialmente desta diferenciação, porém, observei, durante a pesquisa, que existem outros fatores, além do local de atuação, possíveis de classificar o profissional como um garoto de programa.

Os garotos de programa não possuem o mesmo *status* dos acompanhantes de luxo, pois nem todos possuem a beleza apolínea, o nível educacional ou uma agência forte com bons clientes. A beleza dos garotos de programa é dada por intermédio de uma fabricação artificial de um corpo bonito, através da prática da atividade física na academia, bronzamento artificial, esteroides e suplementos vitamínicos, roupas de grife e um look adolescente-jovem. Buscam uma padronização do corpo, de forma que a concorrência diminua, já que todos são bastante iguais. Além de toda esta indumentária que caracteriza o indivíduo como garoto de programa, Dorais acrescenta que “eles são jovens que podem ser vistos esperando em locais conhecidos por prostituição e por clientes em certas horas, especialmente quando anoitece. Eles são facilmente identificáveis com a prática pelo modo de andar na calçada tentando atrair um cliente em potencial [...]” (1954, p. 27 e 28).

Após o exposto acima por Dorais, retomo a ideia da importância da linguagem corporal. O modo como as pessoas balançam os braços ao andar pode proporcionar uma ideia de como é sua personalidade — ou do que querem transmitir. “Pessoas jovens, saudáveis e vibrantes andam mais depressa do que as mais velhas, levantando mais os braços para frente e para trás. Devido em parte à maior velocidade e a maior flexibilidade muscular, elas chegam a dar a impressão de estar marchando” (PEASE, 2005, p. 138). O garoto de programa dificilmente anda como se estivesse marchando. Em realidade, o máximo que realiza são pequenas passadas em torno da área que ocupa na rua, ou permanece parado no local. A mobilidade corporal e o deslocamento para outras ruas e calçadas implicariam na perda de um possível cliente que passaria para contratá-lo, ou caracterizaria sua ausência como um abandono do ponto de trabalho, permitindo, assim, a chegada de um novo prostituto àquele local.

Penso que o garoto de programa desenvolve ou aprende uma linguagem corporal que o possibilita trabalhar na rua, e não dentro de casa ou através de sites ou agências. Pease relata que o processo de atração entre os indivíduos passa, basicamente, por cinco estágios, que são: a troca de olhares, o sorriso, a compostura, a fala e o toque. Percebo que os garotos de programa, em sua maioria, realizam tais estágios quando buscam seus clientes. Geralmente, o primeiro contato entre eles se dá através dos olhos, quando o prostituto percebe a chegada do cliente e olha-o fixamente durante alguns segundos, até que ele o perceba. Se há um desvio do

olhar por parte do cliente, o garoto de programa entende que não há a possibilidade de uma contratação de serviço. Contudo, quando ambos olham fixamente um para o outro sem desviar os olhares, uma segunda linguagem gestual é realizada através do sorriso. Isto indica, para ambos, que houve uma receptividade das partes, e o garoto de programa inicia o jogo de compostura, onde mostra, ao cliente, o que tem a oferecer. Este jogo pode ser realizado através do mexer no cabelo, da pose do caubói, da exposição da musculatura do braço ou do peito, como também um simples piscar de olhos. A partir daí, acontece a aproximação de ambos e dá-se início à fala ou negociação referente ao programa. A última etapa, o toque, pode ou não acontecer antes da relação carnal, dependendo muito de como atua o profissional.

O diferencial destes rapazes é obtido através das práticas sexuais a que se sujeitam a realizar com os clientes, sendo elas: sexo oral no carro, sexo em local público (parques, banheiros, estacionamento, cabines de sex shops ou saunas), vestir peças do sexo oposto, *frottage*,²⁷ *gouinage*,²⁸ ou até mesmo sexo sem preservativo (este, por um diferencial no valor do programa).

Os garotos de programa são elementos especiais dentro da ressignificação dos espaços da prostituição masculina (assunto a ser tratado no próximo capítulo). Inicialmente, os campos de atuação dos garotos de programa são as ruas famosas e movimentadas no período noturno (normalmente próximas a locais de vida boêmia), sites da Internet, anúncios em revistas e jornais, saunas e clubes de sexo. Seus clientes são compostos de homens de classe média, os que possuem carro, frequentadores de saunas e os que desejam ou não o anonimato. Obviamente, nem todos os/as clientes dos garotos de programa possuem carro, mas a incidência dos que possuem é maior, porque faz parte da prática de escolher utilizando o veículo, já que estes trabalhadores sexuais estão na rua. Dorais ressalta que:

O cliente típico do garoto de programa é geralmente um motorista (ocasionalmente um pedestre), que circunda o quarteirão várias vezes, avaliando suas opções, para negociar práticas e preços e vai embora se nenhum dos jovens é do seu agrado. [...] A masturbação ou *fellatio* geralmente ocorre no carro do cliente. Se mais espaço e

²⁷ *Frottage* (ou *Frott*) é o nome de um ato sexual feito entre dois homens. O ato consiste em esfregar ou estimular o pênis do parceiro usando o próprio pênis. Estimulação mútua entre os órgãos sexuais masculinos. É um ato bastante realizado por gays que não gostam de sexo anal, uma vez que, no *frottage*, não há ativos nem passivos, possibilitando uma relação sexual igualitária.

²⁸ Diz respeito aos atos praticados pelos gouines, que podem ser homens ou mulheres considerados com expressões masculina, feminina e neutra. A *gouinage* consiste no toque, no contato de fricção, na masturbação e assemelhados, entretanto nunca inclui a penetração, seja ela por meio natural — no caso dos homens homoafetivos, ou por meio artificial — no caso das mulheres lésbicas com o uso de objetos e/ou acessórios.

tempo forem necessários, o par irá para uma sauna, casa de hóspedes ou pequenos hotéis [...]”²⁹ (1954, p. 28).

A relação do garoto de programa com o dinheiro do cliente é um diferencial em relação aos acompanhantes de luxo. Os acompanhantes dificilmente fazem mais do que um programa por noite, já que muitos são contratados para passarem, junto ao cliente, longos períodos de horas ou até mesmo um fim de semana completo, obtendo, assim, programas mais caros e maior volume de dinheiro em caixa. O *escort boy* precisa realizar vários programas em uma mesma noite para obter uma boa quantia para se sustentar, pagar o aluguel do ponto onde trabalha (caso este não seja seu), e investir o que sobra na aparência. O acompanhante de luxo precisa ter o vigor sexual para apenas um cliente, e, provavelmente, chegar ao orgasmo com este cliente. Entretanto, o *escort boy*, pela alta rotatividade de clientes que tem em uma noite, poupa seu vigor físico não ejaculando junto a todos os seus clientes. Geralmente, assim o faz somente quando o cliente paga para que tal ato ocorra, já que partem da premissa de que é o cliente que deve chegar ao orgasmo, são os/as clientes, e não os profissionais, poupando-se, assim, para os próximos serviços. Nos livros pesquisados para a tese, alguns *escort boys* declararam que, caso chegassem às vias de fato com os clientes, utilizariam com o próximo a suplementação dos remédios para disfunção erétil, muito comuns, como o Viagra ou o Cialis, sendo este segundo vendido em farmácias geralmente sem prescrição médica e a um valor inferior a oitenta reais.

2.3 Os gays for pay

O termo *gay for pay* é oriundo da indústria dos filmes pornográficos. Em consulta ao site Urban Dictionary, na busca do significado desta expressão, obtive três definições, todas de tradução minha:³⁰ a) um ator heterossexual que age como homossexual em filmes

²⁹ The hustler’s typical client is usually a motorist (occasionally a pedestrian) who circles the block several times, assessing his options, stopping to negotiate practices and prices and leaving if none of the young men is to his liking. [...] Masturbation or fellatio usually takes place in the client’s car. If more space and time is needed, the pair will go to a sauna, rooming house, or small hotel [...] (DORAIS, 1954, p. 28).

³⁰ a) a straight actor who performs homosexual acts in pornographic movies for the sole purpose of incurring monetary gain; b) A straight guy that shags men on camera for money; c) a straight man who performs homosexual acts for money. Usually said of a gay-pornography actor, it also applies to straight guys who dance at gay strip clubs, do photo shoots for gay-themed erotic publications, act in gay romantic scenes in non-pornographic films or television, or hire themselves out as gay escorts; d) Gay-for-pay is the slang term accorded to male (and sometimes but less frequently female) pornographic actors or prostitutes who identify as heterosexual but perform homosexual acts professionally.

pornográficos pelo simples propósito de ganho financeiro; b) um homem heterossexual que tem relação sexual com homens em frente às câmeras por dinheiro; c) um homem heterossexual que faz o papel de homossexual por dinheiro. Geralmente dito sobre atores de filmes pornô *gays*, também aplicado a homens heterossexuais que dançam em bares *gays* de *strip-tease*, estampam fotos para publicações eróticas *gays*, atuam em cenas de romance *gay* em filmes não pornográficos para televisão ou cinema, ou atuam como *escort boys* para *gays*; e d) *gay-for-pay* é uma gíria que designa atores pornô (e também, mas com menos frequência, atrizes) que se identificam como heterossexuais, mas realizam cenas homossexuais profissionalmente. Exponho aqui que estas são definições do dicionário; em particular, procuro, neste trabalho, referir-me aos personagens conforme a identificação requerida pelos sujeitos: heterossexual, homossexual, bissexual, entre outras.

O *gay for pay* costuma atuar em clubes, produtoras de filmes pornô, boates ou por conta própria, sendo um grupo que não permite ou trabalha com intermediadores de seus serviços. Em sua maioria, estão fora do meio da prostituição (o que não necessariamente quer dizer que eles não observem ou não estudem este meio para atuarem na captação de clientes), e isto faz com que atraiam clientes cuja fantasia é realizar sexo com um homem tido como exclusivamente heterossexual (valor 0) dentro da escala Kinsey.³¹ Dorais realizou uma série de entrevistas com diversos perfis de trabalhadores sexuais, e percebo, em comparação, que existe alguma semelhança entre os *strippers* entrevistados e os *gays for pay*:

É uma espécie de ironia que a imagem hiper-masculina que os *strippers* devem manter para seduzir os clientes os torne reticentes a admitir qualquer envolvimento com a prostituição. Eles tendem a dizer que são ou passam por heterossexuais (ou talvez bissexuais) e isso excita alguns clientes que vislumbram a possibilidade de violar mais um tabu — a introdução de um jovem heterossexual na paixão homossexual. O objetivo de alguns clientes parece ser apenas isso: possuir (ou ter a impressão de possuir) o idealizado, inacessível, viril, heterossexual jovem de suas fantasias (Dorais, 1954, p. 31-32).³²

O termo ainda é recente, pois está em processo de migração do campo dos filmes pornográficos para o campo da prostituição masculina. Basta observar como a expressão

³¹ A Escala de Kinsey tenta descrever o comportamento sexual de uma pessoa ao longo do tempo e em seus episódios num determinado momento. Ela usa uma escala iniciando em 0, com o significado de um comportamento exclusivamente heterossexual, e terminando em 6, para comportamentos exclusivamente homossexuais.

³² It is a kind of irony that the hyper-masculine image that *strippers* must uphold in order to seduce clients make them reticent to admit any involvement in prostitution. They tend to say that their being or passing for heterosexual (or perhaps bisexual) excites some clients who glimpse the possibility of violating yet another taboo — introducing a young heterosexual to homosexual passion. Some clients' goal does appear to be just that: to possess (or have the impression of possessing) the idealized, inaccessible, virile, heterosexual young man of their fantasies (DORAIS, 1954, p. 31-32).

ainda não está bem definida, quando podemos ter o exemplo do indivíduo que realiza o trabalho de prostituição com homem na rua e é intitulado como garoto de aluguel; enquanto que, em um trabalho no meio cinematográfico gay, este indivíduo seria denominado como *gay-for-pay*. Grandes estrelas heterossexuais, como Wolf Hudson e Peter North, recentemente realizaram trabalhos *gay-for-pay* em filmes adultos.

Para os dançarinos *go-go-boys*, há muito mais trabalho disponível em clubes que apelam para homens gays do que em clubes voltados para as mulheres. Como resultado, muitos dos *strippers* em clubes de *strip-tease* gay são heterossexuais. Estes homens são, muitas vezes, contratados por causa da fantasia no mundo gay, com a possibilidade de trazer para o meio gay um indivíduo que se considera heterossexual. A contratação de homens heterossexuais por homens gays nestes clubes é ressentida pela comunidade gay, pois se acredita que, fazendo isto, estariam desmerecendo o corpo gay do dançarino simplesmente pela sua orientação sexual.

Os *gays for pay* se encaixam no perfil mais difícil de classificarmos ou mesmo entendermos, pois, a priori, eles não se julgam prostitutas. Grande parte dos *gays for pay* denominam-se heterossexuais e não dependem exclusivamente da prostituição para sobreviver. Esta classe realiza o trabalho sexual esporadicamente, como um complemento de sua renda, e não veem na negociação entre prazer sexual e dinheiro um espelho de sua identidade, uma profissão a seguir ou, até mesmo, seu local na sociedade.

O *gay for pay* é um número relativamente pequeno no campo da prostituição masculina. Contudo, é sempre observado um crescimento dos números de seus membros quando, economicamente, o país no qual reside se encontra com problemas, e quando o orçamento residencial precisa ser aumentado. Grande parte deles é casada ou possui relacionamento fixo; entretanto, suas respectivas parceiras (ou parceiros, embora grande parte deles se denominem heterossexuais) não saibam de sua renda extra. Na tentativa de conseguirem clientes em tempos escassos, costumam se anunciar como garotos de programas.

2.4 Os michês

Por fim, seguem os michês, que são os que também trabalham nas ruas, como os garotos de programa, porém, o espaço geográfico de atuação desta classe são ruas mais pobres, botequins, becos, festas de rua, área portuária, postos de gasolina e estradas. O padrão de beleza destes prostitutas foge em muito, quando comparado aos dos outros três grupos.

Não possuem uma beleza corporal clássica, têm baixa instrução educacional, pouco conhecimento de mundo e de regras de higiene. Muitos optam por relações sexuais rápidas e por valores baratos, já que a intenção aqui não é satisfazer um desejo em se prostituir, estabelecer uma fidelidade com os clientes, ou mesmo se sentir pertencente a um grupo. Em grande parte, usam o dinheiro do programa para comprar drogas, alimentar-se naquele dia ou ter um local onde possam dormir.

O termo *michê* já foi designado para falar exclusivamente dos garotos de programa, mas, atualmente, este tem sido um termo para se referir ao prostituto de forma pejorativa, ou até mesmo para substituir o termo *cracudo* (nome que se dá ao indivíduo que troca sexo por drogas, em especial o crack). Geralmente oriundos de áreas pobres, os *michês* se encontram na base da pirâmide, e dificilmente conseguirão chegar ao seu topo. Não que isto seja um fato engessado, mas a pressão externa a ele é tão intensa para que permaneça na base, que dificilmente uma pessoa com baixa instrução ou beleza corporal conseguiria trocar de categoria. Por um lado, temos a presença dos fornecedores de drogas, que necessitam destas pessoas comprando sua mercadoria diariamente. Do outro, temos a repressão por parte dos profissionais do sexo que estão em melhor vantagem econômica, social e física do que os *michês*, que não permitem que eles utilizem seus espaços (assunto a ser tratado no próximo capítulo) para obter clientes.

Os clientes dos *michês* têm, em sua grande parte, o perfil de pessoas excluídas da sociedade, por não se encaixarem nas normas vigentes de padronização: pobres, feios, portadores de necessidades especiais, idosos, bêbados, moradores de rua e fetichistas adictos. Neste grupo, a relação prostituto/cliente é bem mais complicada, pois o trabalhador sexual encontra-se ávido por realizar o programa para obter logo o dinheiro, enquanto o cliente (por menor que seja a quantia que este venha a pagar) trata o *michê* como um objeto descartável. Dorais encaixa tais prostitutas em uma categoria denominada *Outcasts* (algo como, banidos, excluídos, párias) e, portanto, afirma que “o ponto de vista dos excluídos sobre os clientes contrasta muito: eles os veem como responsáveis por sua escravidão, bem como por sua deterioração moral, psíquica e/ou física” (1954, p. 63).³³ Assim sendo, não sobressalta aos nossos olhos que muitos crimes ocorram justamente por desavenças entre *michês* e clientes, seja por questão de pagamento ou por questão da não realização do combinado.

³³ The outcasts' view of clients stands in stark contrast: they see them as the persons responsible for their slavery as well as their moral, psychological, and/or physical decay (Dorais, 1954, p. 63).

No processo de categorização dos prostitutos, foi possível observar que a questão do poder de um indivíduo sobre o outro sempre esteve presente. Se na prostituição feminina temos a figura do cafetão como controlador da profissional, na prostituição masculina percebo que o cafetão desaparece, para colocar em seu lugar entidades jurídicas, tais como o poder público, que cobrava as taxas na Grécia e Roma Antiga, os donos de agências, os produtores de filmes pornô, os donos de bares, incluindo, também, o próprio prostituto que tentar explorar o outro, hierarquicamente abaixo dele na pirâmide. Obtive, assim, duas constatações: a) a prostituição masculina não difere em muito no campo da exploração ocorrida na feminina somente porque estamos lidando com homens; e b) não existe apenas um único fator que o impulsiona a tornar-se um prostituto.

Não acredito que sejamos capazes de afirmar que todos os prostitutos são escravos do meio onde vivem, de seus clientes ou de agenciadores. Isto também não justifica dizer que a prostituição masculina seja um trabalho ideal ou um trabalho como outro qualquer, mas apenas podemos perceber que ele compreende uma diversidade de condições de vida que impulsionam o indivíduo para este tipo de trabalho. Observei que se trata de um fenômeno que corresponde a diferentes cenários de vida e necessidades pessoais, que devem ser livres de quaisquer julgamentos.

Constatei, também, que alguns indivíduos parecem inevitavelmente vinculados ao trabalho sexual, mas nada de forma predestinada. Mesmo porque, percebe-se também que alguns profissionais parecem ter escolhido esta profissão dadas as possibilidades que a vida lhes oferecia. Assim como também foi possível observar que, para os quatro tipos de prostitutos descritos aqui, o trabalho do sexo sutilmente sugere o endividamento ou outro estilo de vida financeiro, a busca de um círculo social, a busca de reconhecimento como profissão, ou a busca pelo afeto.

Mencionados os perfis dos prostitutos, é necessário agora pensar nos locais onde atuam estes profissionais. Como já exposto anteriormente, a prostituição não se reserva somente às ruas, ela também está presente em outros locais, tais como as saunas e a Internet. No intuito de verificar como estes profissionais trabalham nestes lugares, pus-me a frequentar e a observar estes três campos (saunas, ruas e Internet) de modo sutil, pois não trabalharei com pesquisa de campo com enfoque sociológico ou antropológico. Em adição às minhas observações nestes locais, utilizei a obra literária *Cinema Orly* (1999), de Luís Capucho, para exemplificar algumas passagens, pois isto, além de me fazer focar na pesquisa bibliográfica sobre a prostituição, elucidada de forma competente o que pude perceber ao visitar tais locais.

3 LOCAIS DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE

Originalmente, o trabalho sexual masculino e feminino acontecia quase que predominantemente nas ruas e nos bordéis. Todavia, como mencionado no início desta tese, o mercado da prostituição possui um grande poder de adaptação ao longo do tempo e das mudanças que ocorrem na sociedade. Para o estudioso Barry Reay (2010), em seu livro *New York hustlers — Masculinity and sex in modern America*:

A imagem do prostituto é a de um jovem que desfila seu corpo na rua ou está disponível para serviço privado em um bordel masculino ou pelo telefone. Um estudo de 1970 em Boston dividiu o “profissional” em prostitutas de rua, de bar de prostituição, de serviços telefônicos e os de clientes fixos (REAY, 2010, p. 79.³⁴ Tradução minha).

Atuar em bordéis (estabelecimentos escassos hoje em dia) poderia ser lucrável ou seguro há muito tempo atrás; atualmente, estes locais não oferecem mais tamanha rentabilidade, como a esperada pelo profissional.

É interessante conhecer um fato histórico narrado por Blanc (2010), que contava a respeito deste processo de captação de clientes nas ruas e eram levados para dentro dos bordéis. Sobre os bordéis na Roma da época de Plauto (c.254-184 a.C.), as prostitutas eram nomeadas de cortesãs ou lobas, alguns bordéis eram chamados de *lupanar* ou covil dos lobos. Em seu estudo, Blanc relata que estes locais eram assim chamados porque as prostitutas uivavam como se fossem lobas, atraindo, assim, os clientes para a casa de prostituição onde trabalhavam.

Ao ouvir o uivo das prostitutas, o cliente devia apenas seguir as imagens pornográficas e os falos desenhados na calçada, os quais mostravam o caminho para o *lupanar*, como se fossem setas indicadoras. Deitada num banco de Pedra, no claustro Estreito, a prostituta atende o cliente, que escolhia conforme a especialidade sexual que ela praticava — informada por meio de um afresco sobre a entrada do quarto onde ela atendia (BLANC, 2010, p. 50).

Observamos, assim, o quanto um bordel era um estabelecimento inicialmente seguro e organizado, para que a prostituta trabalhasse da melhor forma. Da mesma maneira que acontecia com a versão feminina, a prostituição masculina não era para os gregos objeto de

³⁴ The image of the hustler is a young man who either parades his body on the street or is available for private consultation in a male brothel or on call. A 1970s study of male prostitutes in Boston divided “professional” into street and bar hustlers and call-boys and kept men (REAY, 2010, p. 79).

escândalo. Os bordéis de rapazes existiam não apenas nas zonas do Piréu, Kerameikos, no monte Licabeto, mas um pouco por toda a Atenas.

Por outro lado, a rua ainda oferecia uma maior possibilidade de captação de clientes; todavia, esta não estava mais comportando a demanda do aumento de profissionais no mercado e apresentava situações de violência entre prostitutas e prostitutas, brigas com clientes causando desordem pública e batida policial com possibilidade de extorsão financeira. É também notável o quanto algumas gestões políticas tendem, através do processo de urbanização e restauração de uma área, realizar uma higienização daquele local de forma indireta. Assim, os profissionais precisam abandonar aquela determinada localidade e procurar novos campos.

A partir deste breve histórico sobre os bordéis, busco, neste capítulo, discorrer sobre os três maiores campos de atuação da prostituição masculina atualmente: as saunas, as ruas e os sites.

3.1 As saunas

É inevitável que, com as mudanças sociais, morais e econômicas, os bordéis masculinos que existiam na Roma e Grécia Antiga não existam mais nos dias de hoje. Reay (2010), renomado estudioso da área, não acredita mais na existência comercial intensa dos bordéis, que se transformaram em clubes privês ou saunas. A autora María Elvira Díaz-Benítez, em seu livro *Nas redes do sexo — Os bastidores do pornô brasileiro* (2010), define que saunas são “aqueles locais comerciais do mercado sexual que possuem efetivamente o serviço de banhos, a vapor ou seco, hidromassagens ou similares” (BENÍTEZ, 2010, 43). Ressalto, aqui, que existe uma confusão no mercado sexual, no que diz respeito às palavras saunas e termas, por isto, opto pela definição dada por Benítez, pois é a que mais se aproxima da realidade que pesquiso.

Em *Este livro é gay e hétero, e bi, e trans....* (2015), o autor James Dawson afirma que “saunas, ou ‘casas de banho’, existem espalhadas em muitas cidades, e são perfeitamente permitidas por lei na maioria dos países” (DAWSON, 2015, p. 207). Aqui no Brasil, os serviços de saunas são quase que em sua totalidade voltadas para os clientes masculinos, e, em eventuais casos, existem festas temáticas onde a presença de mulheres é permitida. Mas o que estes estabelecimentos mais proporcionam para os clientes é a questão do anonimato. Dawson (2015) diz que “as saunas são consideradas lugares meio suspeitos, e as pessoas

muitas vezes frequentam esses lugares em segredo” (DAWSON, 2015, p. 207), o que permite que os clientes se encontrem com os prostitutas nelas sem deixar evidente que estão indo no local para fazer sexo com outro homem, uma vez que as saunas oferecem diversos outros serviços dentro delas que não sejam necessariamente ligados à prostituição.

Outro aspecto que acredito que tenha contribuído para a extinção dos bordéis e o advento das saunas é a questão da regularização judicial do estabelecimento. Assim, um bordel masculino se torna alvo muito mais fácil de seguidas batidas policiais do que um local declarado como sauna.

Para perceber a prostituição ocorrendo dentro de uma sauna, é necessário remetermos ao início desta tese e lembrarmos a questão da gestualidade. O corpo do profissional emitirá a mensagem através de sua gestualidade, vestimenta (ou ausência dela) e discurso oral. Nas pesquisas sobre saunas, observei que o modo de vestir dos prostitutas nas saunas é diferente da forma como o cliente se traja. O cliente geralmente usa uma toalha amarrada à cintura, enquanto o profissional do sexo veste uma sunga e leva a toalha no ombro. Nesta forma, expõem seus corpos e submetem-se à avaliação por parte dos olhares dos clientes.

As saunas lucram com esta forma de trabalho, pois alguns prostitutas pagam uma porcentagem do valor do programa para a casa; outras, alugam cabines (que são um cubículo onde há somente uma cama de solteiro, uma cadeira e uma lixeira), para que os clientes possam realizar a prática sexual com o profissional de forma privada.

Pereira e Santos (2016), em seu artigo *Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo*, exemplificam esta questão de vestimenta em um patamar diferente do exposto aqui. Para eles, os espaços das saunas conduzem a uma relação direta com a exposição do corpo, afirmando que, em sua pesquisa, encontraram locais em que não se podia entrar de roupas, como as próprias saunas e as salas de exibição de filmes pornôis que existem em algumas saunas. Sobre corporeidade e vestimentas nestas saunas, ambos afirmam que:

Se está nu ou envolto em uma toalha, o corpo do cliente adquire múltiplos significados para os michês na sauna. Um desses significados é o de que se está à busca de interação, de relacionamentos, de contato com algum rapaz e de prática de sexo. Tanto a toalha quanto o corpo nu do rapaz demonstram disposição e prontidão para novas relações e interações. No caso da nudez, esta acaba por facilitar o contato e o encontro do cliente e o michê (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 135).

Outra fonte de renda obtida pelas saunas é através da venda de bebidas alcoólicas, em sua grande maioria com o valor bem acima do mercado. Com o intuito de chamar a atenção do prostituto e iniciar com este uma conversa, o cliente pergunta se pode pagar uma bebida

para ele. Por vezes, em conjunto com o estabelecimento comercial, o profissional aborda o cliente e utiliza o rotineiro jargão: — *Você pode me pagar uma bebida?* Desta forma, dependendo da quantidade de bebidas vendidas por indicação daquele trabalhador sexual, seu percentual a ser pago para a sauna é diminuído.

Nem sempre os prostitutas trabalham diretamente com os clientes quando frequentam as saunas. A pesquisadora Benítez (2010) declara, em seu livro, que, no processo de recrutamento de novos atores pornô, a sauna abre um leque de opções para os recrutadores que as ruas, por vezes, não oferecem.

O recrutamento é efetuado em distintos contextos, muitos deles ligados à prostituição e ao mercado do sexo: ruas, saunas, boates, privês, casas noturnas e sites. Além disso, recruta-se também por meio de conhecimento das redes de moradia de diversas pessoas que transitam por tais circuitos (BENÍTEZ, 2010, p. 36).

Desta forma, a indicação pode partir dos proprietários do estabelecimento, por indicação dos clientes que costumam comentar sobre o desempenho do profissional, ou mesmo pela própria aparência do prostituto. Embora a pesquisadora ofereça também a possibilidade de o recrutamento ocorrer primeiramente nas ruas e bares, a mesma afirma que observou que, quando há uma necessidade maior de um profissional com um perfil ou um estereótipo em específico, as saunas apresentam os melhores perfis. As saunas costumam trabalhar com um segmento de profissionais em determinados dias da semana: *barbies*, lolitos, negros; porém, dificilmente maduros ou os considerados efeminados. Benítez explica este processo de recrutamento dizendo que:

No caso dos michês, alguns marcadores corporais são fundamentais para o olhar do recrutador: seu jeito de caminhar, as performances de virilidade, as roupas, as falas, os gestuais, a maneira de posicionar-se em um ponto da rua ou até mesmo de fumar um cigarro fazem parte de uma linguagem performativa, obedecendo a certa cenificação generificada³⁵ do corpo. Esses indícios que fazem gênero são essenciais na constituição da subjetividade e da corporalidade desses indivíduos, operando como marcas sociais que os posicionam nas relações face a face e proporcionam informações acerca do sujeito que as possui ou exerce. Os recrutadores procuram, então, garotos “sarados” e másculos porque é aquilo que o mercado, tanto hétero como *gay*, privilegia. Já os rapazes efeminados ou “bichas pintosas” posicionam-se como um sem-lugar na indústria pornô (BENÍTEZ, 2010 p. 39).

As saunas exigem uma beleza mínima, nada como a clássica beleza greco-romana das estátuas de mármore ou dos acompanhantes de luxo mencionados previamente, mas uma que

³⁵ Com a expressão generificada, a pesquisadora se refere a marcas, trejeitos, estilos e performances corporais que criam uma ideia de gênero ou que fazem gênero em relação ao masculino ou feminino.

permita uma apresentação agradável ao estarem expostos pelos corredores e outras dependências das saunas, mas que, acima de tudo, diferencie-os dos profissionais do sexo que trabalham exclusivamente na rua e carregam o semblante de cansados. Por fim, estes estabelecimentos se tornam fontes de referência quando um profissional precisa ser reencontrado pela produtora de filmes pornôis, já que seus telefones costumam mudar³⁶ e seus nomes geralmente são fictícios.

Durante a pesquisa para esta parte da tese, busquei na Internet informações sobre as saunas no estado do Rio de Janeiro, e como elas se anunciavam. Não é proposto, aqui, pesquisar detalhadamente as saunas, mas, sim, apenas observar como seus anúncios eram veiculados, para, a partir desta constatação, entender de forma clara como a prostituição ocorre nestes locais. Em meio à pesquisa, estive no *sexshop Sexy Rose*,³⁷ e recebi das mãos de um estranho um cartão (Figura 6 e Figura 7) do estabelecimento *H.O.S.T.E.L Klub Meetings*, onde somente entrariam pessoas convidadas e selecionadas, uma vez que o local não é aberto ao público, como pode ser lido na Figura 6.

Figura 6 — Cartão do estabelecimento H.O.S.T.E.L Klub Meetings (frente)



Fonte: Cartão recebido pelo autor durante a pesquisa, ao visitar o sexshop Sexy Rose.

³⁶ O prostituto costuma mudar o número do telefone constantemente, pois, quando o seu número se torna desgastado em anúncios, existe a possibilidade de ele não ser mais procurado, por se tratar de alguém já conhecido no mercado. Trocar os números, os nomes e as fotos são características típicas do prostituto, para se reinventar no mercado e apresentar-se como novo.

³⁷ O Sexy Rose se localiza na Rua Álvaro Alvim, 37, loja 6, Cinelândia, Rio de Janeiro. Um local historicamente reservado à prostituição de rua masculina e feminina.

Figura 7 — Cartão do estabelecimento H.O.S.T.E.L Klub Meetings (verso)



Fonte: Cartão recebido pelo autor durante a pesquisa, ao visitar o sexshop Sexy Rose.

O que me atraiu a atenção no cartão foi a forma como o cliente poderia chegar à sauna: somente via telefone. Entre outro aspecto, o fato de permitir pernoite também é um elemento atrativo. Dos outros serviços, todos os que são oferecidos no HOSTEL Klub Meetings também são oferecidos nas saunas.

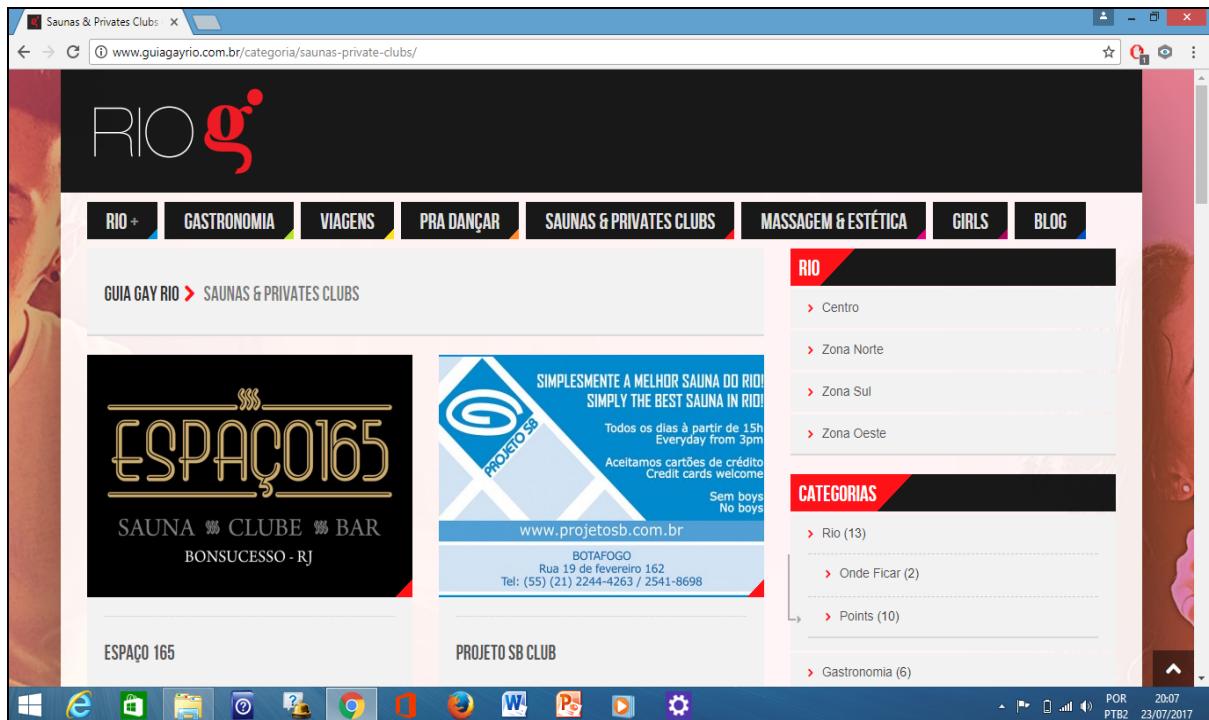
Não precisei necessariamente visitar uma sauna para entender sua logística de funcionamento. Em uma pesquisa na Internet, associada a teorias da linguística, pude mapear o modus operandi destes locais e como a prostituição provavelmente ocorreria neles.

Para selecionar qual estabelecimento seria o mais indicado para esta análise, busquei pesquisar nos dois maiores sites que anunciavam este serviço: o Guiagayrio (Figura 8) e o Obaoba. Primeiro observei como elas eram mostradas em conjunto, percebendo os elementos que as divergiam e convergiam. Depois, selecionei 5 saunas e as analisei, como suas decisões eram apresentadas pelo site.

A priori, a informação obtida sobre as diferenças entre as saunas confirma o que foi dito por Pereira e Santos:

É importante destacar que as saunas, no momento de seu surgimento, se dividiram em duas modalidades: as chamadas saunas gays e as saunas de michê. As saunas de michê possibilitam o trabalho dos rapazes que trocam sexo por dinheiro em seu interior; as saunas gay não permitem a entrada desses profissionais e surgiram em São Paulo em meados da década de 1970, ganharam espaço e se impuseram como um ponto forte do mercado GLS.

Figura 8 — Página “Saunas & Private Clubs”, do site Guiagayrio.com

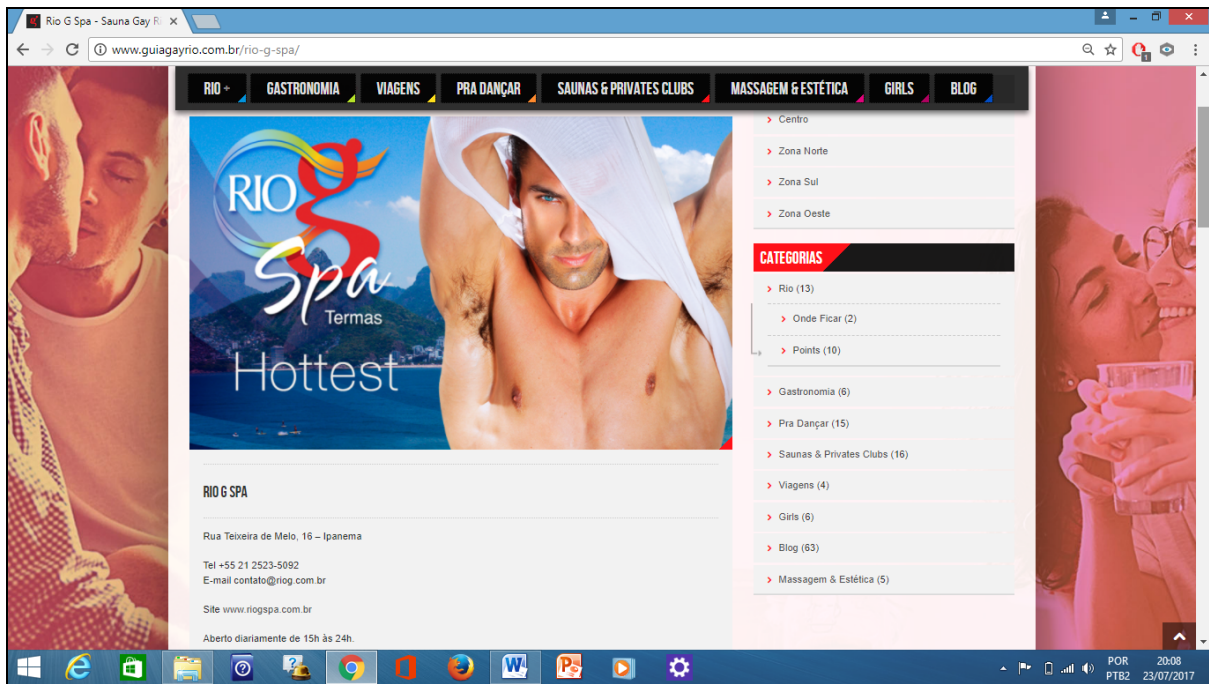


Fonte: Imagem obtida em: <<http://www.guiagayrio.com.br/categoria/saunas-private-clubs/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

As saunas se apresentam com informações praticamente repetidas: sauna, clube, bar, forma de pagamento, localização e horário de funcionamento. Dificilmente elas utilizam fotos de pessoas em seus anúncios virtuais; contudo, os panfletos entregues na rua ou distribuídos nas *sexshops* contam com a presença de imagens de homens que não necessariamente trabalham ou frequentam o estabelecimento. Estas são fotos geralmente retiradas de sites da Internet. A questão do horário de funcionamento é interessante, pois mostra que quase todas elas abrem no período da tarde a partir das 13:00 h, o que torna possível o prostituto trabalhar à tarde e não precisar esperar até o anoitecer para captar clientes nas ruas, uma vez que a prática começa geralmente ao anoitecer.

Na imagem abaixo, é possível observar a presença de uma bela figura masculina, com o corpo muito parecido com as estátuas gregas, mas o anúncio não traz informações sobre o local, horário de funcionamento ou os serviços oferecidos. Somente quando cliquei na propaganda é que fui levado a estas informações. Percebi, em outras propagandas de saunas, que os estabelecimentos localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro (principalmente Copacabana, Ipanema, Leblon e Gávea) não colocam seus endereços e horários de maneira primária, utilizam palavras em Inglês e colocam fotos de modelos, que não há como saber se trabalham ou não no local.

Figura 9 — Página “Rio G Spa”, do site Guiagayrio.com








Fonte: Imagem obtida em: <<http://www.guiagayrio.com.br/categoria/saunas-private-clubs/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

Percebi que existem diferenças entre os anúncios das saunas da Zona Sul e dos outros bairros do Rio de Janeiro. Nas da Zona Sul, a localização parece sempre ser evasiva, e o interessado precisa procurar por mais informações em outros meios para chegar a ela. Enquanto que, nas saunas dos outros bairros, a localização e informações de serviços são as primeiras coisas que mostram, inclusive emitem pontos de referência para que o cliente tenha noção do local.

Ao pesquisar o site *Obaoba* (Quadro 1), pude perceber como as saunas se apresentam através de textos. Provavelmente, estes não foram criados pelos donos dos estabelecimentos, mas, sim, escritos pelo responsável pelo site, a partir das informações cedidas por quem gerencia a sauna.

Quadro 1 — Apresentação das saunas no site Obaoba.com.br³⁸

	<p>Em Ipanema, a Sauna G Spa tem além das saunas a vapor e a seco e bar, vários tipos de massagens: shiatsu, tântrica e tailandesa. Também um espaço fitness, além de dark room. Funciona diariamente entre 15h e meia-noite, com exceção dos serviços de SPA que funcionam entre 16h e 23h.</p>
	<p>No Catete, a Sauna Carioca, além de todas as atividades e espaços esperados de uma sauna, traz também dark room, labirinto erótico e glory holes para os mais atiradinhos. Funciona diariamente entre 15h e meia-noite.</p>
	<p>Em Copacabana, a Sauna Copacabana tem saunas a vapor e a seco, dark room, piscina e bar. Funciona diariamente de meio-dia à meia-noite e nela você paga apenas uma entrada por dia, e pode entrar e sair quantas vezes quiser.</p>
	<p>Em Botafogo, pertinho do metrô, o Club 29 existe desde 1995. O clube tem saunas a vapor e a seco, bar, sala de TV, lan house, sala de leitura, chuveiro coletivo, gabinetes e sala de massagem. Funciona todos os dias a partir das 13h (com exceção de domingo que abre às 15h).</p>
	<p>Em Botafogo, o Projeto SB tem lounge, piscina, dark room, além das saunas a vapor e a seco, bar e salas de massagem. Funciona diariamente entre 15h e meia-noite, e às sextas e sábados se estendendo até 1h.</p>

Fonte: Imagens e textos retirados do site: <<http://www.obaoba.com.br/variedades/noticia/roteiro-de-saunas-gays-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

³⁸ Optei por manter os textos como encontrados no site, inclusive com possíveis erros de Português.

Com o intuito de perceber o que os anúncios das saunas buscavam dizer, recorri superficialmente às teorias de Michael Alexander Kirkwood Halliday sobre análise do discurso. Halliday (1973) propôs três funções para a análise do discurso. A primeira é a ideacional da linguagem, cuja função é a de representação da experiência, na qual os enunciados remetem a eventos, ações, estados e outros processos por meio de relação simbólica. A segunda é a interpessoal, cuja função se refere ao significado da perspectiva no processo de interação social da língua como ação. Esta trata dos usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, e está presente em todos os usos da linguagem. A terceira proposta pelo linguista é a textual: aspectos semânticos, gramaticais, estruturais, que devem ser analisados no texto com vistas ao fator funcionar, uma vez que a seleção de estruturas textuais se relaciona a contextos sociais de interação.

Com isto, agrupei as informações oferecidas em todos os textos dentro de três elementos que julgo importantes para que um estabelecimento comercial trabalhe a sua divulgação: a) onde encontrar, b) quando encontrar, e c) o que encontrar. Desta forma, temos o Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 — Organização de informações por grupo lexical

Locais	Horários/Dias	Ponto de referência	Instalações e serviços oferecidos
<ul style="list-style-type: none"> • Ipanema • Catete • Copacabana • Botafogo 	<ul style="list-style-type: none"> • Entre 15h e meia-noite, e às sextas e sábados se estendendo até 1h • Todos os dias a partir das 13h (com exceção de domingo, que abre às 15h) • Diariamente, de meio-dia à meia-noite • Diariamente, entre 15h e meia-noite 	<ul style="list-style-type: none"> • perto do metrô 	<ul style="list-style-type: none"> • saunas a vapor e a seco • espaço <i>fitness</i> • sala de leitura • massagens • <i>lan house</i> • sala de tv • piscina • bar • <i>lounge</i> • gabinetes (cabines) • <i>dark room</i> • <i>glory holes</i> • labirinto erótico • chuveiro coletivo

Todos os textos contêm, basicamente, as mesmas informações, que, a priori, seriam meros dados para o cliente saber o que encontrará no local. Em nenhum momento os termos sexo, prostituição ou garotos de programa foram mencionados. Contudo, um olhar mais

aprofundado pelo grupo lexical das palavras dos anúncios, demonstra que a presença de determinados vocábulos (*dark room*,³⁹ *glory holes*,⁴⁰ labirinto erótico e gabinetes) remetem à possibilidade de sexo entre os frequentadores da sauna. Grande parte destes estabelecimentos nega que haja a presença dos prostitutas neles, talvez pelo preconceito de afirmarem que se trata de um local onde ocorra tal ato, ou até mesmo por questões de infração de lei, já que o rufianismo, previsto pelo art. 230, do Código Penal, é um crime, que consiste em tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça. Assim, todos preferem se declarar como sauna.

Frequentar uma sauna talvez seja mais seguro para o cliente, pois há o possível anonimato, opções de bons serviços e a possibilidade de manter uma relação sexual em sigilo; enquanto que, para o prostituto, os benefícios não são tantos assim. Os prostitutas precisam pagar um percentual dos programas às saunas, disputar os clientes com outros profissionais e ter exclusividade com o estabelecimento. Desta forma, a rua continua sendo o local primário e de grandes oportunidades para encontrar os clientes, mesmo sendo ela um local de muito maior possibilidade de perigo. Entendo que a questão de o ganho financeiro ser maior sobrepõe a questão da segurança e conforto das saunas.

3.2 As ruas

A rua exerce um papel muito forte na vida do prostituto, pois é em sua grande parte por ela que se dá o rito de passagem de conseguir o primeiro cliente; é dela que muitos buscam fugir em nome de melhores condições de trabalho; contudo, é para ela que voltam quando a necessidade financeira está alta. É claro que existem prostitutas que nunca trabalharam nas ruas, principalmente nos dias modernos, com o advento da Internet (assunto tratado mais à frente), mas o passar de informações sobre a dinâmica da prostituição inevitavelmente remete à rua.

Em momento algum a tese busca ser uma pesquisa exclusivamente sociológica ou antropológica, portanto, não faria sentido ir para as ruas e verificar como os prostitutas

³⁹ Uma *dark room* (em português, sala escura) é uma sala encontrada em boates GLBT e casas de swing onde várias pessoas encontram diversas formas de prazer, do oral ao anal, do par ao grupo.

⁴⁰ São buracos feitos estrategicamente nas paredes de banheiros ou cabines de projeção de filmes pornôns onde os homens inserem o pênis e recebem sexo oral anonimamente de uma outra pessoa do outro lado.

trabalhavam nelas ou entrevistá-los enquanto estão nelas. O enfoque nesta pesquisa é a literatura; contudo, foi inevitável não visitar as ruas onde possivelmente ocorre a prostituição masculina. O tempo que visitei estas ruas não objetivava gerar dados precisos sobre o trabalho sexual destes profissionais, mas foi necessário estar em tais locais para sentir a dinâmica pulsante da cidade e das suas ruas como locais de prostituição.

Basicamente, concentrei-me em um horário específico: período da tarde para a noite, nos fins de semana. E em três locais no estado do Rio de Janeiro: Cinelândia, Rua da Carioca chegando a Praça Tiradentes e Aterro do Flamengo. Estes campos de circulação de prostitutas são territórios meio que previamente inscritos socialmente pelas pessoas que os frequentam e pelo que há em seus entornos, como bares, cinemas pornô, boates, lojas, banheiros públicos, jardins e transporte. E são estas divisões/inscrições que formam, a determinada hora, a paisagem urbana que fica escondida à luz do dia.

Ao cair da tarde, a área da Cinelândia recebe todos os perfis de pessoas: das mais bem vestidas (geralmente indo ao Teatro Municipal ou ao Rival), como também os maltrapilhos, que disputam o banco para poder ter uma noite de sono. É nesta hora que percebi a presença de jovens, quase todos com o mesmo padrão de corte de cabelo e roupa, aproximando-se da área e andando a esmo no entorno da Cinelândia. Vez ou outra se esbarravam, mas dificilmente paravam para ficar juntos. É dúbio confirmar se estavam realizando prostituição, mas a gestualidade presente, a constante abordagem de senhores de idade e o olhar insistente nas pessoas que passavam em volta, remetiam a todas as teorias do corpo e gestualidade, previamente mencionadas nesta pesquisa.

Abordar o profissional seria inviável, e não fazia parte do propósito da tese; assim sendo, da mesa do bar Amarelinho,⁴¹ continuei a observar a ação no entorno. Existe uma demarcação sutil de onde cada trabalhador permanece e pode andar; aparentemente, não é nada combinado ou demarcado fisicamente, mas, sim, pelo senso comum. Presenciei jovens conversando com homens mais velhos e saindo do raio do meu campo visual; estes mesmos jovens retornavam depois ao local e ali permaneciam por mais tempo. Quando um deles se ausentava do local com outra pessoa, outros até passavam pelo local daquele que ali estava, mas, em hipótese alguma, permaneciam na área.

No trânsito de prostitutas na área, no respeito pela demarcação territorial do outro, pude perceber que se processa a interiorização da reprodução das relações sociais entre os

⁴¹ A história do Rio de Janeiro se mistura com a boêmia. Muitos dos fatos mais importantes da memória da Cidade Maravilhosa começaram em mesas de bares e cafés. O Amarelinho da Cinelândia sintetiza esta ideia. Ele está localizado no seguinte endereço: Praça Floriano, 55 B — Cinelândia, Centro, RJ.

trabalhadores sexuais e as pessoas que estão no entorno. Mesmo a Cinelândia tendo sido revitalizada, incluindo agora a passagem do trem VLT, a presença dos prostitutas ainda é constante no cair da tarde, próximo ao anoitecer. Entendi esta dinâmica que ocorre naquela rua como um local de resistência à ordem social dominante, exatamente como os protestos ocorridos na Vila Mimosa (tradicional local de prostituição feminina no Rio de Janeiro) quando a prefeitura tentou deslocar as trabalhadoras do local da Praça da Bandeira para um galpão em Gramacho (Duque de Caxias), em 1996.

Em sua grande maioria, os trabalhadores sexuais ali presentes não aparentavam ter mais do que vinte três ou vinte e quatro anos, porém, pelo que pesquisei em livros com depoimentos para esta tese, eles começam na carreira antes desta idade, realizando, muitas das vezes, seu primeiro programa aos dezesseis ou dezessete anos. A Cinelândia demonstra ser o local inicial, a área embrionária para os que se aventuram a seguir o caminho da prostituição como forma de trabalho. Acredito que exista um êxodo, um deslocamento territorial destes rapazes à medida que eles fiquem mais velhos ou conhecidos na área, conquistando, assim, novos pontos, e deixando para trás um local de trabalho vago para outros que agora estão iniciando na prostituição.

Percebi este fato quando me desloquei da área da Cinelândia para a Rua da Carioca. Pois, neste segundo local, a presença de prostitutas que aparentavam ter mais do que vinte três ou vinte e quatro anos era maior do que na Cinelândia. A configuração urbana da Rua da Carioca proporciona a prostituição naquela localização, pois a rua possui estabelecimentos onde é possível alugar um quarto por períodos de uma ou duas horas, bares, bordéis, e, em alguns fins de semana, existe uma festa no antigo Cinema Íris, que também é um cinema pornô que ainda está em funcionamento.

Geograficamente falando, a Rua da Carioca termina na Praça Tiradentes, que historicamente é um local de prostituição (masculina e feminina). Atualmente não ocorre de forma tão acentuada, pois, com a revitalização da praça, dos teatros, dos centros culturais e a criação do Hotel Ibis no entorno, há um policiamento mais frequente. Mas, ao cair da noite, pude perceber a presença de prostitutas na Praça em busca de clientes. Observei que os clientes que paravam para conversar com os supostos prostitutas na Rua da Carioca não aparentavam ter a mesma faixa etária que os clientes da Cinelândia, e muitos deles estavam de carro. A dinâmica parecia se dar da seguinte forma: o cliente abordado na rua ou iria para dentro do cinema ou iria para um dos locais que alugavam quartos por períodos de horas. Ao

fim, o suposto cliente saía sempre na frente e seguia seu caminho, enquanto o prostituto voltava para seu local de atuação na calçada.

Os pesquisadores Green e Polito (2004), em seu livro *Frescos trópicos — Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*, juntam uma série de documentos, textos e reportagens que iniciaram o assunto homossexualidade no Brasil. E, nesta obra, eles dizem que:

Naturalmente, os homossexuais têm de conquistar os seus espaços de interação e sociabilidade. Conquistar mesmo, já que geralmente foram e são perseguidos de modo implacável pelos cidadãos comuns e, talvez muito pior, pela polícia, pela Justiça e pela Medicina. Esses territórios urbanos da vida homossexual masculina foram se alterando e se transformando ao longo do século nas grandes cidades brasileiras. Praça Tiradentes, Jardim da Luz, Copacabana, Vale do Anhangabaú, Cinelândia, Praça da República, Avenida São Luís, Praça da Alfândega, Praça Sérgio Loreto (GREEN; POLITO, 2004, p. 29).

Com a passagem exposta acima, não afirmo que todos os prostitutas que trabalham na Praça Tiradentes sejam gays, ou que todos os gays que ali frequentam estejam em busca de um prostituto. A citação acima apenas confirma que, historicamente, a Cinelândia e a Praça Tiradentes eram locais frequentados por gays e que, historicamente, o local está ligado a isto; talvez por esta ligação os prostitutas ainda se façam presentes naquela área.

Nas palavras de Perlongher (2008),

É verdade que, o dado habitual nomadismo dos michês de rua, eles costumam não se restringir a um único ponto, mas perambular de um local para o outro. Mas a rua pode funcionar como o grande coletor de diferentes formas de gêneros da prostituição viril: não é incomum que prostitutas de saunas ou de boates se prostituam também na rua (PERLONGHER, 2008, p. 54).

Este fato foi observado na Rua da Carioca, onde diversos prostitutas ficam no cinema ou na varanda/sacada do mesmo esperando clientes adentrarem. Contudo, quando observam algum cliente em potencial na rua, estes descem, saem do cinema e posicionam-se à disposição para a abordagem, e, a partir de uma negociação bem-sucedida, eles retornam com o cliente para dentro do cinema ou para um dos quartos a serem alugados na mesma rua.

Tanto os prostitutas quanto o público que frequenta a histórica Rua da Carioca em busca de programas, não aparentam ter idade menor do que vinte cinco anos. O público é quase que em sua totalidade formado por homens de, no máximo, quarenta e cinco anos; enquanto observei uma escassez de menores de vinte e quatro anos, tanto por parte dos prostitutas quanto por parte dos clientes.

No quesito observar a dinâmica do local, a Cinelândia ofereceu uma melhor possibilidade de acompanhar o que acontecia, estando eu sentado nas mesas do bar Amarelinho. Já na Rua da Carioca, era inviável ficar parado na calçada por muito tempo sem ser notado, existia a sensação de que eu estava sendo observado e que seria questionado a qualquer momento sobre o estava fazendo ali estático. Mesmo porque, minha gestualidade corporal não me encaixava no perfil nem de prostituto nem de cliente; assim, para evitar problemas, eu costumava andar ao longo do início do Largo da Carioca até a Praça Tiradentes, principalmente enquanto havia policiamento, para que eu pudesse fazer as observações.

Percebi que a rua é o melhor local para se observar a questão da prostituição, e parece ser a grande escola onde os iniciantes neste ramo adquirem experiências para conseguir desenvoltura no trabalho. Assumo que, pela possibilidade de um pré-julgamento da minha parte, o que pude observar é que, nas áreas dos centros urbanos, existe um submundo tradicional da marginalia e prostitutas ditos de estrato mais baixo, provindos, geralmente, das classes populares, e que são em grande número na área; enquanto as áreas não centrais são povoadas por prostitutas de estrato médio.

Um terceiro local onde tentei observar a ocorrência da prostituição masculina foi no Aterro do Flamengo. Eu conhecia o local, pois costumava praticar corrida naquela área. Durante o dia, só observei a presença das reclamações mais constantes das pessoas que moram por perto do Aterro: moradores de rua, menores infratores, abandono do local por parte da prefeitura, pichações, vandalismo nos aparelhos de ginástica e nos brinquedos dos parquinhos, lixos espalhados nas ruas e na Praia de Botafogo. E, mesmo com todos estes problemas, atletas, peladeiros, mendigos, pais e filhos, infratores, moradores, vizinhos, prostitutas e prostitutas, trabalhadores e qualquer visitante diurno do Aterro gozam da existência do único espaço público do Rio que oferece área verde entre uma praia inteira e a cidade Maravilhosa.

Todavia, de noite, o cenário muda de configuração, e andar pelo Aterro ao anoitecer, em suas áreas mais desertas, como a do gramado perto da Marina da Glória, pode ser perigoso e intimidante, já que o local é pouco iluminado e com bastantes árvores, onde infratores podem se esconder. O escritor Luís Capucho, autor de *Cinema Orly* (1999), conta em sua narrativa que, no passado:

[...] a cidade queria nos eliminar porque há mais ou menos quinze anos, se eu saía para o Aterro ou andava pela Via Ápia à noite, tinha que tomar cuidado com os policiais para não ser preso sob a acusação de vadiagem. Vadiagem foi a desculpa

que tiveram para reprimir nossa veedagem, que consistia em andar pelos lugares mais escusos, mais desertos do Aterro e do centro da cidade (Via Ápia), a fim de pegar, o que nos dava ares suspeitos (CAPUCHO, 1999, p. 92).

Obrigando-o, assim, a frequentar locais fechados, como o cinema Orly, na Cinelândia. Atualmente, a violência social é o grande fator que impede as pessoas de frequentar a área do Aterro em um horário mais tarde.

Observar a prostituição neste local foi árduo, pois o medo de que algo de ruim pudesse acontecer comigo esteve presente a todo instante. Não constatei ação de prostitutas ao longo do dia e da tarde, o que percebi foram paqueras discretas e troca de olhares rápidos com eventuais paradas para conversar. Durante a noite, há uma demarcação territorial, assim como há na Cinelândia, onde os que buscam o sexo não interferem na área daqueles que buscam beber com os amigos em um quiosque, ou os que buscam namorar sentados na praia.

No período noturno, percebi que, procurar um prostituto, era para os aventureiros e corajosos. Como o local é muito arborizado e pouco iluminado, diversas silhuetas de corpos que se pareciam com os de homens ficavam na escuridão, debaixo ou por entre as árvores. Minha caminhada tinha que ser a mais rápida possível, e sempre por perto de locais iluminados. A dinâmica para abordar um prostituto no Aterro é, definitivamente, diferente da que ocorre na Cinelândia e na Rua da Carioca, mesmo sendo ali um local (próximo a Zona Sul) conhecido como ponto de encontro de pessoas que buscam sexo pago ou não. A dinâmica de prostituição na Cinelândia e na Rua da Carioca, mesmo que ocorrendo à noite, era bem definida, mapeada e de fácil entendimento para quem se aventurava a conhecê-la.

O que parece é que, quem frequenta o Aterro, já domina a ação de buscar um programa, já sabe como, onde e de que forma obter um prostituto. Para quem está iniciando, existe, a meu ver, a possibilidade de sofrer uma violência, um assalto e, até mesmo, de não conseguir alguém para o serviço sexual.

Existem vários locais a serem explorados para observação, mas cada um com suas características: lateral do Aeroporto Santos Dumont (policiamento ostensivo), Museu de Arte Moderna (segurança privada e existência de câmeras externas), Marina da Glória, Bosque em frente ao extinto Hotel Glória (possibilidade de assalto, porém, onde vi homens com mais gestualidades típicas de prostitutas), estacionamento do Museu Carmem Miranda e as pedras da enseada de Botafogo (presença maior de casais). O local que mais chamou minha atenção, e onde presenciei uma negociação de preço de trabalho sexual, foi nas imediações do banco de madeira sobre o deque do Rio Carioca, que se tornou um local animado e bem conservado, para funcionar como ponto de encontro de moradores.

Dado o tamanho do Aterro do Flamengo, as peculiaridades de cada parte, e o horário tarde da noite quando é o momento propício para a prostituição de rua, ficou muito difícil observar com maior afinco a localidade. Em parte, concordo com Capucho quando ele diz que “acho que o Orly era permitido pelas autoridades para tirar a bicharada da rua, do Aterro, da Via Ápia” (CAPUCHO, 1999, p. 69). Não pela necessidade de esconder os homossexuais, que aqui vou preferir chamar de clientes, mas porque é muito mais fácil mantê-los dentro de um cinema pornô do que patrulhar toda a localidade do Aterro de forma ostensiva e efetiva. Talvez por isso, pude observar um aspecto interessante nos endereços das saunas: grande parte delas está localizada em bairros no entorno do Aterro do Flamengo, e cada bairro possui, pelo menos, duas saunas.

Nos dias atuais, com a extinção do Orly, por exemplo, acredito que as saunas e termas acabam cumprindo este papel, de retirar da rua os prostitutas e seus clientes. Fato que pude constatar pelo alto número de saunas que estão próximas ao Aterro do Flamengo, sendo elas oficialmente declaradas e anunciadas em jornais, revistas e sites: Sauna Carioca (Catete), Termas Catete (Catete), Sauna Spazio 18 (Glória), Club 117 (Glória), Club 29 (Botafogo), Projeto SB (Botafogo).

Inegavelmente, as ruas são os locais mais expressivos para os michês. É nelas que ocorre sua iniciação, onde ganham experiências e prática profissional; é a estas que os trabalhadores sexuais recorrem quando precisam aumentar sua renda. Não acredito que todos os que trabalham na rua desejam sair dela, talvez por comodidade de ponto estabelecido, por maior número de clientes, por conhecimento em como atuar nesta área ou simplesmente por não ter os requisitos para fazer parte do *casting* de uma sauna, ou por não usar a Internet como ferramenta de trabalho.

3.3 Os sites

Antes de iniciar sobre os sites, é preciso lembrar que pretérito à existência deles, outros meios de comunicações já auxiliavam na divulgação da prostituição. Embora eu não considere os serviços de tele-sexo, conhecidos também como *hot-line*, uma forma de prostituição, é necessário voltarmos até eles para entendermos como a prostituição ganhou as vias telefônicas e chegou à Internet.

O serviço de tele-sexo funcionava dentro de uma central telefônica, onde as/os atendentes executavam o serviço, ou a chamada do cliente era transferida pela central

telefônica para a casa de um dos atendentes, mediante sua preferência sexual. O lado positivo deste serviço era que os profissionais não precisavam, necessariamente, sair de casa para trabalhar; tendo um local reservado em casa e uma linha telefônica em conexão com a central, estes eram os requisitos iniciais para que se desse início ao trabalho. Ao fazer contato com o atendente, que por vezes era chamado de prostituto virtual, o cliente combinava o roteiro de como seria a relação sexual via telefone.

Neste serviço, era cobrada ligação interurbana acrescida de impostos. Sendo assim, observo um negócio lucrável, porém, sua rentabilidade dependia muito da divulgação externa para captação de clientes. Duas formas de propagandas foram as mais intensas em seu período de existência: os classificados de jornais/revistas; e as imitações de cartões telefônicos (Figura 10 e Figura 11), distribuídos gratuitamente dentro de revistas pornográficas. Também existiam os cartões que ofereciam tele-sexo com atendentes mulheres, mas estes preferi desconsiderar aqui, pois a temática da tese é o corpo masculino.

Figura 10 — Propaganda de serviço de tele-sexo em imitações de cartões telefônicos (frente)



Figura 11 — Propaganda de serviço de tele-sexo em imitações de cartões telefônicos (verso)



É notável, nas imagens dos cartões, um padrão corporal, tipicamente como se os rapazes apresentados nas fotos fossem estátuas greco-romanas, com ausência de pelos (com exceção do último cartão, intitulado *Coverboy*), corpo escultural e uma idade que não demonstrava estarem completamente na fase adulta nem muito longe ainda da fase juvenil (com exceção do quarto cartão, intitulado *Gay-love*). As chamadas da frente do cartão trabalhavam com palavras emblemáticas, que direcionavam o cliente a conhecer o que aquele atendente virtual tinha a oferecer, embora saibamos que nenhum desses rapazes nos cartões sejam, definitivamente, os atendentes reais.

As palavras *cowboy* e *top* direcionam o cliente a dois estereótipos típicos considerados masculinos: os da figura máscula e rude do *cowboy*; e a palavra *top*, que pode ser entendida, aqui, como ativo. Enquanto a letra G e a palavra *gay* remetem claramente a informar que se trata de um serviço exclusivamente para homens que buscam relacionamento virtual com outros homens. Por fim, a palavra *Coverboy* remete ao fetiche com homens jovens, muito próximo ao que se tinham com meninos da Roma Antiga, que, mesmo novos, já despertavam o interesse dos homens mais velhos.

Com o passar do tempo, este tipo de serviço se extinguiu, por causa do advento da Internet e de todas as opções de realização de serviços que ela oferecia; em seguida, por conta do alto valor cobrado nas contas telefônicas. Contudo, os telefones continuaram a auxiliar os prostitutas, mesmo que indiretamente. Nem sempre o prostituto tinha dinheiro para anunciar em classificados (atualmente é proibido este tipo de propaganda), sites ou tempo para ficar na rua por 24 horas. Uma alternativa foi a utilização dos antigos telefones públicos, que ainda existem nos centros urbanos, para anunciarem seus serviços através da colagem de panfletos com seus telefones. Nas imediações da Carioca, Cinelândia e Uruguaiana, foi onde constatee apenas um anúncio (Figura 12 e Figura 13⁴²) de um único prostituto, colado nos telefones públicos, pois o que prevaleceu foram os panfletos de travestis. A grande barreira enfrentada neste tipo de prostituição é a possibilidade de, no momento do encontro, o prostituto que se apresenta não ser o mesmo da foto.

⁴² Os órgãos sexuais dos profissionais foram tapados com uma tarja branca, pois não seria de relevância mostrá-los neste momento do estudo.

Figura 12 — Propaganda em telefones públicos (a maioria é de travestis)



Figura 13 — Propaganda em telefone público (o único homem, em detalhe)



Fonte: Fotos obtidas de um orelhão no Largo da Carioca, Rio de Janeiro.

Estes panfletos seguem o padrão gráfico e de informações fornecidas como os cartões telefônicos descritos anteriormente, dizendo o que o prostituto faz e a forma de pagamento. O profissional da Figura 13 se apresenta realizando serviço completo, o que se refere à alternância entre os papéis sexuais de ativo ou passivo na cama. No que tange à forma de pagamento, acredito que não informar que aceita dinheiro seria desnecessário; é importante frisar, entretanto, que o prostituto aceita cartões de crédito e vale refeição. Este último nos leva a entender que, ou o profissional possui uma máquina de descarga de vale refeição ou está vinculado a algum local no centro do Rio de Janeiro onde é possível descarregar o vale refeição em troca de dinheiro. Ambas as formas são consideradas uma prática fora da lei.

Com a revolução dos telefones celulares, também chamados de *smartphones*, surgiu no mercado uma gama de aplicativos para encontros sexuais. Dentre os mais conhecidos, temos: Tinder, Grindr, Scruff, Growlr, Hornet, POF, Happn, entre outros. A função inicial destes aplicativos é encontrar alguém por perto que tenha um perfil próximo ao seu e que esteja disposto a iniciar uma conversa. É fato que, embora pessoas adultas às vezes estejam em busca de um relacionamento sério, sendo esta a premissa dos aplicativos citados, ao

navegar pela sua interface observamos que a maioria dos cadastrados busca uma relação sexual rápida, passageira e sem compromisso.

Assim, o ambiente virtual dos aplicativos de namoro ou pegação⁴³ tornou-se um campo fértil para que a prostituição pudesse encontrar mais um nicho de mercado. Por haver muitos aplicativos deste tipo, trago aqui, no intuito de exemplificar o exposto acima, imagens de alguns perfis do *Scruff*. Foi nele que observei a maior quantidade de ocorrências de oferta de serviços sexuais, e o que mais possuía membros que seguiam a categorização da pirâmide dos profissionais exposta no Capítulo 2.

A prostituição via aplicativo permite que o prostituto permaneça na segurança do seu lar ou fique na academia se exercitando, até que o cliente faça contato e busque um encontro. O profissional do sexo também encontra uma vantagem ao não ter qualquer intermediário, podendo, assim, reter todo o dinheiro do programa para ele. Por outro lado, este tipo de prostituição requer uma extensa carteira de clientes fixos para manter o fluxo de renda contínuo, como também atualização constante das fotos para se tornar visível no aplicativo, além da necessidade de um plano de Internet para permanecer online 24 horas.

Na Figura 14 e Figura 15, temos o profissional que se intitula como acompanhante. Em uma perspectiva corporal, ele se encaixa nos padrões de beleza dos corpos assimétricos e bem definidos, ausência de pelos, assim como sua idade está de acordo com a idade esperada para um acompanhante de luxo. A foto na Figura 14 não diz muito sobre os serviços oferecidos pelo profissional, todavia, ao analisar suas especificações na Figura 15, encontramos códigos, que somente os inseridos neste campo saberiam compreender. Ao lado do nome existe uma folha, o que indica que este profissional pode vir a utilizar maconha durante o programa. Em relação ao preconceito vivido pelos prostitutas ao realizarem o papel de passivo na relação sexual, constatei, na Figura 15, que o profissional se apresenta como ativo; todavia, ao anunciar “faça sua oferta”, seguido de um desenho que pode ser entendido como o ânus, este estaria informando, de maneira sutil, que realizaria o papel de passivo, mediante uma maior oferta financeira, além do valor do programa. Por fim, o uso do link para a rede social Instagram é uma forma de comprovar, para o cliente, que a foto realmente é do prostituto, pois, nesta rede social, o cliente teria acesso a outras fotos do profissional.

⁴³ Termo utilizado para se referir ao ato de manter relação sexual com outra pessoa sem haver um compromisso emocional, que poderia caracterizar a relação como um namoro.

Figura 14 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto do acompanhante



Figura 15 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações do acompanhante



Fonte: Imagens de perfis de usuários do aplicativo Scruff.

Na Figura 16 e Figura 17, temos o profissional que se apresenta como MaxG..P. A Figura 16 traz apenas parte do seu corpo, o que é comum a muitos prostitutos para preservarem seu anonimato. Possui uma idade, 26 anos, próxima à do profissional anteriormente descrito, corpo sem pelos e uma estatura alta. Diferente do que o outro prostituto sinalizou, este não realiza o papel de passivo, e deixa claro que se entende como garoto de programa, fator este comprovado na Figura 17, abreviado pelas letras GP. Em momento algum o profissional fornece valores do programa ou possibilidade de alternância de papéis sexuais mediante uma quantia mais elevada.

Figura 16 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto de MaxG..P

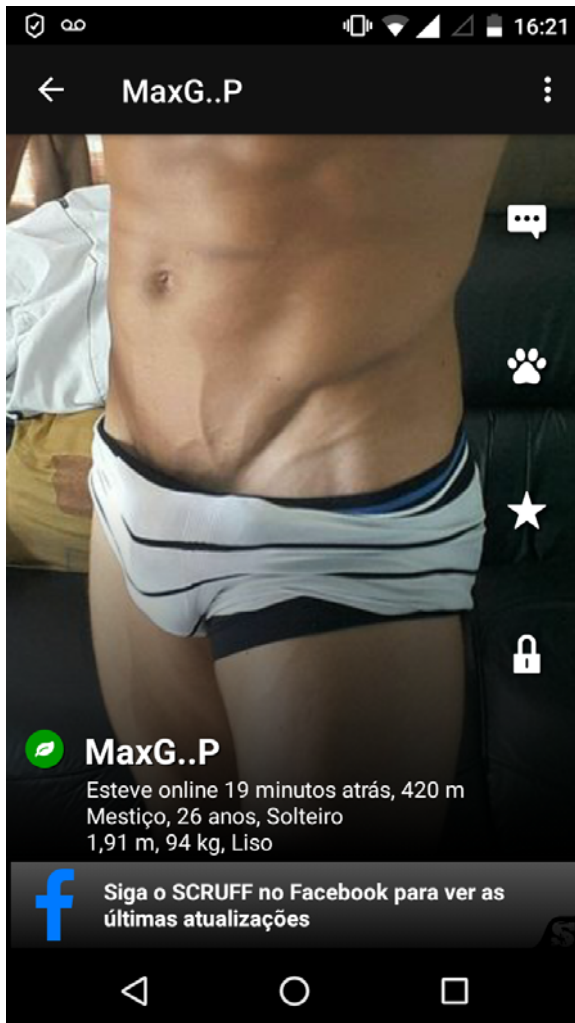
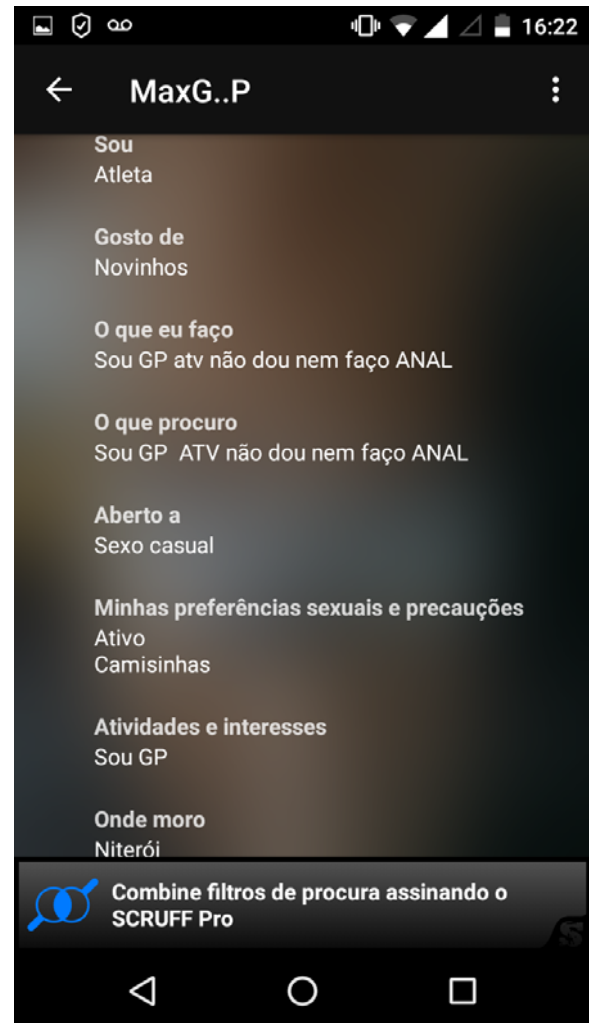


Figura 17 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações de MaxG..P



Fonte: Imagens de perfis de usuários do aplicativo Scruff.

Nas últimas imagens coletadas no aplicativo (Figura 18 e Figura 19), percebi que o profissional atuava como *gay for pay*. Quando observamos a Figura 18, com o *nickname* do prostituto (PM ATV), não é possível inferir se ele está em busca de namoro ou cliente para programa. Mas, ao observarmos a Figura 19, logo na primeira linha, está escrito “lance só pagando”; assim, é possível deduzir que o mesmo se encontra no aplicativo para se prostituir. Da mesma forma que o segundo profissional, ele se declara exclusivamente ativo, e não abre opções para negociações, como o acompanhante da Figura 14 e Figura 15 ofereceu. Objetivei chamar o profissional de *gay for pay* pois, em sua afirmação “não estou passando fome, faço porque quero”, ele anuncia ter um trabalho que exerce como prioritário (policia militar), mas que realiza o ato de se prostituir por vontade própria ou pela questão de complementação de renda, como mostrado que ocorre em grande parte dos *gays for pay* no Capítulo 2. Por fim, no que diz respeito à questão da corporeidade, o *gay for pay* não mostra, na Figura 18, o seu

corpo ou o seu rosto. Possivelmente, isto diminui a quantidade de abordagens de clientes, e demonstra o anonimato em que ele precisa estar inserido, talvez pelo medo de ser reconhecido como prostituto, ou talvez por proibição interna da Corporação da Polícia Militar.

Figura 18 — Prostituição via aplicativo Scruff, foto de PM ATV

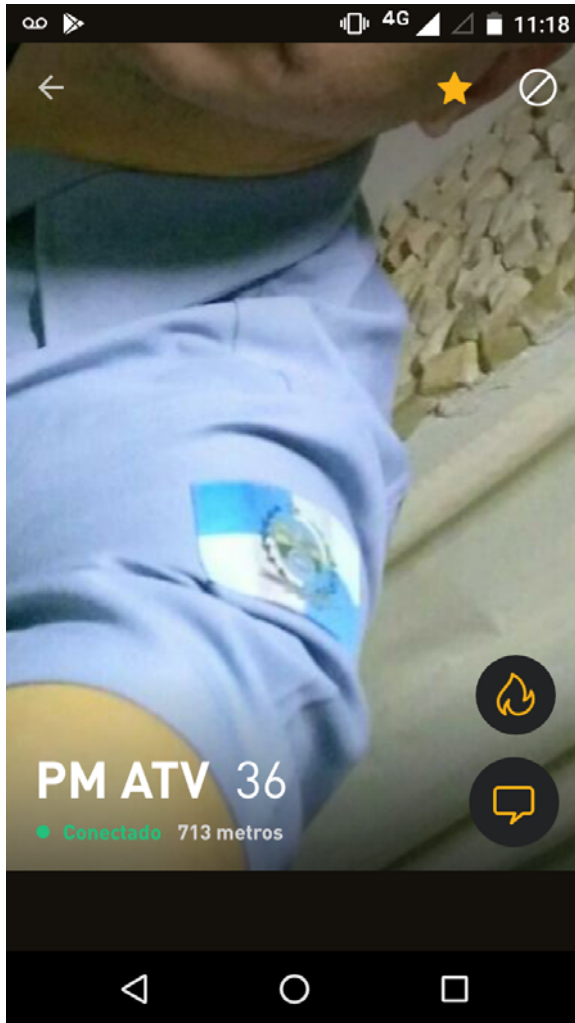
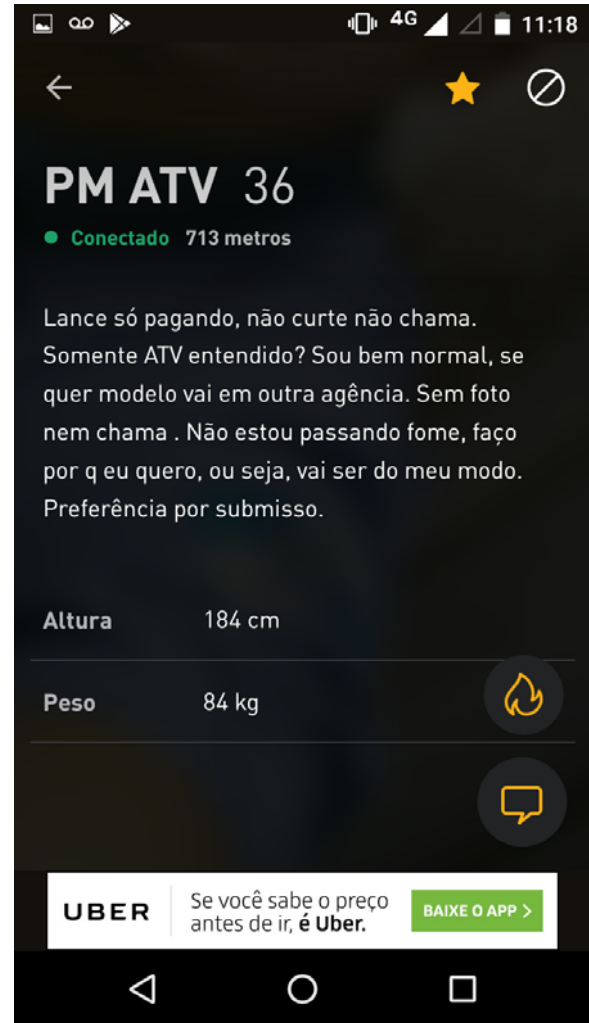


Figura 19 — Prostituição via aplicativo Scruff, informações de PM ATV



Fonte: Imagens de perfis de usuários do aplicativo Scruff.

Expostas as particularidades dos tele-sexo, dos anúncios em telefones públicos e dos aplicativos de relacionamento, e, com o intuito de finalizar este capítulo, gostaria de mostrar, de forma sucinta, como a prostituição começou a atuar em sites na Internet.

Quando iniciei a pesquisa online sobre sites de prostituição masculina, obtive como resposta uma variedade de endereços, porém, nenhum deles contava o modo como surgiram estes sites. Ao tentar buscar em pesquisa bibliográfica, as referências se tornaram mais escassas ainda, pois percebi que, além de não haver registros escritos de como ocorreu este

aumento no número de sites de prostituição, constatei também que o que mais se consome no mercado editorial é o que podemos chamar de biografias de ex-garotas de programa.

Retornei à pesquisa online e visitei alguns sites. Quase todos eram blogs de profissionais que se intitulavam garotos de programa; e nestas páginas relatam como foram seus programas, as suas histórias e suas vivências. Constatei que estes relatos, não sabendo realmente da autenticidade deles, funcionam parcialmente como propaganda, para que internautas/clientes, que desejam o serviço, sintam-se atraídos e entrem em contato com os prostitutos. Os blogs precisam de propaganda e rotatividade de visitantes, então, para realizar tal feito, eles possuem *banners*, anunciando, geralmente, *sexshops*, saunas, termas e outros estabelecimentos ligados à rede sexual. Em contrapartida, estes estabelecimentos anunciados nos sites dos prostitutos também anunciam nos sites deles os serviços dos profissionais do sexo, fazendo, assim, com que uma visita a determinado site induza à visita a outro.

O conhecido site *Netgay*⁴⁴ foi onde eu encontrei os anúncios destes prostitutos de forma mais organizada e sistematizada. Nele é possível encontrar diversos perfis de prostitutos, divididos possivelmente pelo poder de investimento do profissional em sua divulgação. São mostradas, na tela inicial do site (Figura 20), as opções de localidades onde os garotos de programa atuam, sendo elas: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Minas Gerais, Brasília, Nordeste, Sul e área Internacional. Para este capítulo, devido ao pouco espaço para falar sobre o assunto e por este não ser o meu tema geral, procurei apenas utilizar os perfis dos prostitutos do Rio de Janeiro.

⁴⁴ Para maior apreciação, acesse: www.netgay.com.br.

Figura 20 — Tela inicial do site Netgay

Fonte: Imagem obtida do site www.netgay.com.br.

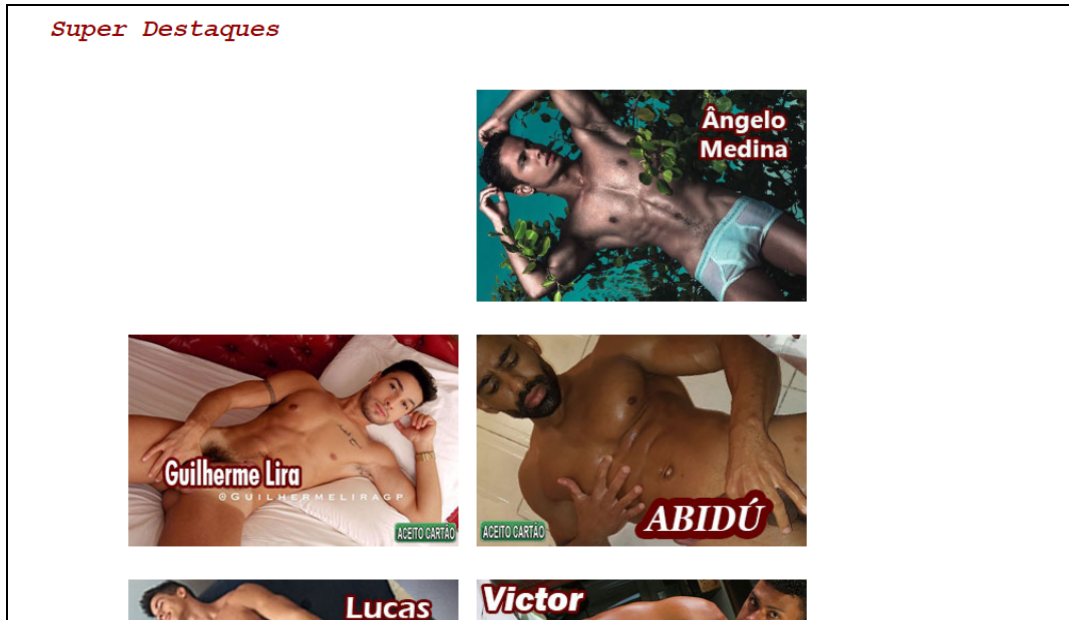
A tela mostrada, quando selecionamos determinado estado, é dividida em quatro categorias. A primeira delas é a *Mega Destaques*, com anúncios dos prostitutos em formato grande, chamando a atenção dos internautas para seus perfis (Figura 21).

Figura 21 — Categoria *Mega Destaques* do site Netgay

Fonte: Imagem obtida da página www.netgay.com.br/escortsrjmenu.asp.

Na segunda categoria, intitulada *Super Destaques*, é possível ver imagens com metade do tamanho das imagens da primeira categoria (Figura 22), e os anúncios dividem a mesma linha horizontal de visualização.

Figura 22 — Categoria *Super Destaques* do site Netgay



Fonte: Imagem obtida da página www.netgay.com.br/escortsrjmenu.asp.

A terceira categoria é chamada *Destaques*, onde os anúncios são pequenos, dividem a mesma linha horizontal e a visualização do prostituto requer que o internauta clique no link, para obter melhor definição (Figura 23).

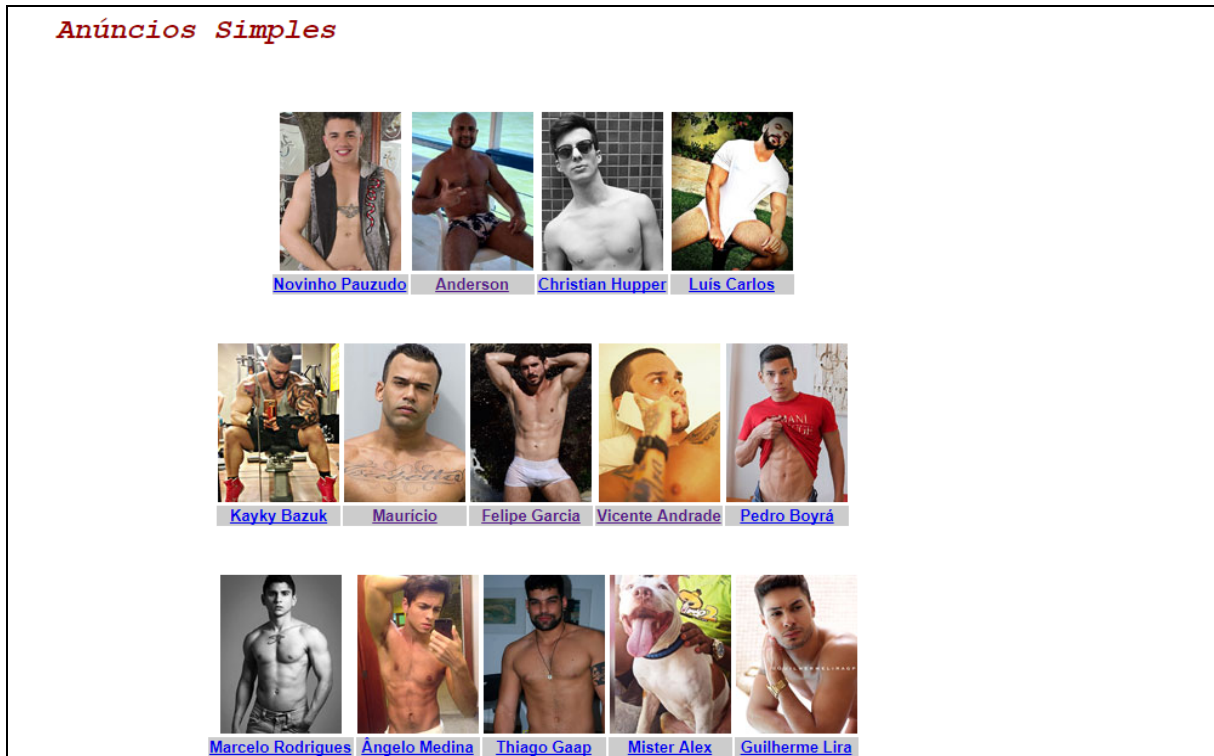
Figura 23 — Categoria *Destaques* do site Netgay



Fonte: Imagem obtida da página www.netgay.com.br/escortsrjmenu.asp.

A quarta e última categoria é a dos *Anúncios Simples* (Figura 24); neles constam apenas uma foto bem pequena e a identificação do profissional, fora do campo da imagem dele. A surpresa nesta categoria está no reaparecimento dos profissionais que já haviam tido seus perfis publicados nas três outras vistas, como superiores em relação à intitulada *Anúncios Simples*.

Figura 24 — Categoria *Anúncios Simples* do site Netgay



Fonte: Imagem retirada da página www.netgay.com.br/escortsrjmenu.asp.

Percebi, nesta tela inicial, que as divisões das categorias *Mega Destaques*, *Super Destaques*, *Destaques* e *Anúncios Simples* nada mais são do que oportunidades que o prostituto tem de aparecer primeiro e em maior imagem na página do site. Ao clicar em diversos anúncios de diferentes categorias, o internauta é levado para dentro de um perfil padrão para todos. Os perfis contêm, basicamente, as mesmas informações (Figura 25): nome, altura, peso, telefone, se há disponibilidade para viajar, local de atuação, forma de pagamento, assim como algumas fotos de rosto e corpo. Uma ou outra destas informações pode não haver em outro site, mas o único dado que nunca é informado, em nenhum dos perfis, é o valor do programa.

Figura 25 — Perfil padrão do prostituto no site Netgay



Fonte: Imagem retirada da página www.netgay.com.br/escorts/danielbecker.htm.

Para tentar entender o motivo da ausência do valor cobrado pelo programa, busquei por dados no site que pudessem informar sobre tal ocorrência. Retornei, então, à primeira página, e lá o cabeçalho dizia:

A NETGAY não se responsabiliza por atos cometidos pelos escort. A NETGAY não é agenciadora de nenhum anunciante. Esta Home Page limita-se a publicar os anúncios. Todos os modelos são maiores de 18 anos. Os modelos apresentados nesta sessão não possuem vínculo empregatício ou de qualquer espécie com este site. Os modelos simplesmente divulgam seu trabalho através dos anúncios pessoais para shows e eventos exclusivos.

A partir desta declaração, entendi que, embora o site use o termo *escort* para falar dos profissionais que divulga, a página não assume o real sentido da palavra *escort boy* (visto previamente no Capítulo 2) e trata-os como modelos. Mediante esta recusa de usar o sentido real da palavra *escort*, o site, ao longo do texto, utiliza a palavra “modelos”, como substituição mais adequada e livre de penalidades legais de acusação de exploração de indivíduo por meio da prostituição.

Recorrendo à análise do discurso proposta por Halliday e ao agrupamento de elementos textuais através de grupos lexicais, percebo que vocábulos como “local de atendimento”, “dote”, “ótimos atributos”, “*escort*” e, até mesmo, vídeos íntimos dos anunciados, que usam em determinados links, compõem o mesmo padrão de oferta de uma prostituição disfarçada que é oferecida pelas saunas. Outro fato que também despertou

curiosidade foi pensar nos critérios utilizados pelo site para alocar cada profissional em uma destas categorias, já que eles alegam que não ganham nada com os anunciantes, dada a ausência de vínculo empregatício. Concluí que existe uma manipulação na oferta do serviço de prostituição, tanto por parte do site quanto por parte dos profissionais do sexo, salvaguardando ambos de penalidades legais e de infortúnios sociais, tais como discriminação, *outgoing*⁴⁵ forçado ou problemas no trabalho e com a família.

Visto o exposto aqui, é possível inferir aspectos positivos e negativos para o prostituto trabalhar por conta própria através de sites. Entretanto, não é meu o foco, em momento algum desta tese, separar o que é bom ou o que é ruim, mas, sim, observar e analisar como a prostituição e a corporeidade masculina se dão nas obras literárias que serão analisadas no próximo capítulo.

Porém, pude perceber que o trabalho por sites reduz a exposição do prostituto aos riscos das ruas; evita confronto com policiais, que poderiam indiciá-lo por atendido ao pudor de maneira indevida; não permite que o prostituto fique à mercê de clientes que o leva de carro para locais remotos e desertos; não sofre exploração financeira por parte de empresários donos de saunas e bordéis; possui flexibilidade de horário, para que o prostituto ofereça seus serviços; e pode, através do número do celular do cliente ou do IP do computador que visitou o site, rastrear o cliente em caso de algum problema ocorrido durante o programa.

⁴⁵ Assumir publicamente a homossexualidade; sair do armário (LIBI & VIP, 2006, p. 100).

4 NOVO LOCAL DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA: O ROMANCE

Após pensar e verificar a prostituição masculina em diversos locais e sua reprodução em múltiplas formas, o presente capítulo traz mais um local onde este tema se faz presente: o romance. Saliento que o romance literário não exerceria, aqui, o papel de divulgador de serviços sexuais, mas, sim, de um novo campo, numa visão metafórica, onde a temática da prostituição pode se expandir.

A figura da prostituta já está eternizada na literatura mundial; todavia, a do prostituto, ainda não. Talvez por isso, como mencionado na introdução desta tese, foi difícil encontrar obras que usassem esta temática. Ao longo da pesquisa, constatei que a inserção do personagem prostituto nos romances é algo ainda muito novo, possivelmente por ser uma temática que precisa ainda quebrar conceitos pré-estabelecidos, principalmente os conceitos vigentes em uma sociedade heteronormativa e patriarcal. E entendo que, nesta batalha de propor novas percepções do mundo real, a literatura se faz presente como uma ferramenta capaz de levar, aos leitores, a possibilidade de eles desconstruírem conceitos pré-estabelecidos e construírem sua própria concepção de mundo.

Durante a confecção da tese, ouvi por diversas vezes que seria difícil encontrar obras que abordassem a temática prostituição masculina e corporeidade como literatura tida como canônica ou, como alguns nomearam, de alto estilo. Muitos alegam que uma obra que se destinasse a tratar deste assunto, enquanto temática, seria relegada ao que chamam de literatura popular. E, oferecendo o pensamento de inserção das obras rotuladas como literatura popular, Northrop Frye (1976) afirma:

[...] a literatura popular de vários tipos veio recentemente para um bom processamento acadêmico. Estou tentando sugerir uma perspectiva literária sobre isso que possa ajudar a trazê-la para a área da crítica literária ao invés de confiná-la à linguística ou aos subúrbios menos requintados da sociologia (FRYE, 1976, p. 26. Tradução minha).⁴⁶

Deduzo que a discriminação e a ausência de personagens prostitutos nas obras literárias ocorrem devido à carência de entendimento e à invisibilidade social que a prostituição realizada por homens ainda tem. A realização desta tese é uma tentativa de contribuir para que seja desmistificada a figura do prostituto, e que esta possa cada vez mais

⁴⁶ [...] popular literature of various types has recently come in for a good deal of academic processing. I am trying to suggest a literary perspective on it which may help to bring it into the area of literary criticism instead of confining it to linguistics or to the less fashionable suburbs of sociology (FRYE, 1976, p. 26).

estar presente nas narrativas literárias, sem que sejam tratadas como elementos de uma literatura entendida como menor ou não canônica.

As obras que serão analisadas a seguir não enfocam a prostituição da primeira à última página, tratam-se de narrativas que utilizam esta temática em determinado momento, mas o enfoque delas é centrado na questão da corporeidade masculina. Para entender esta prostituição, percebi que é necessário entender a corporeidade destes personagens, pois ela é algo que passa por toda a história do corpo e seus tipos descritos na literatura, tais como: o corpo heroico, o sagrado, o trágico, o adorado, chegando ao que considero o tipo de corpo mais interessante de estudo: o corpo transgressor. Comungo com a ideia de Peter Brooks (1993), quando ele diz se preocupar com

[...] o corpo na narrativa moderna e, dentro desses limites cronológicos, principalmente com o corpo na tradição erótica, usando “erótico” para designar o corpo principalmente concebido, e principalmente tornar-se significativo, como o agente e o objeto do desejo. Quero falar principalmente sobre corpos embutidos com significados dentro do campo do desejo, desejo que é originalmente e sempre, com qualquer sublimação, sexual, mas também por extensão o desejo de conhecer: o corpo como um projeto “epistemófilo”. O desejo de conhecer é construído a partir de desejo sexual e curiosidade (BROOKS, 1993, p. 5. Tradução minha).⁴⁷

Retomo as minhas palavras iniciais na introdução desta tese e reafirmo que o interessante é estudar estes corpos que divergem, que transbordam, que ameaçam o que é tido como normativo, e atualmente percebo o corpo do prostituto como um elemento simbólico na literatura capaz de conter, nele, as escritas das transgressões.

Engana-se quem acredita que estes corpos transgressores são raros em obras literárias. Muito das transformações da corporeidade que temos na atualidade se originou nas narrativas que buscaram ir além do entendimento do corpo como um bloco único e limitado, sem discurso algum. Outros acreditam que somente o campo cinematográfico é capaz de trabalhar esta corporeidade, dado o apelo visual que um filme possui. Assim, geralmente são citados filmes icônicos entre as décadas de 1960 e 1970 como os que mais lidaram com a questão da corporeidade do prostituto, tais como: *My Hustler* (1965), de Andy Warhol; *Flesh* (1965), de Paul Morrissey; *Caubói da meia noite* (1969), de John Schlesinger; e *The boys in the band* (1970), de William Friedkin; entre outros. Todavia, para clarificar esta visão errônea de que o

⁴⁷ My concern is with the body in modern narrative, and, within those chronological confines, mostly with the body in the erotic tradition, using “erotic” to designate the body primarily conceived, and primarily become significant, as the agent and object of desire. I want to talk mainly about bodies emblazoned with meaning within the field of desire, desire that is originally and always, with whatever sublimations, sexual, but also by extension the desire to know: the body as an “epistemophilic” project. The desire to know is constructed from sexual desire and curiosity (BROOKS, 1993, p. 5).

cinema é o único campo capaz de lidar com estes corpos, recorro às palavras de Barry Reay, professor de História da Universidade de Auckland e autor do livro *New York hustlers — Masculinity and sex in modern America* (2010), quando exemplifica a contribuição da literatura dizendo:

Havia produções literárias também: *Midnight Cowboys* baseava-se no romance de James Leo Herlihy de 1965, do mesmo nome, muito mais mordazmente evocador do que sua adaptação cinematográfica. Mas o romance de Herlihy não foi o primeiro no gênero. *O Mensageiro* de Charles Wright (1963), foi uma poderosa narrativa em primeira pessoa sobre um afro-americano do Missouri que tentava sobreviver em Nova York, é também sobre prostituto. Também o trabalho menos conhecido de K. B. Raul *Naked to the Night* (1964) seja um exemplo, embora seu protagonista tenha de morrer como um alerta para a juventude heterossexual. Duke Custis, o líder adolescente da gangue afro-americana em *The Cool World de Warren Miller* (1957), se prostituía no Central Park no intuito de ganhar dinheiro para comprar uma arma; [...] Os ladrões do Times Square, sob a forma de membros de gangues porto-riquenhas, fazem uma aparência fugaz em *Making Good* de Paul Goodman (1963), um romance sobre acadêmicos e anarquistas do início da década de 1960 que desliza facilmente entre sexo homossexual e heterossexual. Harold, da história, é um personagem do tipo Thomas Painter que faz amizade com os ladrões (ladrões de carros e assaltantes) e que acabam por roubá-lo (REAY, 2010, p. 189. Tradução minha⁴⁸).

Dito isto, assusto-me com a quantidade escassa de pesquisas acadêmicas sobre prostituição masculina, dado que temos sua presença em obras literárias faz muito tempo. Por outro lado, percebo que as obras que serão analisadas aqui no Capítulo 4 e as mencionadas na citação acima, nem sempre possuem o prostituto como personagem principal ou utilizam o tema da prostituição masculina para ser explorada em cada capítulo. O que constatei foi a presença da prostituição viril em meio a outros eventos que também são abordados nas obras. Posso citar *Closer* (1989), de Dennis Cooper, como uma obra que se encaixa neste perfil, na qual a prostituição está no mesmo patamar que os outros temas também percorridos na narrativa.

Os 4 subcapítulos a seguir buscam analisar as obras literárias selecionadas, tendo como tema espacial a prostituição masculina, contudo, o enfoque primordial será o da

⁴⁸ There were literary explorations too: *Midnight Cowboys* was based on James Leo Herlihy's 1965 novel of the same name, far more bitingly evocative than its film adaptation. But Herlihy's hustler novel was not the first in the genre. Charles Wright's *The Messenger* (1963), a powerful first-person narrative of an African-American from Missouri trying to survive in New York, is also about a hustler. So too is K. B. Raul's lesser work *Naked to the Night* (1964), though his protagonist has to die as warning to heterosexual youth. Duke Custis, the teenage African-American gang leader in Warren Miller's *The Cool World* (1957), hustlers in Central Park in an effort to get cash to buy a gun; [...] Times Square hustlers, in the form of Puerto Rican gang members no less, make a fleeting appearance in Paul Goodman's *Making Do* (1963), a novel about early 1960s academics and anarchists who slip easily between homosexual and heterosexual sex. The story's Harold is a Thomas Painter-like character who befriends the hustlers (car thieves and burglars) who end up robbing him (REAY, 2010, p. 189).

corporeidade. Entretanto, por se tratar de uma pesquisa voltada para literatura, acreditei ser enriquecedor, antes da análise de cada obra, discutir brevemente sobre a obra como um todo.

4.1 *Closer*

Resumir uma obra de Dennis Cooper não é uma tarefa fácil, já que ela foge do convencional e traz, quase que em todas as páginas, uma ebulição de emoções, mais do que fatos que permitam ser alinhados cronologicamente. Suas obras de ficção fogem da padronização que os romances⁴⁹ costumeiramente têm, tais como: os capítulos numerados, determinado número de páginas esperadas e finais previsíveis. *Closer*, por exemplo, dedica um capítulo para cada um dos sete personagens mais proeminentes da narrativa, para, no final, cruzar em um único desfecho a vida de todos eles juntos. Mas o mais importante de tudo: Cooper é um autor que escreve as transgressões de seus personagens de uma forma livre de julgamento moral.

Por parte dos personagens e da ambientação *underground* que ele tanto usa como pano de fundo em suas obras, Cooper consegue em *Closer* colocar o sexo no mesmo patamar do dinheiro, do poder, dos sentimentos tidos como nobres, e, até, como uma das ações mais corriqueiras e sem grande importância do nosso dia a dia. Sendo assim, foi até mesmo complicado visualizar a prostituição masculina de uma maneira clássica (troca de sexo por dinheiro) quando Cooper trata sobre esta temática.

A obra *Closer* foi, sem dúvida, a mais desafiadora de todas as estudadas nesta tese, pois, quando realizada uma leitura descuidada, pode-se erroneamente rotulá-la como pornográfica, devido às palavras e referências ao sexo encontradas nela. É inegável que *Closer* contenha cenas onde os órgãos sexuais são descritos e as práticas sexuais dos personagens sejam relatadas de forma direta e crua. Mas, prender-se apenas a estes dois pontos, seria não observar a literariedade presente no texto, que, através dos personagens, extrapola os limites das normas pré-estabelecidas que regulam normativamente o desejo e a sexualidade humana.

A narrativa escrita por Cooper, mesmo contendo cenas de sexo e palavras tidas como obscenas, funciona como um poderoso meio de expressão do mistério poético de um texto

⁴⁹ O romance se caracteriza, ao longo de sua história, por uma incessante experimentação formal, como ocorreu com *Ulysses*, de James Joyce, entre outros. Por padronização, refiro-me a romances de estruturas mais tradicionais. O romance aqui discutido, *Closer* (1996), foge à tal padronização.

bem escrito, cuja lógica as regras sociais não alcançam. Em adição, se a escrita de Cooper fosse puramente pornográfica, o autor jamais seria referência como um grande escritor. Também não interessaria para um estudo de doutorado e para o universo acadêmico uma análise de uma obra estritamente de cunho comercial e pornô. O texto de Cooper é, na verdade, uma mistura de três elementos: trechos com conteúdo pornográfico; trechos sem a presença sequer de sexo; e trechos com um lirismo forte que beira o poético.

Para melhor entender o que Cooper faz em seu texto, é necessário saber que a própria literatura pornográfica se impõe uma divisão entre sequências pornográficas e as obras pornográficas.

Essa distinção permite administrar a diferença entre os textos cuja intenção global é pornográfica, as *obras* pornográficas propriamente ditas, e os textos cuja intenção não é essencialmente pornográfica, mas que contêm sequências pornográficas, ou seja, trechos de extensão muito variáveis que derivam da escrita pornográfica e estão, portanto, predispostos a provocar um consumo de tipo pornográfico. Dessa maneira, podemos considerar que alguns romances de Sade ou *Sexus*, de Henry Miller, são textos que contêm sequências pornográficas, sem poder falar propriamente de obras pornográficas. Então, compreender a obra de Sade é, necessariamente, buscar pensar o vínculo entre as sequências pornográficas e o restante da obra em que elas figuram. (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

Exemplifico o que foi dito por Maingueneau na passagem a seguir:

O punk tirou o cinturão, ficou nervoso e se jogou no colchão que alguém havia deixado em um canto de volta. “Me machuca”, ele gritou com uma voz rouca. “Foda-me e eu nunca vou te esquecer. Eu realmente amo a violência. Eu quero dizer a todos os meus amigos o que fizemos para que me odeiem ou me chamem de bicha, ou o que quer que seja, mas desmoralizarei com eles. Eu não sou uma pessoa fingida como eles são. Eu quero fazer tudo assim, quando eu morrer, eles dirão que eu morri e falarão sobre mim, mas quem se importa [...]” (COOPER, 1989, p. 10. Tradução minha⁵⁰).

Deste modo, entendo as cenas de sexo em *Closer* descritas de maneira crua não como sendo sequências pornográficas, visto que as práticas sexuais retratadas não estão fora de um contexto, mas, sim, inserindo-se neste gênero de texto. Além do mais, estas sequências atuam no texto de forma extremamente transgressora, pois elas pretendem mostrar a prática da prostituição masculina e de comportamentos sexuais que a sociedade prefere esconder.

⁵⁰ The punk got his belt off, stripped naked, and threw himself onto a mattress that someone had left in one corner years back. “Hurt me”, he yelled in a hoarse voice. “Fuck me up and I’ll never forget you. I really fucking love violence. I want to tell all my friends what we did so they’ll hate me or call me a fag or whatever, but fuck them. I’m not a poser like they are. I want to do everything so when I die they’ll say I lived and tell jokes about me but who cares [...]” (COOPER, 1989, p. 10).

Engana-se quem pensa que Cooper explora, em seus textos, a bandeira da homossexualidade e da prostituição masculina. Longe de ser um texto de panfletagem, *Closer* é um exemplo de narrativa que se insere nos campos de temáticas: por gay, para gays e sobre gays, embora eu pense que a obra possa ser apreciada também por pessoas não auto denominadas gays. Segundo o pesquisador e professor de Literatura Japonesa da Universidade da Califórnia Earl Jackson Jr. (1995):

Dennis Cooper escreve de forma consistente dentro de contextos homossexuais predominantemente masculinos, mas seu assunto raramente é “homossexualidade” *per se*. Além disso, as práticas sexuais tematizadas na obra de Cooper não são parte de uma política de identidade, mas são bastante subordinadas a uma investigação sobre o interior do corpo, um movimento de objetivação e violação obsessiva dos contornos do corpo, uma correspondência dentro da fantasia da pessoa e a sua verdadeira localização (JACKSON JUNIOR, 1995, p. 184. Tradução minha).⁵¹

As narrativas de Cooper não podem ser lidas ou tratadas sem um olhar diferenciado. Realço a necessidade de um olhar diferente na análise de uma obra como esta proposta, pois Cooper mergulha seus personagens em uma atmosfera classificada por muitos como submundo da cultura gay. Destaco que em momento algum devemos olhar para este dito submundo como um aspecto negativo ou às avessas do que há na sociedade *mainstream*,⁵² mas, sim, como uma ambientação, à qual muitos de nós não estamos acostumados.

Ao longo da narrativa, percebi, através das referências dispostas pelo autor (universo punk, sadomasoquismo, violência urbana), que os cenários onde vivem os personagens John, David, George, Cliff, Alex, Philippe e Steve sempre existiram em nossa sociedade, estando apenas ocultados pelos olhos acostumados a enxergar o superficial ou o que está exposto à luz do dia.

A narrativa não trabalha com nenhum local em específico (com exceção do clube punk, em que todos os personagens se encontram no final dela), fugindo, assim, do esperado de uma obra que usa a prostituição masculina como um de seus elementos. Mas é notório que a narrativa ocorre em uma cidade grande, pois existe a presença de um centro urbano intenso, condomínios, boates e facilidade de locomoção para cidades vizinhas. Como quase todos os centros urbanos, percebe-se uma cor acinzentada na cidade, ainda mais destacada pelo

⁵¹ Dennis Cooper writes consistently within predominantly male homosexual contexts, but his subject is rarely “homosexuality” *per se*. Moreover, the sexual practices thematized in Cooper’s work are not part of an identity politics, but are rather subordinated to an investigation into the interior of the body, a movement of objectification and obsessive violation of the body’s contours, a peering inside the costume of the person to his real location. (JACKSON JUNIOR, 1995, p. 184).

⁵² *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream* é corrente principal ou fluxo principal.

adjetivo escuro e ações que se desenrolam à noite descritas por Cooper. Acredito que esta ambientação *noir*, escura, sirva para criar uma atmosfera de mistério, permitindo, assim, que Cooper apague a luz sensorial dos olhos dos leitores e transporte-os para dentro deste submundo, escuro ainda para uma enorme quantidade de leitores. Não posso atribuir, aqui, ao adjetivo escuro, a significação de feio, grotesco ou selvagem, mas digo escuro por ainda ser um mundo desconhecido aos olhos.

Em *Closer*, o sexo pode ser trocado por qualquer outra moeda de valor, seja este elemento dinheiro, informação ou algum outro benefício. O professor Richard Parker (2002), da Universidade de Colúmbia, alega que, “dependendo do ambiente específico, as negociações entre os michês e seus clientes potenciais podem assumir várias formas diferentes” (PARKER, 2002, p. 105). Deste modo, pensar e esperar que a narrativa apresentasse a prostituição somente na rua, nas saunas ou via sites, não faz sentido algum na obra de Cooper.

Entretanto, é necessário rever o exposto nos capítulos anteriores, e lembrar que a tríade rua, sauna e site é representativa dos locais iniciais para qualquer indivíduo que deseje iniciar no ramo da prostituição ou buscar seu primeiro contato com um prostituto. Em determinado momento na narrativa, o personagem Philippe sente vontade de realizar seu desejo sexual, outrora reprimido, com um profissional do sexo:

Dois anos atrás, Philippe se mudou para a América. Ele encontrou os bares mais sujos do país. Ele pagou uma série de prostitutas para ficarem imóveis no chão junto a ele e com isso ganhou uma tremenda reputação. Um de seus michês apresentou-o a alguém que depois o apresentou a outro alguém que tinha começado um clube para homens com gosto incomum (COOPER, 1989, p. 108. Tradução minha⁵³).

Embora Cooper não se fixe em locais icônicos ou previamente destinados à prostituição para contar sua narrativa, a passagem acima mostra que algumas áreas das cidades são socialmente construídas e aceitas como territórios destinados à prostituição, para encontros e interações sexuais por partes dos indivíduos que habitam esta cidade. O que percebi na obra é que a prostituição, pela escrita de Cooper, remove-se destes locais e localiza-se em quaisquer outros lugares, pois ela não está mais confinada a um espaço urbano específico, mas, sim, ao corpo de cada indivíduo.

⁵³ Two years ago Philippe had moved to America. He found its dingiest bars. He paid a series of hustlers to lie very still on his floor and gained a wild reputation. One of his fucks introduced him to someone who then introduced him to someone who'd started a club for men with unusual taste (COOPER, 1989, p. 108).

Em certa ocasião, Philippe sai bêbado do bar e leva um rapaz para sua casa. A narrativa não nos diz o que aconteceu naquela noite, somente o que ocorrem na manhã seguinte:

Ele se ajeitou na cadeira cujo braço de madeira o protegera. Olhou em volta da sala, o que ele mal podia distinguir. O menino entrou. Ele estava nu e ainda meio molhado do banho. Ele olhou para Philippe por um tempo, então encolheu os ombros e vestiu as roupas. Quando ele se vestiu, o menino disse: “Eu gosto de você. Você é estranho, mas você é legal”. Quando ele disse isso, olhou para as paredes, não para Philippe. “Você é da França”, acrescentou. Philippe estava prestes a dizer onde na França, mas o menino começou a conversar novamente. “Você está interessado em mim, porque eu poderia encontrar uma maneira?”. Philippe não sabia se estava ou não. “Venha aqui”, disse ele. O menino colocou a mão em seus quadris e aproximou-se, então curvou-se na cintura para que seu rosto estivesse perto o suficiente para que Philippe fosse estudado e não beijado. “Os homens me amam”, disse ele, “porque eu sou confiável” (COOPER, 1989, p. 102. Tradução minha⁵⁴).

Na passagem acima, o rapaz foi trazido para a casa de Philippe e, ao amanhecer, ele não reconheceu quem Philippe era. Todavia, isto não o impossibilitou de usar o habitual discurso dos prostitutas que buscam cativar o cliente com palavras dóceis: “Eu gosto de você. Você é estranho, mas você é legal”. Quando ele disse isto, olhou para as paredes, não para Philippe (COOPER, 1989, p. 102. Tradução minha⁵⁵). O elogio, na verdade, precedia o momento de observação necessário que os prostitutas usam para decodificarem a linguagem corporal do cliente. Dorais (1954) recolheu diversas declarações destes profissionais para realização de sua pesquisa e livro, entre elas, um dos entrevistados revela como ocorre com ele este momento de decodificação corporal que antecede a abordagem ao cliente:

Eu observo os clientes. Eu observo aqueles que estão me olhando. Eu observo como eles estão vestidos, como eles andam, como eles seguram o copo. Eu os analiso de A a Z. Tento especialmente descobrir se eles estão interessados em mim ou não, se eles têm dinheiro. Eu espero por uns cinco minutos e então abordo-os. Você deve encontrar algo sobre o que falar. Se você quiser ganhar dinheiro com um cliente, não pode continuar com seus próprios problemas...

⁵⁴ He pulled himself into the chair whose wooden arm had protected him. He looked around the room, which he could barely make out. The boy walked in. He was naked and still kind of damp from the shower. He stared at Philippe for a while, then shrugged and put on his clothes. When he was dressed, the boy said, “I like you. You’re strange, but you’re nice”. As he said this he gazed at the walls, not at Philippe. “You’re from France,” he added. Philippe was about to say where in France, but the boy started talking again. “Are you interested in me, because I could make an arrangement?” Philippe didn’t know if he was or not. “Come here,” he said. The boy put his hand on his hips and walked over, then bent at the waist so his face was close enough to Philippe’s to be studied, not kissed. “Men love me,” he said, “because I’m reliable.” (COOPER, 1989, p. 102).

⁵⁵ “I like you. You’re strange, but you’re nice”. As he said this he gazed at the walls, not at Philippe (COOPER, 1989, p. 102).

Você tem que falar sobre coisas que interessam a ele, você precisa descobrir o que interessa a ele, [...] (DORAIS, 1954, p. 33. Tradução minha⁵⁶).

O mesmo momento de hesitação ocorreu quando o prostituto disse palavras dóceis para Philippe sem ter olhado diretamente para ele, mas para as paredes do apartamento, como se estivesse procurando elementos no ambiente capazes de mostrar que aquele cliente possuía uma boa condição financeira.

Cooper trabalha com a desconstrução da negociação rotineira da prostituição: cliente aborda prostituto em uma rua ou bar. Como expressado no início desta análise, a obra não percorre sua narrativa nas ruas da cidade, a prostituição acontece em localizações diversas e sob diferentes formas, previamente citadas no capítulo anterior. Como exemplo, é possível observarmos este fato na passagem a seguir:

Philippe gostava do rosto dele quando este parecia indiferente, do outro lado do bar, mas nenhuma expressão atingia suas características tão dura quanto um terremoto. “Eu tenho uma pessoa”, disse Philippe, “mas eu conheço um homem que te adorará.” Ele escreveu o nome de Tom e seu telefone (COOPER, 1989, p. 103. Tradução minha).⁵⁷

Philippe gostava do corpo do prostituto, entretanto, não estava disposto, naquele momento, a contratar o serviço sexual, por já estar em um relacionamento amoroso supostamente monogâmico. Todavia, Philippe lembrou que conhecia uma pessoa que estaria interessada no profissional: Tom. A passagem anteriormente citada traz à lembrança o expressado por Parker (2002), no que concerne às diferentes formas de negociação entre clientes e prostitutas, sendo aqui visualizada através do processo intitulado de indicação de cliente. Este tipo de prática não é comum, pois, além da pessoa que indica o profissional de que o prostituto agradaria realmente ao conhecido, o profissional, por outro lado, também não tem a certeza de que realizará o serviço com o indicado. No seu aspecto mais vantajoso, trabalhar por indicação é interpretado no meio da prostituição viril como um reconhecimento, trazendo, assim, para o profissional, a oportunidade de captação de clientes sem que ele se exponha nas ruas ou bares.

⁵⁶ I observe the clients. I observe the ones who are watching me. I observe how they're dressed, how they walk, how they hold their glass. I analyze them from A to Z. I especially try to figure out if they're interested in me or not, if they have money. I give myself five minutes and then I go over them. You have to find something to talk about. If you want to make money with a client, you can't go on about your own problems... You have to talk about things that interest him, you have to figure out what interests him [...] (DORAIS, 1954, p. 33).

⁵⁷ Philippe loved his face when it was indifferent, across a bar, but any expression at all hit his features as hard as an earthquake. “I have someone,” Philippe said, “but I know a man who will love you.” He wrote down Tom's name and phone number (COOPER, 1989, p. 103).

O trabalho por indicação não significa que o prostituto mudaria sua posição (ascendendo) na pirâmide, apresentada no Capítulo 2 desta tese, dado que esta troca depende de outros fatores, inclusive o corporal. Mas, com certeza, o trabalhador sexual indicado desfrutaria de certos benefícios que os outros, que porventura estejam abaixo dele na pirâmide ou no mesmo enquadramento, não usufruiriam.

Outro aspecto interessante na obra *Closer* é a ausência do nome dos prostitutas. Ter um nome é ter uma identificação, e, junto a este nome, uma série de outras informações, estereótipos e significações vêm juntas. Mesmo assim, Cooper demonstra, na sua narrativa, que o nome não é o mais importante na vida de um prostituto. Primeiro porque este nome geralmente é falso ou inventado, a fim de separar o profissional do sexo de sua real identidade, aquela de batismo. Segundo, na prostituição o mais importante é o corpo, e não o nome. É através do corpo que o prostituto será reconhecido, desejado ou até mesmo rejeitado.

“Quando é a melhor hora para chamá-lo?” “Amanhã ou a qualquer momento”, respondeu Philippe. O rapaz guardou o número em algum lugar com ele. Ele caminhou até a porta, onde Philippe não conseguiu ver. “Oh, eu sou Jimmy”, disse ele. “Prazer em conhecê-lo. Obrigado.” (COOPER, 1989, p. 103. Tradução minha⁵⁸).

Em momento algum Philippe procurou saber o nome do prostituto, somente o corpo dele era o suficiente para ser reconhecido como alguém que despertaria o desejo em outra pessoa. Cooper não menciona se o prostituto desempenharia o papel sexual de ativo ou passivo; tudo parece depender do momento do encontro entre estes dois corpos que expressam desejo de um pelo outro. Preliminarmente, existe a crença no senso comum da imagem de virilidade exagerada, ativa e violenta do prostituto, logo, este profissional atuaria apenas como ativo, sexualmente falando. Cooper parece preferir não engessar seus personagens com definições prévias ou limitadoras das possibilidades do corpo, somente ativo ou passivo, desta forma, pouco sabemos o que os prostitutas realizam na cama com seus clientes.

Isto leva a refletir sobre o estereótipo de que o prostituto é sempre ativo — um homem heterossexual, que eventualmente faz sexo com outros homens porque está sendo pago. Entretanto, isto é mais complexo do que parece, principalmente quando levamos em conta (amplamente trabalhado no Capítulo 3) que, através do preço acertado e das negociações prévias, o corpo do prostituto não desempenhará o papel de ativo, mas, sim, de passivo, ou até

⁵⁸ “When is the best time to call him?” “Tomorrow or anytime,” Philippe answered. The boy put the number somewhere on his person. He walked to the door, where Philippe couldn’t see. “Oh, I’m Jimmy,” he said. “Nice to meet you. Thanks.” (COOPER, 1989, p. 103).

mesmo o de ambas as formas de atividade sexual. Torna-se um jogo corporal, onde o cliente, portador do dinheiro, objetifica o corpo do profissional ao seu gosto e instala nele uma nova significação, ao mesmo tempo em que reescreve a significação prévia do próprio corpo, já que se é esperado que o cliente desempenhe o papel de passivo, em termos comportamentais.

A obra de Cooper mostra que, na prática real, a figura do prostituto e suas representações nesta distribuição de significados sexuais é mais ambígua do que superficialmente enxergamos. Uma vez que o prostituto pareça simbolizar concretamente a intervenção da masculinidade heteronormativa nas ruas, concomitantemente este corpo também expressa a constante possibilidade de, como dito por Parker, “feminilizar, homossexualizar padrões hétero pela inversão das normas esperadas” (PARKER, 2002, p. 109).

Não é correto dizer que os prostitutas assumem papéis sexuais definidos somente como ativos ou somente como passivos, até porque existem os indivíduos que praticam o papel de versáteis.⁵⁹ O que Cooper parece mostrar em sua narrativa é que a performance sexual na cama, em sua maioria das vezes, dependerá do quanto o valor oferecido em troca deste serviço sexual é alto o bastante para que o prostituto realize a inversão de papéis.

Tranquei-nos e sentei-me. Ele [o prostituto] permaneceu entre mim e a porta, tentando manter seus olhos abertos. “Nós temos um problema aqui”, eu anunciei, usando um dos tons de voz típicos do meu pai. Ele não diz nada. “Olha, direi uma coisa nem um pouco agradável. Como este é o meu clube, e você obviamente não gosta das regras dele, porque eu deveria tratá-lo respeitosamente? Eu deixarei você permanecer por um preço.” Eu suponho que a estranha frustração no rosto dele significa que a carteira dele esteja vazia. “Não, meu clube, seu rabo” É uma fala péssima, mas eu tive que pensar rápido. “Ok?” Ele franziu o rosto para mim por um tempo, então balançou sua cabeça de forma afirmativa. Acompanhei ele até a porta (COOPER, 1989, p. 116-117. Tradução minha⁶⁰).

Acredito que a passagem acima transcrita seja importante, pois ela demonstra como o autor trata a questão da inversão de papéis sexuais mediante a oferta financeira e como ela fica em aberto na narrativa, para que o leitor entenda como esta transação finalizou da maneira que ele acreditar ser melhor. A citação descreve algo que foge do rotineiro processo

⁵⁹ Vocábulo popular que é utilizado para referir-se ao indivíduo que realizar no ato sexual o papel de ativo e passivo ao mesmo tempo sem necessariamente identificar-se com uma expressão de gênero dita como masculina ou feminina.

⁶⁰ I lock us inside and sit down on the seat cover. He stands between me and the doo, trying to keep his eyes open. “We’ve got a problem here”, I announce, using my dad’s tone of voice. He doesn’t say anything. “Look, I’m going to say something ugly. Since this is my club, and you obviously don’t like its rules, why should I treat you respectfully? I’ll let you stay, for a price.” I suppose that strange frown on his face means his wallet is empty. “No, my club, your ass.” It’s a terrible line, but I had to think fast. “Okay?” He frowns at me for a while, then slowly nods his head. I follow him out (COOPER, 1989, p. 116-117).

de negociação envolvendo apenas o dinheiro em troca do serviço. Conforme dito por Parker (2002), há uma enorme variedade de negociações vigentes no campo da prostituição (exemplo mencionado no Capítulo 3, na Figura 13, onde o prostituto aceita vale refeição como forma de pagamento, que mais tarde ele converterá em espécie), e nesta citação observo que o dinheiro em espécie não é a moeda de troca, mas, sim, a permanência do indivíduo no clube.

Inicialmente, a oferta do personagem Steve soa como uma chantagem sexual, onde o outro indivíduo — provavelmente um prostituto, já que não sabemos o nome dele, sendo este um aspecto recorrente na narrativa de Cooper — tem a sua condição de permanecer no local somente mediante a realização do ato sexual com Steve, que é dono do clube. Entretanto, existe uma série de ocorrências que apontam para a possibilidade de que o rapaz seja um prostituto *habitué* do clube.

No subcapítulo 3.1, mencionei que muitos prostitutas trabalham em saunas sem um contrato de trabalho formal, até porque a exploração da prostituição é crime. Na ausência deste acordo formal de vínculo empregatício, o que fica vigente são as regras impostas pelos donos das saunas ou clubes, sobre o que os prostitutas podem ou não fazer no local. Desta forma, quando Steve diz que o rapaz aparentemente não gosta de seguir as regras do clube, percebo que há um certo grau de interação prévia entre eles, no que tange à existência de um contrato de trabalho às escuras, ou informal, pois ser conhecedor das regras demonstra que o rapaz recebeu, em algum momento, esta orientação por parte de alguém, da mesma forma que os donos de saunas orientam os prostitutas quando estes iniciam o trabalho no local.

Outro fato que chama atenção é que Steve parece conhecer muito intimamente a expressão corporal do rapaz, a ponto de afirmar que, a partir disto, ele deduz que o indivíduo não possui dinheiro. Assim como os donos de saunas e clubes privês cobram uma quantia mensal dos prostitutas para que atuem dentro de seus estabelecimentos, Steve parece também cobrar esta quantia do prostituto, todavia, alguns profissionais do sexo conseguem a permanência no estabelecimento quando, ao invés de pagarem com dinheiro, pagam com o sexo com o proprietário do local. Desta forma, entendo o “Não, meu clube, seu rabo” (COOPER, 1989, p. 117) não como uma chantagem sexual, mas uma forma diferente de negociação de serviço sexual, onde o corpo assume o papel de moeda corrente.

Por fim, Cooper deixa em aberto a finalização desta transação, não deixando claro se o rapaz aceitou ou não a oferta de Steve para que permanecesse no clube. E, mesmo que eu recorresse à significação exata das palavras, ainda assim a resolução final desta cena não seria clara. No texto original, Cooper usar o verbo *To nod*, o que em Português significa balançar a

cabeça de forma afirmativa, dando a entender que o rapaz aceitaria a oferta de Steve: “Ele franziu o rosto para mim por um tempo, então balançou sua cabeça de forma afirmativa. Acompanhei ele até a porta” (COOPER, 1989, p. 117. Tradução minha⁶¹). Entretanto, a frase final parece indicar que o prostituto recusou a oferta, e, desta maneira, foi despejado do local. A dúvida reside quando Steve se refere à porta, pois não é claro se ele está falando sobre aquela do escritório, onde os dois personagens conversavam, ou a porta da rua do clube, o que indicaria que o balançar da cabeça do rapaz significaria que ele entendeu não ser mais bem-vindo no estabelecimento e que compreende a situação pela qual passa.

Como dito no início deste subcapítulo, a narrativa de Cooper não faz uso de uma maneira tradicional de contar uma história. Muito mais do que isto, ler Cooper é se lançar nas incertezas de uma história que foge ao convencional. Assim, acredito que não entender se o rapaz aceitou ou não a proposta de Steve, não é algo relevante aqui. O que importa é perceber como Cooper ressignifica os corpos de seus personagens de forma a transformá-los em moeda corrente.

Quando consegue tal ato, Cooper trabalha com o tema prostituição sem a questão do julgamento moral do senso comum de que usar o corpo para fins lucrativos ou forma de trabalho é algo inaceitável. Ao trazer para o corpo o mesmo grau de poder que o dinheiro tem (valor), Cooper parece dar a estes personagens a liberdade corporal que todos nós sempre buscamos, o direito de realizar com o nosso corpo o que bem entendermos.

Livres de quaisquer amarras sociais, os personagens de *Closer* podem buscar, no sexo, o prazer em seu grau mais intenso, assim como também uma forma de obter renda financeira, já que este não estaria carregado das ditas regras normatizadoras instituídas pela sociedade sobre o corpo do indivíduo. Cooper prova que o corpo pode ser tudo aquilo que o indivíduo quer que ele seja: moeda, fonte de prazer, de poder, veículo de negociações de significações, entre outros. Diferente desta perspectiva, o autor Marco Lacerda, em sua obra *Clube dos Homens Bonitos* (1996), traz, através do personagem Bruno Fraga, o corpo como forma exclusiva de obtenção de renda, quando tudo ao redor parece não estar dando certo. É nesta perspectiva do corpo como objeto para obtenção de dinheiro de forma rápida que o subcapítulo a seguir será trabalhado, juntamente com a obra literária brasileira de Marco Lacerda.

⁶¹ He frowns at me for a while, then slowly nods his head. I follow him out (COOPER, 1989, p. 117).

4.2 Clube dos homens bonitos

Inicialmente, esta tese constaria apenas de obras literárias Norte-Americanas ou Inglesas que abordassem a prostituição masculina, todavia, acreditei que comparar obras de dois países tão próximos (seja pela língua ou pelos intercâmbios de aspectos culturais entre eles) restringiria meu campo de pesquisa. Decidi, então, que, para tornar esta análise comparatista mais rica, deveria inserir neste estudo obras de autores brasileiros que também escrevessem sobre esta temática.

Apresentado previamente na introdução desta tese, o autor Marco Lacerda pareceu ser a escolha mais sensata, pois, além de já possuir um reconhecimento no mercado editorial com pelo menos um *best-seller*, intitulado *Favela High-tech* (1993), ele ousa ao narrar em seu segundo romance, *Clube dos homens bonitos*⁶² (1996), a história de um jovem herdeiro que abandonou a fortuna de sua família no Brasil para morar em São Francisco e lá se tornou *drag queen*, dançarino, prostituto e, por fim, monge zen. A obra também relata a história do movimento da contracultura, do movimento hippie nas ruas de São Francisco nos anos de 1960, da proliferação das drogas, do sexo livre, culminando com a descoberta do personagem principal ser portador do vírus HIV e, ainda assim, não se desesperar.

De maneira sucinta, é possível informar que *Clube dos homens bonitos* começa com a descoberta do corpo morto de um jovem brasileiro, de Belo Horizonte, encontrado em São Francisco, nos Estados Unidos. Não havendo pistas do possível assassino, o caso é arquivado. Três anos depois, a polícia descobre a arma do crime com um conhecido líder religioso. Apesar de alegar inocência, Taizen Korematsu — monge zen — é o único suspeito do crime. Enquanto isto, um jornalista brasileiro é designado para investigar e montar uma matéria sobre o ocorrido. Ao procurar Taizen, o monge entrega a ele os diários de Bruno Fraga, amigo íntimo de Teodoro. O repórter lê os diários e percebe o quanto este personagem conviveu em uma época que rompeu com todos os limites: os anos de 1960. Ao chegar em São Francisco sem família e sem muito dinheiro, Bruno Fraga consegue trabalho como garçom, dançarino, *drag queen*, e, entre um trabalho e outro, Bruno experimenta a vida como prostituto, sempre

⁶² *Clube dos Homens Bonitos* é uma narrativa que mistura realidade com ficção. O jornalista e escritor Marco Lacerda conta a história real de um jovem herdeiro que se tornou *drag-queen* e, depois, monge zen. Lacerda conheceu todos os personagens envolvidos e, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, em 26/03/1996, alegou que a obra contava “com 30% de ficção e 70% de realidade”. O autor viveu em San Francisco, Califórnia, como correspondente, viu nos jornais a história de um brasileiro assassinado e foi atrás. Desta busca surgiu o livro, que Lacerda começou a escrever antes de *Favela High-Tech* (seu primeiro livro, publicado em 1993).

muito ligada às drogas e ao álcool, porém, muito pouco voltada para o prazer que ele poderia obter nos programas sexuais.

Em *Closer* (1996), a obra analisada no subcapítulo anterior, percebi que a questão das drogas na vida dos prostitutas não era tão marcante quanto é em *Clube dos homens bonitos*. Na primeira, a utilização de drogas e o fato de ser um trabalhador sexual eram partes de uma escolha de vida, não havia nestas decisões o peso da moralidade criada pela sociedade. Já na segunda, embora fosse ambientada em um período da história dos Estados Unidos onde era pregado o livre amor/livre sexo, a figura do prostituto estava muito ligada ao consumo de drogas: “Não demorou muito, o parente mais próximo da heroína — a prostituição — entrou na vida de Bruno: ‘Era tentador, excitante, o dinheiro era fácil demais. A prostituição rolava solta em qualquer bar ou boate de North Beach’⁶³ [...]” (LACERDA, 1996, p. 63).

A passagem transcrita acima induz o leitor a pensar que a paridade entre drogas e prostituição sempre ocorre, e que primeiro é experimentada a droga, para, depois, experimentar a vida como prostituto. Tal pensamento reflete o pouco conhecimento que as pessoas podem ter sobre os trabalhadores sexuais e sua rotina; todavia, não é possível negar ou desvincular em sua totalidade a existência de ambos elementos atuando lado a lado. Desta forma, penso que o mais indicado seria sugerir que drogas e prostituição possuem uma aproximação, e não uma convergência obrigatória.

Obviamente por esta conexão não ser obrigatória, Dorais (1954) afirma que somente a parcela que ele denomina de *Outcasts*⁶⁴ pode ser considerada como prostitutas que atuam em conjunto com o uso de drogas, mas em momento algum o pesquisador define que um ato antecede e/ou leva ao outro.

Muitos deles vivem em uma situação que pode ser chamada de pobreza extrema (tem apenas um ao outro, emprego com baixa remuneração). Eles sobrevivem no dia a dia com pouca chance de sonhar com um futuro: “Meu motivo para viver? Ainda não encontrei isso.” Este padrão de trabalho sexual é tão marcadamente caracterizado por abuso de substâncias que pode ser difícil determinar para qualquer indivíduo se o hábito gerou a carreira ou vice-versa. A maioria dos *Outcasts* usa o dinheiro que ganham com a expectativa de comprar álcool e drogas, e muitos estão lidando com vícios sérios. A grande maioria usa álcool e drogas especialmente

⁶³ North Beach é um bairro de São Francisco. A localidade costuma receber pessoas que vão lá para fazer piqueniques ou ficar assistindo ao movimento das ruas. Considerado um local um pouco barulhento devido à proliferação de cafeterias, pequenas livrarias, bares gays e clubes costumeiramente chamados de inferninhos, onde são realizados shows proibidos para menores de 18 anos. Ressalto, também, que São Francisco possui um sub-bairro chamado Castro, que atualmente abriga toda a cultura gay da Califórnia, rivalizando, assim, com North Beach.

⁶⁴ Em uma tradução livre, *Outcasts* podem ser entendidos como os excluídos, os prostitutas que se localizam na base da pirâmide apresentada no Capítulo 2. Vulgarmente chamados de michês.

pesadas antes, durante ou após os encontros com clientes (DORAIS, 1954, p. 36. Tradução minha⁶⁵).

Notei que o uso de drogas, na obra de Lacerda, é um dos componentes considerados mais perigosos na vida de um prostituto, muito mais até do que a contaminação com uma doença sexualmente transmissível. O personagem Bruno Fraga chegou a ter clientes abastados e que realizavam os programas remunerando-o bem e sem risco algum. Apesar disso, não posso afirmar que Bruno residia no topo da pirâmide (Profissionais), pois seu estilo de vida, enquanto prostituto, fugia ao que se espera dos profissionais que residem no topo. Até mesmo os denominados Acompanhantes de luxo (topo da pirâmide), que veem vantagens óbvias no trabalho sexual, sinalizam, através de suas declarações, que a prostituição viril implica em múltiplos perigos e armadilhas.

Para suportarem atos desagradáveis, tais como violência de alguns clientes, roubo do dinheiro dos programas, extorsão policial, cliente indesejado, frio das ruas, momentos de incerteza ou solidão, alguns encontram no álcool e nas drogas o refúgio dos problemas ou a força para continuar neste ramo de trabalho. Além destes perigos, pode haver disputas frequentes entre os prostitutas pelo ponto na rua ou alterações com clientes e traficantes de drogas. A polícia e outros agentes da moralidade são, é claro, sempre evitados quando possível. Em suma, a prostituição viril é uma atividade que envolve imprevisibilidade e é de alto risco, mesmo para os mais jovens ou psicologicamente fortes.

Acreditar que a problemática das drogas é algo exclusivamente do prostituto, é não enxergar que, em uma atividade sexual, ambos os lados (prostituto e cliente) trazem vivências, experiências e costumes que irão refletir no momento do programa. Lacerda expõe como que, por vezes, as drogas adentravam no programa, não somente através do personagem Bruno, mas também pelas mãos dos clientes: “Para ajudar Bang Bang no aluguel, Bruno continuou a fazer programas com homens e mulheres em noitadas regadas a tonéis de álcool e drogas” (LACERDA, 1996, p. 77).

Embora muito seja dito sobre o abuso de substâncias entre profissionais do sexo, seus clientes são, em uma parcela, também consumidores destas mesmas substâncias ilícitas, tornando o programa, por vezes, um verdadeiro campo minado e potencialmente explosivo.

⁶⁵ Many of them live in a situation that can fairly be called dire poverty (only one had another, low paying job). They are surviving day to day with the little chance to dream of the future: “My reason to live? I haven’t found it yet.” This sex-work pattern is so markedly characterized by substance abuse that it can be difficult to determine for any individual whether the habit engendered the career or vice-versa. Most Outcasts use the money they earn from hustling to buy alcohol and drugs, and many are grappling with serious addictions. The vast majority use alcohol and especially hard drugs before, during, or after their encounters with clients” (DORAIS, 1954, p. 36).

Em *Clube dos homens bonitos*, Bruno Fraga não possuía dinheiro suficiente para sustentar seu uso constante de heroína, assim sendo, procurava fazer programa com pessoas que utilizassem para poder assim também fazer uso.

Clientes não faltavam. Bruno tinha uma agenda, sempre lotada, para os programas de cada noite. A grana do michê era investida em heroína. Depois dos motéis, os embalos continuavam nas sarjetas do Tenderloin e só terminavam depois de muitas garrafas de Bourbon e quantidades de heroína suficientes para mandar qualquer um para o hospício. (LACERDA, 1996, p. 64).

Muito mais do que uma dependência química, a presença das drogas na vida do prostituto não se dá apenas por vontade própria. Na narrativa em análise, notei que as substâncias ilícitas e o álcool eram elementos rotineiros nos locais onde os prostitutas atuavam; assim, a presença de algo tão constante, rotineiramente, torna-se familiar e sem grande representação de perigo para alguns indivíduos.

Faz-se necessário, neste ponto do estudo, lembrar-se de uma ocorrência mencionada no Capítulo 3 (subcapítulo 3.1 — As saunas), que mostra que a bebida alcoólica é uma fonte de renda que as saunas, bares e *stripclubs* obrigavam os prostitutas a aderirem e ofertarem para os clientes. Desta forma, o uso do álcool objetiva o lucro do estabelecimento, o abono no pagamento pela atuação no local e o papel de elemento encorajador para que o prostituto continue atuando em seus serviços. A obra em questão mostra este mecanismo de exploração por parte dos donos dos estabelecimentos sobre os prostitutas, e estes, por sua vez, exploram o cliente até que obtenha uma margem satisfatória na venda de bebidas; este procedimento pode ser constatado na passagem a seguir:

Além do cachê do show, os integrantes do elenco ganhavam metade do que os trabalhadores do oleoduto gastassem com bebidas. Mas o consumo de álcool não ficava à mercê da boa vontade dos fregueses. Nos fundos da casa havia um quarto escuro onde a “família” punha sua estratégia em prática. Primeiro, as turbinas dos peões eram esquentadas com um bom trabalho de mãos e línguas. Logo, uma *drag queen* sugeria: “Que tal a gente tomar um champanhe?” Era a bebida mais cara: 120 dólares a garrafa. A ordem era moderar no trabalho de língua, porque, depois de gozar, os caras paravam de beber e iam embora. (LACERDA, 1996, p. 70).

As adversidades com as drogas são apenas alguns dos assuntos que afligem a rotina dos prostitutas; a precariedade financeira para se manter, sustentar uma casa, pagar as contas, também corroboram para que o profissional busque trabalhar cada vez mais, mesmo que isto implique em seu desgaste corporal, no intuito de obter maior renda financeira. Nem sempre ter mais horas de atuação nas ruas, maior destaque nos sites de prostituição ou horas extras

nas saunas (locais da prostituição explorados no Capítulo 3 desta tese), significa aumento no número de clientes. Assim sendo, o profissional do sexo precisa diversificar seu trabalho:

Por um tempo Bruno atuou na noite em parceria com uma lésbica. Faziam programas com casais. Bruno de *drag* e a lésbica com roupas normais. O esquema funcionava assim: Encontravam o casal no motel, tomavam os primeiros drinques da noite e iam para a cama com o marido e a mulher (LACERDA, 1996, p. 64).

Na passagem acima, é possível constatar que Bruno também realizava programas com mulheres. Apesar da infrequência de clientes do sexo feminino fazendo uso do serviço da prostituição viril, a mulher não pode ser considerada uma figura invisível neste negócio. É possível encontrar todo tipo de mulher em busca de um prostituto: a viúva, a independente, a insatisfeita com a vida sexual que leva com o marido, a que está comemorando a despedida de solteira, a curiosa, a fetichista, a feia e até mesmo a mulher que simplesmente quer e pode pagar para realizar sexo com um homem.

O personagem Bruno sempre demonstrou, ao longo da obra, uma preferência em atender os clientes masculinos nos seus programas, entretanto, quando procurado por uma mulher para que fosse contratado seu serviço sexual, ele não negava a oferta. Em casos como este, no qual o prostituto atende uma mulher junto ao esposo dela, a questão sobre como fica a atuação do papel sexual (ativo, passivo ou versátil⁶⁶) de cada um é sempre uma incógnita e motivo de curiosidade pelas pessoas que ainda estão limitadas no que tange às diversas formas de prazer que podem ser realizadas entre duas ou mais pessoas. Lacerda parece não deixar bem definido o que ocorre no personagem de Bruno Fraga, todavia, a escolha final do protagonista para seus parceiros sexuais fora do seu trabalho na prostituição viril sempre foi a por homens.

Assim, Lacerda resolve a questão através do sarcasmo e da manutenção do ar de mistério deste caso, com esta passagem: perguntado sobre o que acontecia nestas situações, ou seja, quem fazia o que com quem, Bruno responde numa das fitas cassete: “Exatamente! Quem fazia o que com quem. Era exatamente o que acontecia” (LACERDA, 1996, p. 64). A presença deste tom sarcástico percorre toda a obra de Lacerda, e o personagem Bruno Fraga reforça ainda mais este sarcasmo, que parece ser a forma como ele encontrou para lidar com os problemas da vida, com a ausência da formação familiar e também como mecanismo de

⁶⁶ Em meados do século, e particularmente nos anos de 1960 e 1970, os gays começaram a praticar uma coisa que parece rara na história sexual. Começaram a abandonar o papel rígido da separação na prática sexual e a desempenhar, alternadamente, tanto o papel ativo quanto passivo, prática esta por vezes denominada versatilidade (ROTELLO, 1997, p. 100).

defesa, com a remota ideia de largar a cidade de São Francisco e ter que retornar a Belo Horizonte, no Brasil.

O ingresso no mercado da prostituição viril é composto de um enorme número de fatores externos ou internos. O econômico costuma ser o que mais aparece na obra em análise. Elementos como a miséria ou o desemprego crônico das massas criam condições indutoras para que a prostituição seja vista como uma forma de trabalho que proporcionaria sobrevivência ao seu praticante.

Todavia, segundo Perlongher (2008), a explicação estritamente econômica se revela insuficiente já no próprio plano empírico (não abrange aqueles que saem de uma formação familiar de classe média para entrar numa verdadeira voragem de marginalização) (PERLONGHER, 2008, p. 204), o que é o caso de Bruno, que era herdeiro de uma família rica e, portanto, não precisaria trabalhar como prostituto para se sustentar. Ressalto que o personagem, antes de se tornar prostituto, trabalhou como garçom e *drag queen*, entendendo que Bruno via a prostituição como um meio de obter drogas e o dinheiro necessário quando se encontrava desempregado. “Para que o foco no dinheiro não saísse de sua mente, Bruno utilizava um aviso aos seus olhos: Como lembrete eu mantinha pendurada na parede do meu quarto uma plaquinha que uma puta me dera, com a seguinte inscrição: ‘Não dê o que você pode vender’.” (LACERDA, 1996, p. 63).

Na obra em questão, a inserção no ramo da prostituição se dá por fatores de ordem econômica. Os personagens, principalmente o Bruno, não encontram nesta atividade a busca pelo prazer puramente; o protagonista, a amiga lésbica, as outras *drags*, todos encontram no campo do serviço sexual um meio de sobrevivência. E esta questão financeira não pode ser atribuída somente pela condição econômica do país no qual o prostituto vive. Como dito no primeiro capítulo desta tese, na Grécia e Roma Antiga já havia a presença da prostituição como meio de sobrevivência de forma legal (os pornóis, que trabalhavam nos bordéis regularizados que pagavam impostos) e de forma ilegal (os prostitutos que trabalhavam nas ruas de forma clandestina). Entretanto, muito mais valioso do que a sua legalização, é a movimentação financeira não declarada legalmente que ela proporciona e sustenta. Embora a pesquisadora Luiza Leonini (2004) trate em seu artigo da prostituição feminina, percebo similaridades sobre o que ocorre também na prostituição masculina, no que diz respeito ao dinheiro ilegal e informal que movimenta o mercado:

O fenômeno de prostituição deveria ser examinado também pelo aspecto econômico, visto que movimenta uma considerável soma de capital secundário e nutre um

consistente mercado ilegal: o terceiro maior, depois do comércio de armas e de drogas, de acordo com as estimativas da ONU (LEONINI, 2004, p. 82).

De qualquer forma, para que o indivíduo entre no ramo da prostituição viril, não pode ser levado em conta somente sua necessidade financeira. Existe um elemento que sempre será demandado para que esta entrada ocorra: o corpo. Dos jovens que exibiam seus corpos nos ginásios da Grécia Antiga para seus futuros tutores (Capítulo 1), até os prostitutos que se exibem na atualidade nas ruas dos centros urbanos (Capítulo 3), todos precisam disponibilizar de uma boa linguagem corporal para atuação neste ramo. E o protagonista Bruno parecia deter esta linguagem corporal por ser bonito e por não apresentar características tidas como femininas.

Gigi: “O que mais me impressionava era ele não ter nenhum, nem o mais leve toque de efeminação. Bruno deslizava pelo palco cantando canções sinuosas de Cole Porter, mantendo sempre uma virilidade suave que enlouquecia homens e mulheres. Desirée: Os homens ficavam fascinados porque ele tinha um rosto deslumbrante e as melhores pernas masculinas da cidade” (LACERDA, 1996, p. 64-65).

Muito antes de se colocar à disposição como prostituto para os que frequentavam o clube onde trabalhava, Bruno atraía os seus clientes através da linguagem corporal. Na passagem previamente citada, seu rosto e suas pernas eram os elementos corporais mais proeminentes na captação. Conforme relatado pelos Pease (2005), as pernas masculinas são partes atraentes do corpo de um indivíduo, porque simbolizam a força e a resistência dos homens. Acrescentado a isso, Bruno desenvolvia uma performance inebriadora nos palcos, atraindo a plateia com sua voz e rosto singular.

Lacerda cita que o rosto de Bruno era considerado deslumbrante. Em pesquisa sobre a palavra deslumbrante, encontro por definição: algo que causa fascínio, encanta, há luxo, que ofusca a vista pelo excesso de luz e brilho. Entendo este deslumbramento que os homens tinham por Bruno como um processo natural do prazer estético oferecido pelo personagem aos clientes através do corpo. É importante salientar, nesta parte, a força de atração que um corpo exerce sobre outro, basicamente através de sua performance ou linguagem corporal. Muito antes de o serviço sexual ser contratado, Bruno já atraía seus clientes com sua bela constituição física.

Obviamente, o corpo de Bruno não se apresentava como apenas um corpo simples e belo, formado exclusivamente pela biologia. A ele era atribuída também o que havia no seu entorno, caracterizando-o, assim, como atraente. O fato de ser de uma etnia diferente (era brasileiro e foi morar nos Estados Unidos), os estereótipos que são atribuídos ao latino

(sangue quente), vestir-se de forma elegante (Bruno era de uma família rica e somente vestia roupas de grife), a educação de seus gestos que ocorreu no passado, em Belo Horizonte (impossibilidade de mostrar-se afeminado publicamente), entre outros elementos, contribuíram para o resultado final do que é o corpo de Bruno. Penso, então, que, além das semelhanças biológicas, os significados culturais e sociais que a ele se concede são importantes.

A pesquisadora Silvana Vilodre Goellner (2016), em seu artigo *A produção cultural do corpo*, afirma que:

O corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classifica-lo, definir-lhe normalidades ou anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável (GOELLNER, 2016, p. 31).

Falar do corpo de Bruno é falar também da identidade que é dada a ele e que o colocou na posição central entre todos os outros prostitutos que havia no clube onde ele trabalhava. Dada sua criação educacional heteronormativa em Belo Horizonte, sendo este um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual, pois possui inúmeros artefatos educativos existentes que têm como função formar os sujeitos, delineando o sujeito de acordo com as normas sociais. Uma parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural e familiar de Bruno: a educação opressora de seu pai e a impossibilidade de se declarar gay.

Le Breton (2009) adverte que a aparência corporal responde a uma ação do ser relacionada com a maneira de se apresentar e de se representar. Englobando nesta a maneira de se vestir, de pentear o cabelo, ajeitar o rosto, entre outras, sendo entendida como a forma cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença. Bruno exercia fascínio na plateia quando cantava as músicas de Cole Porter,⁶⁷ entretanto, ele também realizava shows como *drag queen* que eram sucessos de adoração pelo público. Em *Clube dos homens bonitos*, Bruno possuía um corpo tão

⁶⁷ Cole Porter nasceu em Indiana em 1891. Considerado um compositor e pianista muito talentoso, Porter conquistou a Broadway e Hollywood com suas músicas brilhantes. Seu trabalho inclui as famosas *Night and day* e *I've got you under my skin*. Em 1937, Cole Porter sofreu um acidente de equitação e o cavalo rolou por cima de suas pernas. Porter sofreu dores terríveis até o fim de sua vida, o que teria levado a dependência de heroína/morfina para apagar as dores. É sugerido a associação da letra e conteúdo de *I've got you under my skin* (Eu a tenho sob a minha pele) à droga e não a uma pessoa. Todavia, a música foi composta mais de um ano antes do acidente que sofreu. Lacerda pareceu usar propositalmente na obra esta relação entre música e drogas para exemplificação do estilo de vida que o personagem Bruno levava.

atraente que, tanto vestido de homem quanto de *drag queen*, era fruto de cobiça de sua audiência.

Os homens iam ver o nosso show acompanhados das mulheres e voltavam no dia seguinte, sozinhos. Homens interessados em *drag queens*, claro. Às vezes eles me queriam vestido de mulher, às vezes de garotão. Eu apenas obedecia. Nada daquilo era por amor (LACERDA, 1996, p. 63).

Aqui, entendo o poder de atração que o corpo do protagonista exerce. Mesmo sendo um homem vestido como mulher em uma forma exagerada,⁶⁸ Bruno oferecia, através da sua representação corporal, o que os clientes desejavam e buscavam secretamente. É notório que a maioria das pessoas que contratam os serviços de um prostituto é formada de homens, em suas formas mais diversificadas: bissexuais, homossexuais, heterossexuais, casados com mulheres, casados com homens e também os homossexuais que preferem o anonimato.

Todavia, a distinção entre os clientes habituais e eventuais que procuram os prostitutos não é tão fácil de se perceber. É certa a existência de homens declaradamente gays que buscam os serviços sexuais de outros homens por diversos motivos: ausência de um companheiro, uma relação amorosa sem compromisso fora do casamento, um casal gay que busca um terceiro componente para um ménage à trois,⁶⁹ ou pelo simples fato de gostarem desta forma de relação. Apesar de os homens assumidamente gays recorrerem aos prostitutos de uma forma mais livre, estes clientes fazem questão de manter veladas as vezes em que utilizaram este tipo de serviço. Assim, enquanto o corpo do prostituto é desejado, por outro lado, quando usufruído, precisa ser feito na clandestinidade.

Perlongher (2008) apresenta, como motivo para esta repulsão que o indivíduo tem em perceber seu corpo associado ao do prostituto, a seguinte justificativa:

Na “microcultura” gay é considerado desprestigiante o fato de pagar um michê. Especialmente os jovens gays da Marquês acreditam que o fato de pagar um michê expressa a decadência do entendido em termos de valor erótico: como seu corpo tem-se desvalorizado (em termos de mercado sexual), precisaria compensar essa perda de valor de troca com um pagamento em dinheiro. Esta crença, fartamente divulgada, se sustenta no fato de que a maioria dos clientes é composta de velhos (mais de 35 anos) — aqueles que não conseguiriam com quem transar e ver-se-iam obrigados a recorrer à prostituição (PERLONGHER, 2008, p. 145-146).

⁶⁸ Segundo Libi e Vip (2006), *drag queen* é o gay que se veste de mulher, mas apenas para festas, não podendo assim ser confundido com travesti. Em acréscimo, vale ressaltar que a caracterização da *drag queen* é composta por perucas, vestimentas extravagantes e maquiagem exagerada.

⁶⁹ Relação sexual segundo a qual três pessoas (p.ex., um casal mais um ou uma amante) compartilham relações sexuais e/ou amorosas.

Com o tempo, Bruno passou a sair às ruas muito mais vestido de *drag queen* do que com roupas tidas para homens. Perdeu o emprego no clube por causa do uso constante de drogas e álcool — fatores que o levaram a emagrecer quase 10 quilos e diminuir drasticamente a qualidade de suas performances no palco, chegando até mesmo a apresentar-se excessivamente bêbado. Bruno deixou de morar com os amigos e mudou-se para o apartamento da prostituta Bang Bang, e por lá passou quase três anos.

Sempre de vestido pelas ruas, Bruno arrebanhou um séquito de garotos de programa que o acompanhavam por toda parte. À noite, levava os marginais para casa e quando Bang Bang voltava de seus programas, não encontrava um canto para esticar as pernas em seu próprio apartamento (LACERDA, 1996, p. 75).

A obra não deixa claro se Bruno tinha desenvolvido uma aproximação amorosa com esses garotos de programa, de forma a tê-los por perto. Como relata Gasparino Damata (1975), em sua obra *Os solteirões*, a existência de um relacionamento entre um prostituto mais velho com dois prostitutas mais novos, implica que o mais velho os protegia, oferecendo abrigo. Ou um senso de agrupamento e proteção, percebido por Vicentini (2008), sobre a ajuda mútua que os prostitutas do centro de São Paulo buscavam dar uns aos outros para suportar a profissão que abraçaram:

Para garantir a sobrevivência faz-se necessário transpor alguns valores, seguir as regras do grupo, enfim se adequar. Eles se unem, disputam, sofrem e sorriem, vivendo cada dia para garantir sua sobrevivência. É uma questão de adaptação, de aceitação, de rever valores do passado... Nessa profissão, sentimentos não podem dominar a razão. Ela deve vir em primeiro lugar para que não haja maior sofrimento (VICENTINI, 2008, p. 15-16).

Segundo Perlongher, existem casos de relacionamentos entre os prostitutas. Para ele, o prostituto deslocaria sobre o corpo do cliente os desejos dirigidos a outro trabalhador sexual igual a ele, mas vedado na sua manifestação. Como boa parte dos prostitutas se apresenta como ativos, manter uma relação sexual/amorosa com um colega de trabalho significaria expor que um ou outro, embora se declarem ativos, estariam exercendo o papel de passivo.

Não acredito que manter um relacionamento com esses garotos de programa tenha sido a intenção de Bruno, embora mais à frente, na obra, quando ele se torna um monge zen, crie um abrigo para acolher as pessoas pobres portadoras do vírus HIV. Afirmo não acreditar neste senso de proteção mútua, pois passagens como: “Às vezes, ela [Bang Bang] levava fregueses para casa e, enquanto trepava, os garotos batiam a carteira dos caras” (LACERDA, 1996, p. 75), e a citação a seguir, mostram que Bruno estava, na verdade, muito mais

utilizando os garotos de programa como pequenos ladrões — para investirem sobre os clientes de Bang Bang —, e também atuando como a figura de um cafetão, do que como tutor deles.

Como se não bastassem os garotos de programa, o apartamento de Bang Bang La Toure, onde ele ainda morava, tornara-se ponto de encontro de prostitutas, traficantes e travestis das encruzilhadas [...] A certa altura, aonde quer que Bruno chegasse as pessoas se retiravam discretamente com medo de serem acusadas de formação de quadrilhas (LACERDA, 1996, p. 77).

Por fim, esta relação amorosa entre Bruno e os garotos de programa não poderia ocorrer, porque Bruno entendia seu corpo como uma ferramenta para ganhar dinheiro. Para ele, o corpo, na prostituição, estava disposto basicamente como um veículo de obtenção monetária, colocando, assim, em último plano a possibilidade de relacionamento carnal entre ele e outros iguais. Até o fim da narrativa, Bruno não se envolveu amorosamente com mais ninguém, revivendo para sempre na memória o único amor correspondido que teve em toda a sua vida: o de Chocolate Jorge. Jorge foi assassinado a mando do pai de Bruno, enquanto este morava em Belo Horizonte, deixando bem claro, através deste ato, a ideia engessada que ele tinha sobre para que era designado o corpo masculino.

4.3 *Brutal uncut*

Antes de iniciar este subcapítulo com um breve resumo de *Brutal uncut* (1996), acredito ser necessário tecer algumas linhas sobre quem é o autor Aiden Shaw. Poeta, romancista, músico e um dos mais prestigiados atores pornô da história americana, Aiden Shaw nasceu em Londres, em 1966. Cresceu em Lancashire, dentro de uma família católica, estudou no Art College of Brighton, e foi lá que ele começou a exercer sua profissão como prostituto para financiar seus estudos, segundo narra em sua autobiografia intitulada *My undoing* (2006). Para ele, esta atividade não era apenas uma maneira de sobreviver, mas um projeto artístico.

Aiden se mudou para os Estados Unidos na década de 1990, onde começou a atuar como ator pornográfico gay nas produtoras de Los Angeles. Em 1991, um ano após sua entrada no mercado de filmes adultos, ganhou o prêmio de Melhor Estreante no *Adult Erotic Video Awards*; em 1994, recebeu o prêmio de Melhor Cena, por sua atuação no filme *Grease*

Guns. Dois anos após sua última premiação, Aiden descobriu ser portador do vírus HIV⁷⁰ e, por este motivo, precisou encerrar sua carreira como ator pornográfico.

Aparentemente, o diagnóstico de sorologia positiva poderia ser o final da caminhada de Shaw, entretanto, a partir deste evento, surgiu um novo indivíduo, muito mais engajado em produções literárias e musicais. Seu primeiro romance, *Brutal uncut*, publicado em 1996, foi traduzido para as línguas alemã e francesa. O segundo romance, *Boundaries*, apareceu em 1999, sendo seguido por *Wasted* (2001), até chegar à sua mais atual obra, *Sordid Truths: Selling My Innocence for a Taste of Stardom* (2009). É importante mencionar que, antes dos romances mencionados, Shaw se aventurou no campo da poesia, onde lançou *If Language at the Same Time Shapes and Distorts Our Ideas and Emotions, How Do We Communicate Love?* (1996).

Além das obras literárias, Aiden formou uma banda, chamada Whatever, sendo que esta não durou muito tempo no mercado fonográfico. Em 1998, ele sofreu um acidente de carro enquanto estava na Bélgica, foi quando teve sua perna esquerda quebrada, fígado lesionado, parte da pele do rosto arrancada e uma hemorragia cerebral, ficando em coma por muitos dias. Precisou retornar à Inglaterra, onde permaneceu em reclusão e em intenso estágio recuperação, até voltar em 2001, com o seu romance *Wasted*, e, a partir de então, Shaw não parou mais de diversificar sua carreira artística, chegando também a atuar como produtor de musicais; atualmente, é contratado como modelo por algumas grifes inglesas cujo público alvo são homens maduros.

Das quatro obras analisadas nesta tese, afirmo que *Brutal uncut* (1996), de Aiden Shaw, foi a mais densa e a que mais solicitou pesquisa externa sobre o universo que compõe sua narrativa. Por outro lado, tamanho esforço retornou com uma análise peculiar e diferenciada sobre a prostituição e sobre o corpo do prostituto. Em breves palavras, a obra narra a história de Paul, um prostituto londrino que vive dia após dia sem grandes pretensões ou sonhos.

A vida de Paul se resume a frequentar o *underground* clube/boate Trade,⁷¹ fazer uso constante das diversas formas de drogas existentes, frequentar a terapia com a doutora Sky,

⁷⁰ Embora alguns livros digam que Aiden tenha provavelmente contraído o HIV quando trabalhava como prostituto, em sua autobiografia Aiden não menciona uma data precisa para tal evento. Em setembro de 2016, em entrevista ao site Poz.com, ele apenas menciona que descobriu ser HIV positivo na década de 1990 e que sempre deixou claro para seus parceiros de filmes adultos sua sorologia positiva, como também lembrou que nunca atuou nos filmes sem preservativos.

trabalhar como prostituto e tentar entender sua conturbada relação com a mãe. Em meio a este turbilhão, Paul reflete sobre dilemas, tais como: matar o melhor amigo a pedido do mesmo, a possibilidade de abandonar o ramo da prostituição e como encarar a vida após a descoberta da sua sorologia positiva.

As duas narrativas anteriormente analisadas mostraram personagens que buscavam fugir da rotulação de prostituto e que exerciam a prostituição viril como uma complementação de renda. Em *Brutal uncut*, Shaw apresenta o protagonista como um indivíduo determinado, que, conscientemente, opta pela prostituição: “Eu faço sexo com pessoas porque elas me dão dinheiro, não porque eu as amo” (SHAW, 2008, p. 106. Tradução minha⁷²). Desta forma, a questão do auto entendimento do personagem fica clara ao longo de toda a narrativa, e, assim, não há a necessidade de buscar eufemismos ou desculpas para justificar o motivo pelo qual o personagem atua neste ramo. Através desta afirmação e o reconhecimento em ser um prostituto, Paul discorre também sobre as outras nomenclaturas que são atribuídas aos indivíduos que trabalham na prostituição viril:

Eu sempre gosto de usar a palavra *prostituição* para o trabalho que fiz, embora muitas outras palavras fossem usadas para tal. Para mim, *garoto de programa* parecia conjurar imagens de adolescentes na rua que fugiram de casa. Eu tinha trabalhado na rua, mas qualquer um que tivesse algum senso lógico poderia juntar uma grana para colocar um anúncio, então não precisariam ficar expostos ao clima suspeito e ferrado, aos bandidos ou à polícia. A palavra *puto* me lembrava aquelas mulheres americanas com pernas longas e esplendidamente vestidas dos seriados de detetive da TV. *Michê* era o único que eu realmente não gostava, porque implicava em alguém que transaria com você, roubaria, bateria ou, em geral, o enganaria. Isto parecia tão longe da verdade, que quase não consigo lembrar quantas vezes os clientes tentaram me maltratar ou fugir sem pagar. Quando as pessoas usavam os termos *escort* e *massagista*, eu sempre sentia pena deles; usando tais eufemismos para ajudar a si próprios a nomear de maneira menos pejorativa o trabalho que eles fazem. Por fim, a definição antropológica *trabalhador sexual* me lembra de que há pessoas de mentalidade social no mundo, mas acho isto um pouco paternalista. Eu não preciso de validação, e assim eles podem manter seu politicamente correto para alguém que precise disso. Eu sinto que a palavra *prostituto* diz: “Você tem um problema com isso?” Pensando nisto, soa um tanto hostil. Se

⁷¹ O nome da boate *Trade* parece brincar com o vocabulário específico da prostituição masculina. Segundo Reay (2010), a palavra *trade* foi um termo genérico que se usava para designar os prostitutos que possuíam um porte exclusivamente tido como masculino. Eles geralmente eram heterossexuais e assumiam o papel positivo, líder e insertivo nas relações sexuais com o homossexual, e que não fazem (ou podem fingir) qualquer identificação com a homossexualidade. Embora o personagem Paul houvesse se declarado homossexual assumido, ao longo da narrativa ele sempre demonstrou expressões comportamentais ditas como masculinas.

⁷² I have sex with people because they give me money not because I love them (SHAW, 2008, p. 106).

não tivesse problema com isso, por que eu seria tão afrontoso? (SHAW, 2008, p. 107-108. Tradução minha⁷³).

Como explicado no Capítulo 2 desta tese, ser um garoto de programa que trabalha exclusivamente na rua implica em questões muito além da escolha da localização espacial para captação de clientes. Ser garoto de programa pressupõe, segundo o protagonista, carregar o estereotipo de abandono do lar, ser menor de idade e não ter um mínimo de conhecimento sobre o ramo da prostituição viril para galgar outras esferas de categorização social dentro do que se propõe a fazer. Embora o personagem Paul não tenha mencionado, na obra, se chegou a trabalhar como garoto de programa na rua, o mesmo possui informações sobre a logística do que ocorre em tal lugar, o que poderia indicar que, em determinado momento, no início de sua carreira, o mesmo atuou nas ruas, assim como a grande maioria dos prostitutas começaram na vida real.

Nos seriados de detetives, mencionados na citação acima, um ponto de destaque são as cenas em que transações ilegais ocorriam nos cais dos portos, por serem locais escuros, afastados da vigilância policial e áreas de fácil descarga de mercadorias extralegais, assim como bons locais para descarte de corpos. Em pesquisa, encontrei a origem da palavra *hooker* (aqui traduzido como puto, já que o vocábulo piranho não existe) como o nome de um pequeno barco de pesca que fazia intercâmbio de mercadorias entre os portos ingleses e o cabo da costa sudoeste da Holanda, chamado de The Hook of Holland. As prostitutas costumavam ficar esperando a chegada destes barcos para seduzir os marinheiros e, por extensão, elas ficaram conhecidas como *hookers*. *Hook* é também gancho, anzol. Portanto, a palavra *hooker*, significando informalmente prostituta, pode ter a sua origem também no jeito que a mulher fisga ou engancha o cliente.

Em comparação com a língua inglesa, a nossa língua não parece ter tantos vocábulos para significar prostitutas. Opta-se, conseqüentemente, pela utilização do estrangeirismo

⁷³ I always like to use the word *prostitution* for the work I did, although many words were used. For me, *Rent-boy* seemed to conjure up images of teenagers on the street who'd run away from home. I'd worked on the street but anyone who had any sense could get it together to put out an ad so they wouldn't have to stand around susceptible to shitty weather, thugs, or the police. The word *hooker* reminded me of leggy, skimpily dressed American women from TV detective shows. *Hustler* was the one I really disliked, because it implied anyone who did the work would steal from you, mug you, or generally rip you off. This seemed so far from the truth as I can't remember how many times punters have tried to mistreat me or get away without paying. When people used the terms escort and masseur I always felt sorry for them; using use such euphemisms to help themselves own the work they do. Lastly, the anthropological definition *sex worker* reminds me that there are socially minded people in the world, but I find it a bit patronizing. I don't need validating, and so they can keep their political correctness for somebody who needs it. I feel that the word *prostitute* says: 'Do you have a problem with that?' Thinking about it, that sounds somewhat hostile. If I hadn't a problem with it, why would I be so confrontational? (SHAW, 2008, p. 107-108).

(*escort boy*, *taxi-boys*) e a aplicação de gírias locais (cafuçu,⁷⁴ bofe) para se classificar e enquadrar os prostitutos em seus estratos hierárquicos. Por vezes, estas categorizações utilizam aspectos sociais (pão com ovo,⁷⁵ luxo, bem⁷⁶), por outras, aspectos de expressão de gênero (bofe, machudo, mano), ou até mesmo a corporeidade do indivíduo (odara,⁷⁷ magia⁷⁸) será uma ferramenta para sua classificação.

Para Mott (2003), não há uma distinção clara entre rapaz de programa e michê. Alguns consideram que rapaz de programa se refere apenas àqueles que anunciam seus serviços sexuais (ou de massagem...) nos jornais — também conhecidos como *taxi-boys* ou *masseurs*. Os michês seriam os que atendem clientes eventuais na rua (MOTT, 2003, p. 98), sendo esta a distinção que também faço neste estudo. Entretanto, o personagem Paul possui certa recusa aos termos *escort* e *masseurs*, por acreditar que estas duas palavras mascaram a prática da prostituição, ou por serem usadas com preconceito por parte dos trabalhadores nela envolvidos, uma vez que elas também podem ser entendidas como acompanhantes (sem que haja a relação sexual) e massagista (sem que ocorra a relação sexual).

Por fim, Paul rejeita o termo trabalhador sexual, por acreditar que se trata de uma perspectiva paternalista sobre o assunto. Por definição, o paternalismo é considerado uma maneira de exercer a autoridade sobre alguma outra pessoa. O paternalismo implica certos princípios e normas que envolvem os valores do patriarcado; sendo assim, uma pessoa que utiliza o paternalismo é uma pessoa que toma decisões que não podem ser discutidas nem questionadas, mas também outorga certos consentimentos e transmite afeto.

Percebo que Paul associa a prostituição e o paternalismo a um mecanismo de controle. Sob o argumento de proteger o prostituto, de tratá-lo, de fiscalizar o que ocorre com o seu corpo através de exames médicos e psicológicos, o agente paternalista poderia recortar as liberdades que Paul tem em sua vida, tal como um pai nega a permissão para que seu filho faça algo por considerar que aquilo pode ser perigoso ou lhe trazer algum mal. Desta forma, Paul entende que o paternalismo presente no termo trabalhador sexual carrega a crença de que os prostitutos são incapazes em diversas questões (principalmente as relacionadas ao corpo, já

⁷⁴ 1. Diz-se de quem tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, profissão, classe ou país de origem; [...] Indivíduo grosseiro, inábil, sem modos e sobretudo deselegante (LIBI e VIP, 2006, p. 38).

⁷⁵ Homossexual culturalmente e financeiramente pobre; diz-se dos homossexuais que não possuem condição financeira para almoçar na rua e assim levam um pão com ovo para comer no transporte público, na viagem de volta para casa ou depois da balada (LIBI e VIP, 2006, p. 31).

⁷⁶ Indivíduo com aparência de pessoa rica.

⁷⁷ Bonito, elegante, vivaz, de membro sexual avantajado (LIBI e VIP, 2006, p. 99).

⁷⁸ Indivíduo de beleza encantadora.

que este também é controlado pela relação de forças entre o indivíduo e as instituições externas, tais como o Estado, a religião, a mídia, a família, entre outras) e, por isso, o agente paternalista toma decisões em seu nome, sustentando o que considera melhor para os assistidos por ele.

Quando o personagem questiona o paternalismo na palavra trabalhador sexual, penso em três modalidades de relações de poder que Aiden Shaw aborda na obra: a) problemas familiares; b) associação de prostituição com o HIV e drogas; c) correlação entre cliente e prostituto. No que tange à relação de forças dele enquanto prostituto com o mundo que o cerca, o personagem possui uma perspectiva próxima à conceituada por Michel Foucault (2014). Para o filósofo, todo poder se define como uma tecnologia política dos corpos; assim, cada indivíduo é atravessado por relações de poder que podem fazê-lo reprimir algo ou, dependendo do indivíduo, construir um novo efeito de verdade ou saber.

Como primeira relação de forças enfrentada por Paul, cito a questão familiar que o assombrou durante toda a obra. Em nossa sociedade, há uma grande valorização da família como unidade principal na vida de um indivíduo e, somente dentro dela e obedecendo suas normas, acredita-se que esta pessoa seria capaz de ser feliz ou ser considerado um cidadão de respeito. Não obstante, esta idealização da família segue uma normatização que provoca seres excluídos pelo simples fato de eles não possuírem um pai ou uma mãe, por serem órfãos, por não se conformarem com as regras impostas pela família e, até mesmo, por seguirem caminhos na vida que não foram os escolhidos por aqueles que representam o poder patriarcal dentro desta instituição. Em determinado momento na narrativa, Paul decide visitar a sua mãe e conversar com ela sobre como ele estava encarando a vida sozinho:

Foi um desafio. Minha mãe e eu tivemos um afastamento a cerca de cinco anos antes. Aconteceu quando eu fui visitá-la. Inocentemente, me senti confortável em contar a ela sobre minha vida, pensando em chegar a um estágio onde poderíamos conversar como adultos, mas eu estava equivocado. Havia coisas demais que ela não queria ouvir (SHAW, 2008, p. 78. Tradução minha⁷⁹).

Ao não querer entender o estilo de vida do filho, a mãe de Paul exterioriza aspectos psicológicos normativos cobrados a todos os que se tornam a voz do patriarcado em uma família: a suposta falência no modo de criação do filho e a ruptura do papel social desta família perante os olhos da sociedade. Alguns estudiosos defendem a ideia de que a formação

⁷⁹ This was a challenge. My mum and I'd had a break up about five years before. It happened when I'd gone to visit her. Naively, I'd felt comfortable telling her about my life, thinking I'd reached a stage where we could talk as adults, but I was wrong. There was too much she didn't want to hear (SHAW, 2008, p. 78).

familiar pode influenciar na decisão do indivíduo em se tornar prostituto, sendo os fatores mais citados os casos de abuso sexual na infância, pobreza extrema e inserção no mercado de trabalho sexual por indução dos próprios familiares. Todavia, nenhum destes fatores foi o que ocorreu com Paul; o mesmo se tornou prostituto por vontade própria e por entender que este seria um trabalho como outro qualquer. Tal atitude, por parte da mãe, fez com que o personagem questionasse sua escolha e, em termos, entendesse parcialmente o sentimento expresso por ela:

Afinal, como eu poderia saber o que sentia uma mãe ouvir que seu filho era um prostituto, que ele tomava drogas e arriscava sua vida? Eu teria que ter um coração, uma alma e pelo menos meia mente, mas ironicamente, eu era a criação de minha mãe e ainda não era gentil suficientemente para ser sensível, pensativo e atencioso (SHAW, 2008, p. 79⁸⁰).

A fuga ou expulsão do que é considerado o circuito oficial familiar, e da perspectiva de um modo de trabalho assalariado, pode funcionar como uma das possíveis causas de rotas de fuga encontradas pelos indivíduos para abraçarem a prostituição como trabalho, sendo esta uma carreira com promessa de dinheiro rápido através da venda dos prazeres corporais, e não conformismo com o que é imposto pela sociedade. Quando menciono conformismo, ressalto que, por vezes, o indivíduo não está atento às armadilhas que a prostituição viril possui aos que se aventuram nela. O próprio personagem se deixou levar pela idealização do casamento. Em determinado momento, Paul conhece Keenan Cochrane, e inicia um relacionamento sério com ele. Mas, ao discutir com sua terapeuta Sky, Paul traz à tona o medo de não estar construindo um relacionamento dentro dos padrões esperados:

O que sei é que ele está ficando menos seguro sobre nós. Eu não sei se está impaciente ou simplesmente percebeu que nunca será, você sabe, normal. Sou um prostituto. Ele diz que não se importa, mas não é sobre ele, é sobre mim. Eu sei que isto me afeta e eu nem sei se parar ajudará (SHAW, 2008, p. 192. Tradução minha⁸¹).

⁸⁰ After all, how could I have known what it felt like for a mother to hear that her son was a prostitute, that he took drugs and risked his life? I would have had to have a heart, a soul, and at least half a mind, but ironically, I was my mother's creation, and still not kind enough to be sensitive, thoughtful and considerate (SHAW, 2008, p. 79).

⁸¹ The thing is I know he's becoming less sure of us. I don't know if it's impatience or just that he realizes that it's never going to be, you know, normal. I'm a prostitute. He says he doesn't mind but it's not about him, it's about me. I know it affects me and I don't even know if stopping will help (SHAW, 2008, p. 192).

Desta forma, a relação de poder entre a instituição casamento e Paul traz, para ele, uma angústia social e pessoal sobre como viver, permitindo, assim, que a sua vida seja regradada sob os ideais de controle social que o casamento normativo infere.

Como consequência, o personagem parece enfraquecer nesta relação de poder e reprimir seus sentimentos enquanto indivíduo:

Então, talvez eu quisesse ser bem querido pelas pessoas com quem fiz sexo. Possivelmente, eu mesmo queria gostar deles também. Eu senti problemas. Se eu não fosse cuidadoso, eu poderia começar a ter sentimentos, tornar-me vulnerável e abrir-me a todos os tipos de bobagens (SHAW, 2008, p. 120. Tradução minha⁸²).

Vicentini (2008) relata, em seu livro, que esta necessidade de uma ausência de sentimentos e emoções em relação aos outros parece ser um mecanismo de defesa que os prostitutas encontram para criar uma barreira em volta deles e não sair machucados emocionalmente das situações que enfrentam. Todavia, a repressão de sentimentos pode dar origem a diversas outras emoções: a violência contra o cliente; a insatisfação pessoal, que pode culminar com o suicídio; a necessidade de uso constante de drogas, para suprimir ou esquecer os momentos difíceis ou para conseguir realizar os programas, como também a exposição a situações de risco como maneira de se lançar à transgressão e morrer.

A segunda relação de poder encontrada na obra expõe a associação direta da prostituição com a infecção do vírus HIV.⁸³ O autor, Shaw, parece construir a narrativa do personagem Paul e sua sorologia positiva da mesma maneira que encarou este fato na sua vida, não deixando claro se a infecção ocorreu com algum cliente ou de outra forma: “Por que agora?”, Minha mãe continuou: “Por que você está me contando tudo isso agora? Você tem AIDS, não é?” “Não, acho que não.” Neste momento, eu não tinha. Foi cerca de três anos depois que eu finalmente contraí o HIV (SHAW, 2008, p. 78-79. Tradução minha⁸⁴). Independentemente de como Paul adquiriu o vírus HIV, o mais importante a ser notado aqui é como a necessidade de se colocar em risco fazia com que Paul se sentisse cada vez mais vivo. Arriscar-se nesta profissão não é algo muito difícil de se fazer, já que o perigo parece estar sempre muito próximo do dia a dia dos prostitutas: brigas com outros prostitutas por local na

⁸² So maybe I did want to feel liked by those I had sex with. Possibly, I even wanted to like them too. I sensed trouble. If I wasn't careful, I might start having feelings, become vulnerable, and opening myself to all kinds of nonsense (SHAW, 2008, p. 120).

⁸³ Estranhamente, Shaw não discute a possibilidade de seus personagens contraírem quaisquer doenças sexualmente transmissíveis, apenas foca sua narrativa na questão do HIV.

⁸⁴ ‘Why now?’ my mum continued, ‘Why are you telling me all this now? You have AIDS, don’t you?’ ‘No, I don’t think so.’ At this time, I hadn’t. It was about three years later that I finally contracted HIV (SHAW, 2008, p. 78-79).

calçada, violência por parte dos clientes, exposição em locais impróprios, uso de drogas e não uso de preservativos mediante oferta de maior quantidade de dinheiro para pagamento do programa.

A bebida alcoólica e o uso constante de drogas, além de baixarem a imunidade, também tendem a favorecer que o prostituto aumente seus comportamentos de risco. O álcool sempre atuou como um papel importante na vida de muitos prostitutas; em parte, devido à tolerância que ele provoca para que o trabalhador enfrente a rua de forma mais firme; a necessidade de induzir a venda de bebidas nas saunas, compartilhando, com o cliente do ato de beber e ser um elemento altamente presente nos bares gays e nos clubes. Desta forma, aqueles que se envolviam com o sexo estigmatizado da prostituição necessitavam, com frequência, embotar suas inibições:

Perguntei-me sobre o quão diferente era este cliente dos que eu transei quando estava chapado. Talvez a diferença fosse simplesmente eu não estar chapado. Parecia que eu queria me proteger do alemão, mas na verdade, eu acho que tive que construir uma parede mais forte para fazer isso, então talvez eu tenha me machucado mais. Eu certamente me torturava por ficar ali quando eu queria sair. Pelo menos drogado eu não ia buscar sair, então talvez assim fosse menos difícil para mim. As drogas podiam ser vistas como outra parede. Talvez essa parede de drogas fosse uma proteção falsa, deixando-me suscetível — não podendo dizer se eu estava sendo afetado ou não (SHAW, 2008, p. 264. Tradução minha⁸⁵).

Rotello (1997) constatou que, uma vez que a liberação gay coincidiu, de modo geral, com um aumento no uso de drogas recreativas na sociedade, não é surpreendente que o mundo gay desenvolvesse uma ativa subcultura de drogas. Os chamados gays urbanos, mais sexualmente ativos, tendiam a consumir grandes quantidades de drogas recreativas, incluindo cocaína, maconha, MDA, LSD e crack. Atualmente, o ecstasy, o crystal meth e os *poppers* são as mais utilizadas nos clubes, saunas, festas *underground* e programas com trabalhadores sexuais. É também notório o quanto cidades tidas como rotas de férias gays são famosas por permitirem o uso aberto de drogas, e a literatura da era está cheia de descrições romantizadas do uso de drogas como parte integral da experiência masculina gay e do universo da prostituição:

Ao apoiar minha cabeça, ele me alimentou continuamente com *poppers*. Parecia que meu cérebro tinha perdido o controle do meu corpo, e entre eles chegou a um ponto

⁸⁵ I wondered how different this punter was from ones I'd done when I was high. Maybe the difference was simply that I hadn't been high. It seemed that I wanted to protect myself from the German, but in fact, I think I'd had to build a stronger wall to do this, so maybe I actually damaged myself more. I certainly tortured myself by staying when I wanted to leave. At least on drugs I didn't care to leave, so maybe that was less hard on myself. The drugs could be seen as another wall. Maybe this drug-wall was a false protection, leaving me susceptible — not being able to tell if I was being affected or not (SHAW, 2008, p. 264).

em que eu não podia dizer se estava de cabeça para baixo, de dentro para fora, ou percebendo tudo o que estava acontecendo comigo. Curiosamente, eu ainda estava ciente de que havia algo profundamente satisfatório sobre isso, mais do que simplesmente estar transando. Era como se ele me libertasse do mundo real e me permitisse flutuar em algum útero celestial insensível (SHAW, 2008, p. 67. Tradução minha⁸⁶).

Shaw retratou intensamente as diversas drogas existentes no mercado da prostituição, em especial os *poppers* (inalante de nitrato), que hoje é utilizada abertamente em filmes adultos, inclusive aparecendo em cena sendo consumido pelos atores. Os inalantes de nitrato foram fabricados inicialmente para tratar da angina pectoris, uma dolorosa doença do coração. Todavia, seu uso poderia apresentar como efeito colateral um determinado momento de bem-estar e êxtase, muito conhecido na linguagem popular como barato.

Os *poppers* atuam diluindo o sangue nos vasos e, para muitos, como o caso de Paul, favorece o prazer sexual e prolonga o orgasmo. Para o prostituto que precisa atender diversos clientes em uma noite, sua performance corporal se mantém intacta quando atuando como ativo; caso o mesmo precise ser o passivo na relação sexual, os *poppers* relaxam os músculos, inclusive o do esfíncter anal, o que se torna uma ajuda valiosa, tanto para o sexo anal como para a estimulação do ânus em práticas fetichistas mais extremas, tais como o *fisting*.⁸⁷ Embora a obra de Shaw tenha o ano de 1996 como data de publicação, a existência de tal droga é pelo menos duas décadas pretéritas; segundo Rotello (2008): “Essas drogas se tornaram tão populares nos círculos urbanos gays nos anos 70, que os fabricantes dos inalantes de nitrato rivalizavam em publicidade com os proprietários de saunas na imprensa gay” (ROTELLO, 2008, p. 107).

Brutal abre com o personagem Paul acordando em um galpão abandonado, que ele não reconhece; ninguém mais está no local além dele e de outro homem, a quem ele tenta acordar, mas não consegue. Aos poucos, ele percebe que só há na edificação alguns colchões, sacos de lixo pretos, garrafas de bebidas alcoólicas vazias e algumas seringas pelo chão. Tratava-se de

⁸⁶ By propping up my head, he'd fed me poppers, continually. It felt as though my brain lost track of my body, and between them it got to the point where I couldn't tell whether I was upside down, inside out, or aware of anything that was happening to me. Strangely enough, I was still aware that there was something profoundly satisfying about it, more than just getting my rocks off. It was as though he freed me from the actual world and allowed me to float in some heavenly unfeeling womb (SHAW, 2008, p. 67).

⁸⁷ Introdução da mão e parte do antebraço no ânus do parceiro. Segundo Shakti, “a prática é saber os limites do seu parceiro”. Alguns são beneficiados por questões anatômicas, mas o bom fistador é capaz de ampliar os limites com prática gradual, podendo chegar até à realização do *fisting* duplo (2088, p. 78).

uma *Weekend Sex Party*,⁸⁸ que atualmente promove música eletrônica, sexo e uso intenso de drogas. Nestas festas, pode ocorrer o que é chamado de *chemsex*. O *chemsex* se originou no que inicialmente Agni Shakti (2008) chama de *chemical play*, um jogo de prática sexual que se utiliza de produtos químicos para produzir sensações. São usados spray de pimenta, álcool medicinal, mentol, bebidas alcoólicas e tintas, entre outros.

O *chemsex* não se destina exclusivamente a festas, ele também pode ser praticado entre duas pessoas; afinal, trata-se de uma forma específica de uso recreativo de drogas com intuito de manter a relação sexual acontecendo por um longo tempo. Entre as drogas mais usadas estão o GHB, a mefedrona e a metanfetamina. Em *Brutal uncut*, o personagem Paul consumia constantemente a droga *speed* junto com a cocaína, o que o colocava em situação de alta excitação corporal, porém, com uma acentuada perda da percepção de risco, levando-o, por vezes, a manter relação sexual sem proteção.

A passagem que mais representa o risco do uso de substâncias associadas ao sexo se dá no momento em que Ace, amigo de Paul, consegue para ele um cliente e ambos planejam usar cocaína durante o programa:

“Nós poderíamos conseguir mais coisas”, disse Ace com uma voz de sussurro.

“Como? Não temos dinheiro.”

“Nós podemos pagar amanhã”, disse ele. “Com o dinheiro que você ganhar”.

[...]

Havia um negociante de cocaína no final da minha rua. O plano de Ace era que eu corresse lá, pegasse o material, saísse de lá antes que o cliente se aproximasse e transasse com ele enquanto estivesse chapado. O quanto ruim poderia ser?

“Você poderia fazer isso em uma hora?”

“Esplêndido”, ele disse, como se estivesse engasgado em um delicioso bife. Eu dei a ele o endereço. Como Ace instruiu, peguei a cocaína. Ele preparou as carreiras. Então os outros esperaram na sala de estar enquanto eu transava com o cliente e até gostei, acho. Embora eu não conseguisse lembrar como ele se parecia ou o que fizemos (SHAW, 2008, p. 40. Tradução minha⁸⁹).

⁸⁸ Tratam-se de festas que começam no sábado à noite e prolongam-se até a terça-feira pela manhã. Geralmente acontecem em casas abandonadas ou galpões alugados. Possuem a duração de pelo menos três dias e envolvem o uso de drogas sintéticas, no intuito de os participantes se manterem acordados aproveitando o evento.

⁸⁹ “We could get some more stuff,” Ace said in a whisper-like voice.

“How? We’ve got no money left.”

“We can pay for it tomorrow,” he said. “With the money you earn.”

[...]

There was a coke dealer at the end of my street. Ace’s plan was I run there, pick up the gear, free-base it before the customer got round and do him while still high. How bad could that be?

“Could you make it in an hour’s time?”

“Splendid,” he said, as though tucking with greed into a delicious steak. I gave him the address. As Ace instructed, I picked up the coke. He produced the free-base activities. Then the others waited in the living room while I did the punter and even enjoyed it, I think. Although I couldn’t remember what he looked like or what we did (SHAW, 2008, p. 40).

Ao fim da ação, Paul não se lembra de como foi o programa, o que provavelmente faz com que também não se lembre se usou proteção ou não. Todavia, ele expressa que possivelmente gostou do que fez. Então, entendo aí a necessidade de Paul em se colocar em risco em busca de prazeres mais intensos e para se sentir mais vivo diante da vida que levava. Um fator que constantemente surge como justificativa para a prática sexual sem proteção é o abuso de drogas. Rotello (1997) mostra que as pesquisas indicavam sempre que cerca de 60% dos que praticavam o sexo inseguro estavam bêbados ou sob efeito de drogas quando o praticavam.

Sobre a prática do sexo aliado às drogas, Rotello (1997) afirma que:

O *crystal meth*, em especial, que na década de 90 tornou-se a droga preferida das festas do circuito gay das principais cidades, contribui de várias maneiras que isso acontecesse [sexo não seguro]. [...] Alguns homens disseram que ela prolonga a ereção e retarda a ejaculação, permitindo cópulas demoradas durante as quais a fricção provoca sangramentos. Outros relatam que o uso prolongado os torna totalmente incapazes de obter ereção e, nesse ponto, eles chegam a se deixar penetrar até mesmo por parceiros múltiplos sem se preocupar se esses parceiros estão ou não usando preservativos (ROTELLO, 2008, p. 173-174).

Rotello anuncia que os pesquisadores entendem a relação de abuso de drogas e o sexo inseguro de duas maneiras bem distintas: a) trata-se da expansão de um problema já existente, e a melhor forma de cuidar deste problema é ajudar estes homens a se manterem sóbrios ou a controlarem sua absorção de álcool, de forma que não venham a fazer sexo estando em alto grau de estado etílico, através de programas de reabilitação; b) outro aspecto torna menos possível a intervenção, pois alguns homens admitem que se intoxicam porque querem fazer sexo não-seguro e não conseguem quando sóbrios. Somente quando estão sob o efeito do álcool ou de drogas é que eles perdem suas inibições, esquecem-se da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis e praticam o assim chamado *barebacking*.⁹⁰

A terceira relação de força ocorre entre o cliente e o prostituto. Em *Closer* (1989), Cooper não utilizava a imagem da contratação dos prostitutas de forma intensa, já que, para ele, o corpo na modernidade era entendido como livre e de fácil acesso, o que se percebia era a barganha de algo em troca do corpo e a possibilidade da experimentação dos limites deste corpo. Já em *Clube dos homens bonitos* (1996), Lacerda coloca a prostituição como algo que é um trabalho extra, fora do convencional, e que, assim como descrito por Shaw, estava muito ligada ao sexo. Entretanto, Shaw parece ser, até o momento, o autor que mais retratou, através

⁹⁰ Relativo ao sexo anal sem uso de preservativo. Muito usual em comunidades gays, é considerado excitante pelo alto risco implícito (SHAKTI, 2008, p. 62).

da narrativa, as relações de poder que ocorrem entre clientes e prostitutas, e muitas destas relações de poder não ocorrem necessariamente através do ato sexual, mas, sim, pelo que é conhecido como parafilia.⁹¹

Já foi mencionado neste estudo que os prostitutas possuem uma série de artifícios para tratar os clientes da maneira como eles julgam melhor, e para inverter a posição de dominador versus dominado no processo de contratação de serviço sexual. É notório que muitos prostitutas adotem nomes fictícios para sua prática, de forma a resguardarem a vida privada; contudo, clientes também procuram o anonimato, não revelando seus nomes reais para os prostitutas: “Havia um chinelo de cabeça para baixo com uma tampa de garrafa de leite presa à sola. Também havia algumas correspondências não abertas, e notei que seu nome não correspondia ao das cartas” (SHAW, 2008, p. 61. Tradução minha⁹²). Como forma de burlar as tentativas dos clientes em não fornecer os nomes reais,⁹³ os prostitutas que atuam por telefone geralmente só atendem números que não sejam passíveis de comprovação, como, por exemplo, os telefones públicos ou os celulares com números restritos. Desta forma, na primeira ligação, mantêm-se a troca sucinta de informações, e, a seguir, o prostituto liga novamente para aquele número, para se certificar de que ele pertence ao proprietário realmente, finalizando, desta forma, a negociação. Tem-se, assim, um eterno jogo de medição de forças, em que cada parte busca saber a identidade real do outro e manter a dicotomia dominador (quem paga pelo programa) versus dominado (quem recebe pelo programa).

Em se tratando de simbolismos, na atualidade, os vídeos caseiros e as fotos são os elementos mais triviais que ambos utilizam para recordar os programas. Para o prostituto, obter os telefones direto dos clientes funciona como um serviço de mala direta para captação de clientes, quando o trabalhador sexual se encontra com pouco fluxo de caixa. Assim, o prostituto liga para os números de sua agenda, utilizando o discurso previamente preparado, de modo que cativa o interlocutor e este resolva agendar um programa. Por outro lado, Aiden mostra como um dos clientes de Paul, provavelmente um adepto da pictofilia,⁹⁴ também

⁹¹ É um arquétipo de conduta sexual em que a fonte predominante de prazer não é o ato sexual. Compreende assim as chamadas anomalias sexuais ou conduta sexual, em que a fonte oculta de prazer não se encontra na cópula sexual, mas em outra prática ou objeto de desejo, não seguindo o padrão sexual normal. É difícil definir o conceito de sexualidade normal (SHAKTI, 2008, p. 35).

⁹² There was an upside-down slipper with a foil milk bottle top stuck to the sole. Also there was some mail that hadn't been opened, and I noticed his name didn't correspond to the one on the mail (SHAW, 2008, p. 61).

⁹³ Saber o nome real dos clientes auxiliaria os prostitutas a reconhecerem e a prestarem queixa do cliente caso ocorresse algum incidente entre eles.

⁹⁴ Prazer em assistir, produzir e manusear material erótico, fotográfico ou fílmico, com a presença do parceiro (SHAKTI, 2008, p. 92).

guardava elementos que mostrassem os prostitutas que ele contratou: [...] era um quadro de avisos coberto de fotos de mulheres glamorosas, estrelas pornográficas e Polaroids de homens (a quem eu imaginei serem prostitutas por ele anteriormente contratados), como cabeças de animais fixadas na parede ou troféus (SHAW 2008, p. 60. Tradução minha⁹⁵).

Da mesma maneira que é possível organizar um sistema de nomenclaturas a respeito dos prostitutas, é também cabível organizar um referente aos clientes. Geralmente, eles são divididos em categorias que os qualificam pelo *status* socioeconômico, gênero e idade, sendo apenas por último levada em conta a tipologia sentimental. Dentro da categoria socioeconômica, vislumbra o cliente intitulado *sugar daddy*, que, segundo Steward (2012), são homens mais velhos e com um excelente poder aquisitivo em relação ao prostituto. Geralmente, os *sugar daddies* seduzem os prostitutas com dinheiro, carros, roupas, casa com piscina, viagem e ida a bons restaurantes. Todavia, Perlongher (2008) informa que existem dois tipos de clientes idosos que se encaixam nesta categoria. No primeiro tipo, na avaliação de Perlongher, o cliente idoso

[...] desagrada ou esnoba os boys com dinheiro ou carro. Pode ser também um cliente que está sempre acompanhado de rapazes cobrindo toda consumação. Em geral, aplica-se ao cliente que faz questão de mostrar que com dinheiro compra qualquer rapaz, até mesmo os que explicitamente não vão com a sua cara e rejeitam ele (PERLONGHER, 2008, p. 147).

O segundo tipo de cliente idoso pode ser chamado, segundo Perlongher, de executivo ou professor. O executivo é aquele indivíduo que possui uma renda alta, porém, trata-se de um cliente que não subjuga o prostituto com o poder que seu dinheiro exerce sobre ele. No que tange à definição de professor, Perlongher diz que este tipo de cliente, por vezes, nem é abastado a ponto de ser um *sugar daddy*, contudo, os prostitutas admiram seu verniz cultural e buscam adquiri-lo com a convivência junto a este perfil de cliente.

Paul teve por um tempo um *sugar daddy*:

Quatro anos antes, um cliente/*sugar daddy* me levou para Nova York para ficar em seu apartamento na 64ª rua com o Central Park West. Seu nome era Gregory. Eu nunca gostei da ideia de *sugar daddies*, porque eu tinha sido criado para não mentir. Se eu gostasse de alguém, eu definitivamente não esperava nem gostaria que eles me pagassem pelo meu tempo e se eu não quisesse, porque eles poderiam querer. Mas Gregory era diferente. Ele era gentil, generoso, extremamente brilhante e parecia não se importar com o poder/dinâmica econômica entre nós. Quem era eu para

⁹⁵ Behind this, propped upon the marbled, Formica counter, was a notice board covered in pictures of glamorous women, porn stars, and Polaroids of men (whom I guessed were previous prostitutes he'd hired), like mounted animal heads or trophies (SHAW, 2008, p. 60).

discutir? Conversamos e ele parecia genuinamente interessado em me ajudar. Gregory e eu nunca fizemos sexo (SHAW, 2008, p. 99. Tradução minha⁹⁶).

Aparentemente, a relação que Gregory tinha com Paul remete ao mesmo processo de educação supervisionada que os efebos recebiam de seus erastes, envolvendo apenas a real vontade de ver aquele jovem indivíduo crescer como cidadão e dar a ele as condições necessárias para uma vida futura tida como digna. Assim como na Roma Antiga, a ideia da paixão e do sexo não estava clara ou definida entre ambos. Por um bom tempo, assim como os efebos na Roma Antiga, Paul viveu ao lado de seu tutor e partilhou de eventos diários da vida do mesmo:

Por mais controlado que ele fosse, acho que por todas as suas “boas” intenções, algo aconteceria. Para mim, Gregory era generoso e gentil, e acho que ele chegou tão perto quanto ele teve de ser sincero sobre seus verdadeiros sentimentos. Eu poderia dizer que ele gostava de me dar presentes, e, sendo eu um pouco pobre, gostava de recebê-los. Nossos fins de semana foram gastos em compras ou passeios turísticos e à noite, comíamos nos descolados restaurantes de Manhattan ou íamos ao teatro (SHAW, 2008, p. 100-101. Tradução minha⁹⁷).

Com o passar do tempo, Paul percebeu que Gregory não se enxergava como gay, que o estilo de vida que o *sugar daddy* buscava tendia mais para o papel esperado de um homem heterossexual que gostaria de ter uma esposa e um filho, do que para uma pessoa disposta a viver afetivamente com outro homem. Neste interim, Gregory se declarou apaixonado por Paul, mas justificou a escolha de Paul em ser prostituto como o elemento crucial pelo qual ele não assumiria o romance com o protagonista.

Não é nada surpreendente que muitos clientes se enxerguem como heterossexuais, mesmo que estes estejam pagando por sexo com outros homens. Assim como Gregory, muitos mantêm suas relações homoafetivas em segredo, separando-as dos envolvimento emocionais que caracterizam as outras áreas de sua vida. Em diferentes palavras, clientes com este comportamento até consideram a hipótese de pagar um trabalhador sexual como se fosse

⁹⁶ Four years earlier, a punter/sugar-daddy flew me to New York to stay in his apartment on the 64th street and Central Park West. His name was Gregory. I'd never liked the idea of sugar daddies, because I'd been brought up not to lie. If I liked someone I wouldn't want and definitely not expect them to pay me for my time and if I didn't why would they possibly want to. But Gregory was different. He was kind, generous, extremely bright, and seemed to not mind the power/economic dynamic between us. Who was I to argue? We talked and he seemed genuinely interested in helping me. Gregory and I never had sex (SHAW, 2008, p. 99).

⁹⁷ As controlled as he could be, I guess for all his “good” intentions, someday something would have to give. To me, Gregory was only generous and kind, and I guess he got as near as he ever had to being honest about his true feelings. I could tell that he enjoyed giving me gifts and I being somewhat deprived enjoyed receiving them. Our weekends were spent shopping or sightseeing and in the evenings, we'd eat in smart Manhattan restaurants or go to the theatre (SHAW, 2008, p. 100-101).

um serviço prestado, mas dificilmente se permitiriam a liberdade de um relacionamento com um companheiro do mesmo sexo.

Ademais, no campo da prostituição viril, o dinheiro, além de impor uma distância simbólica entre os clientes e os prostitutas, também estabelece uma relação de poder, no qual o trabalhador sexual tende a ser objetificado. Não há, portanto, um relacionamento de desejo e prazer recíproco, mas, sim, uma relação instrumentalizada, entendendo, aqui, esta instrumentalização no sentido de que o papel do prostituto é de ser um corpo provedor de prazer para o cliente pagador.

No último capítulo, o narrador (que é o próprio Paul) conta seus dias finais de vida, no hospital, vítima de doenças decorrentes da sua condição de HIV positivo. O personagem faz uma série de retrospectivas de sua vida e um balanço sobre cada fato marcante que viveu. É esperado, neste ponto da narrativa, que Aiden, assim como os outros autores previamente estudados, optasse por uma posição positiva ou negativa sobre a prostituição. Todavia, o personagem Paul escolhe brilhantemente a opção de viver as múltiplas possibilidades que o corpo oferece ao indivíduo que está disposto a transgredir e obedecer somente às suas próprias regras:

Se eu pudesse viver minha vida novamente, eu seria um prostituto? Eu tomaria as drogas que eu tomei? Eu faria o tipo de sexo que fiz? Minha resposta para todas essas perguntas é não, mas isso é apenas se eu pudesse manter tudo que aprendi com eles. Caso contrário, eu passaria por tudo de novo (SHAW, 2008, p. 287. Tradução minha⁹⁸).

4.4 *O gosto do sexo sem rosto*

Até o presente momento deste estudo, as obras analisadas retratavam prostitutas que aceitavam sua forma de trabalho de uma maneira natural. A partir de então, fez-se necessário inserir, nesta tese, uma obra diferenciada, onde pudesse ser analisada a imagem do prostituto que adentra neste ramo contra a sua vontade, ou por não vislumbrar outra oportunidade de trabalho. Assim, trago para este subcapítulo *O gosto do sexo sem rosto* (2013), de Marlon de Albuquerque, com o intuito de refletir sobre a prostituição menos romantizada e mais próxima daquelas reportagens tristes que é possível ver em documentários, jornais ou revistas.

⁹⁸ If I could live my life again, would I be a prostitute? Would I take the drugs I did? Would I have the sex I had? My answer to all of these questions is no, but that's only if I was able to keep everything I'd learnt from them. Otherwise, I would go through everything again.

Assim como nasceu *Clube dos homens bonitos* (1996), através de uma investigação e coletânea de dados, *O gosto do sexo sem rosto* (2013) teve sua origem quando, depois de ter recebido algumas recusas de editoras para seu livro de poemas, Albuquerque resolveu se dedicar a uma pesquisa sobre a vida de garotos de programa da cidade de São Paulo e, durante as entrevistas, achou o personagem central de seu primeiro romance: Diego. A narração da obra ocorre em primeira pessoa, e é a recriação do diário secreto de Diego, um rapaz de 18 anos que acabara de chegar da Bahia e que, sem ter onde morar depois de brigar com o pai, resolve ligar para o telefone de um anúncio de jornal, marcar a visita, e, após uma entrevista detalhada, em que tem de se despir diante do gerente Eduardo, é aceito na casa de prostituição.⁹⁹ Além do histórico de vida deste adolescente baiano, o livro revela os bastidores da vida de vários garotos de programa.

Albuquerque parece não fazer qualquer tipo de camuflagem ou romantização para mostrar o mundo em que vivem os prostitutas menos favorecidos, seja pela carência da beleza clássica (mencionada no Capítulo 1) ou pela forma como trabalha (por intermédio de um cafetão¹⁰⁰). Albuquerque mostra a realidade da casa de prostituição chamada *Star Boys*, não pelo olhar do cliente, mas do prostituto que ali trabalha. Como a obra é construída como sendo o diário de Diego, tudo é contado sem máscaras: o rapaz descreve com riqueza de detalhes as relações sexuais que mantém com homens, mulheres, travestis, casais e até as orgias que os clientes exigem.

Contrariando as regras existentes em saunas, termas e prostíbulo, o personagem Diego se apaixona pelo seu primeiro cliente, Alexandre, um homem de um pouco mais de 40 anos. Geralmente, por entender a casa de prostituição como um local para se experimentar diversos prazeres, o cliente busca variar nas suas escolhas pelos prostitutas; no entanto, sempre que voltava à *Star Boys*, Alexandre escolhia Diego para passar algumas horas. O envolvimento do prostituto com o cliente cresce, a ponto de saírem juntos para jantares, passeios e shows musicais. Todavia, o romance entre Diego e Alexandre é também afetado por preconceitos, por não aceitação da homossexualidade, diferenças sociais, de idade e de experiência de vida.

⁹⁹ Aqui, tratarei o estabelecimento como casa de prostituição, pois o mesmo não se intitula como sauna ou termas, além de não possuir as características necessárias descritas no Capítulo 3 para ser reconhecido como tal. As saunas e as termas oferecem diversos outros serviços aos clientes que não sejam, necessariamente, o sexo, enquanto as casas de prostituição trabalham exclusivamente com apenas o programa sexual.

¹⁰⁰ Cafetão é o indivíduo que vive da prostituição. Ele pode fazer isto explorando prostitutas ou prostitutas ou se estabelecendo como dono de prostíbulo. O termo gigolô, por sua vez, designa o homem que vive às custas da meretriz ou que é sustentado pela amante, não cabendo, aqui, como a palavra mais apropriada para designar o personagem Eduardo.

O personagem Diego é um dos muitos brasileiros que habitam o Nordeste do Brasil, e tentam, através do êxodo rural,¹⁰¹ chegar a uma cidade grande como São Paulo e concretizar a realização de seus sonhos. Ele é a típica vítima dos agenciadores que, através de anúncios de classificados, pedem jovens bonitos, sem experiência, para trabalharem como acompanhantes, sem informar, evidentemente, que se trata de um trabalho de prostituição. Ao chegar à *Star Boys*, Diego é recebido pelo gerente Eduardo, que o entrevista e o coloca a par das regras do estabelecimento:

— Somos líderes na área de acompanhantes de luxo em São Paulo. Aqui só trabalham garotos e todos são obrigados a atender homens, mulheres, travestis e casais. Divulgamos nosso trabalho em jornais, revistas, os programas são feitos aqui mesmo em alguma de nossas suítes. A duração é de uma hora, podendo dobrar esse tempo quantas vezes o cliente desejar. O valor do programa é dividido metade para você e metade para a casa e o pagamento da semana só é recebido às segundas-feiras. Aqui você terá alimentação de primeira qualidade e viverá conosco nesta casa confortável. O uso de preservativo é obrigatório em todos os programas (ALBUQUERQUE, 2013, p. 20).

Basicamente, as normas que regem as casas de prostituição se equiparam com as vigentes nas saunas e termas, como visto na passagem anterior e explicado por Pereira e Santos (2016) no Capítulo 3 desta tese. Entretanto, o que as difere são basicamente as condições de trabalho a que são submetidos os prostitutas. Enquanto nas saunas e termas não há a necessidade de uma permanência (moradia) ou uma variação de gêneros de clientes (homem, mulher, travestis) para o sexo, nas casas de prostituição os trabalhadores sexuais necessitam morar no local (por não terem moradia própria ou porque seus documentos ficam retidos com o gerente do estabelecimento), e a rotatividade dos perfis de clientes é ampla, de modo a gerar renda intensa, não sendo permitida, assim, a recusa de qualquer tipo de cliente. Em comparação com as saunas e termas, as casas de prostituição se mostraram como locais que exploram indevidamente seus prostitutas no intuito de obter o máximo de lucro através do trabalho deles.

O fator da clandestinidade deste tipo de estabelecimento é prezado tanto pelas saunas quanto pelas casas de prostituição: “É que sem placa nossos clientes ficam mais à vontade para nos procurar. Assim, ao entrarem aqui, para todos os efeitos, estão entrando em uma casa qualquer” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 33), diz o prostituto Tonny a Diego, respondendo à sua pergunta sobre a ausência de placas anunciando e divulgando o local. A clandestinidade

¹⁰¹ Êxodo rural é o termo pelo qual se designa a migração do campo por seus habitantes, que, em busca de melhores condições de vida, se transferem de regiões consideradas de menos condições de sustentabilidade a outras, podendo ocorrer de áreas rurais para centros urbanos.

destes locais garante não somente a distância do incômodo da polícia e de outros agentes oficiais, mas também permite a invisibilidade dos clientes que adentram nestes estabelecimentos. Desta forma, as casas de prostituição se tornam o que Michel Foucault (2001) denominou de “outros espaços”, em contraste com o “espaço do mesmo”, exemplificado por espaços públicos ou privados, como shopping centers, parques de diversão, escolas, clubes, entre outros.

Para Foucault, estes outros espaços são locais para onde são dirigidos os indivíduos que produzem comportamentos desviantes através de seus corpos abjetos e atitudes desafiadoras à normatividade vigente. Se por um lado as casas de prostituição são vistas como outros espaços para afastar os seres desviantes dos olhos da sociedade, por outro é importante salientar que a existência delas só ocorre porque há uma demanda por tais locais pelos indivíduos tidos como normativos. Ao andar pela Avenida Paulista, Diego admirou-se com o luxo do local, com a sensação de liberdade de andar naquela rua, com as pessoas bem vestidas e todas com aparência de ter a vida bem estruturada. Neste momento, Diego reflete sobre sua realidade enquanto prostituto:

A minha vontade mesmo era de não voltar nunca mais para o privê.¹⁰² Ser livre, ser pessoa, ter uma vida de verdade. Houve um momento em que eu me senti reduzido, perto de tantas pessoas ricas e poderosas. Logo pensei: “as pessoas em São Paulo fazem piadas e comentários sobre os baianos sempre no sentido pejorativo, mas pagam muito bem para transar comigo, um baiano que passou a vida inteira comendo feijão com farinha, e como sobremesa só conheceu goiabada” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 80).

Desta forma, é possível inferir que a existência destes chamados outros espaços é, na verdade, desdobramento dos espaços do mesmo, para que comporte, de maneira invisível, o que é considerado abjeto e não aceito socialmente. É nestes espaços que, para Foucault, estão contidos os conflitos e tensões que se exercem pelas relações de poder de uma determinada sociedade. É também possível notar no discurso de Diego a revolta por ser obrigado a habitar o outro espaço por opressão da sociedade, resultando, assim, em sua angústia em ter que retornar para o privê e a vontade de sair da prostituição.

Diferente das outras três obras literárias analisadas no Capítulo 4, *O gosto do sexo sem rosto* (2013) retrata como as questões sociais e econômicas podem levar o indivíduo a atuar como prostituto. Seja por problemas econômicos ou instabilidade familiar, o indivíduo relegado ao chamado outro espaço pode desenvolver uma baixa autoestima e a sensação de

¹⁰² A palavra privê é outra forma de se referir a uma casa de prostituição.

culpabilidade, buscando desculpas para justificar a situação que vive e aceitá-la de forma passiva:

“Como em menos de vinte e quatro horas, minha vida pode mudar tanto? Tem horas que só Deus é a resposta, mas Ele não está aqui agora. Ah, mas poderia ser pior! Ainda bem que eu não estou na rua, acho até que devo agradecer a Deus por estar aqui e por estar vivo. Os moradores de rua recebem das pessoas a pior coisa que podem oferecer: o descaso”, pensei (ALBUQUERQUE, 2013, p. 47).

Perlongher (2008) explica que esta estratégia de sobrevivência, ao optar pela prostituição, implica certa micropolítica, expressa em enunciados discursivos (desculpas, por exemplo) que legitimam e justificam a prática. Desta forma, os próprios trabalhadores sexuais constroem uma interpretação social de sua atividade, que configuram como uma situação criada à qual se percebem atraídos como alternativa ímpar à pobreza, delinquência, questões familiares e necessidades outras.

Dorais (1954) alertou para os níveis de perigo da fraqueza psicológica, a qual alguns prostitutas desenvolvem quando são alocados nos chamados outros espaços. Os acompanhantes de luxo conseguem manter uma elevada autoestima, pois disfrutam de uma clientela seleta e gozam de uma liberdade maior, racionalizando, assim, o trabalho sexual como uma ferramenta para o avanço da vida.

Os *gays for pay* encaram a prostituição como um meio de superar problemas financeiros temporários e outras dificuldades. Em contrapartida, os *escort boys* ou michês geralmente percebem a si mesmos como prisioneiros deste estilo de vida e, segundo Dorais, apresentam altos e baixos, experimentando depressão e indução ao suicídio. O caso se torna mais grave quando, além da sensação de pertencer à margem da sociedade, o prostituto busca a solução nas drogas e bebidas alcoólicas, culminando em um estado de dependência química/alcoólica ou de suicídio:

A partir daí falamos sobre muitas coisas legais e acabei chorando. O Tonny se aproximou e me abraçou, e sem dizer nada parecia me entender; éramos todos muito diferentes, mas sentíamos a mesma dor. A dor de sermos vistos como marginais porque éramos prostitutas, a dor de estarmos à margem da sociedade, do amor e de mais um monte de coisas, que só pode ter ideia quem vive a situação (ALBUQUERQUE, 2013, p. 101).

É neste ponto que observo a narrativa mostrar o corpo do prostituto marginalizado como apenas um produto a ser consumido pelo outro (aquele que não está à margem) e, ao prostituto ser dado apenas o direito de ser (e não possuir) um corpo explorado. Nesta perspectiva, o corpo do personagem Diego é, ao longo da história, moldado segundo as

exigências dos clientes e do cafetão: “Você não tem barriga definida e já não é muito bonito, tenta melhorar um pouco, pois sua permanência aqui depende dos resultados que você produzir para nossa casa privê” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 31).

Ortega (2008) diz que a aparência corporal responde a uma ação do indivíduo relacionada com a maneira de se apresentar e de se representar, e, dentro disto, ele informa sobre dois campos: “O primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. Elas são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos da moda” (ORTEGA, 2008). Já o segundo diz respeito às características físicas do indivíduo, tais como altura, peso, cor dos olhos, musculatura abdominal definida, entre outras qualidades estéticas. São estas as particularidades da aparência, que podem facilmente se transmutar em vários indícios, ordenados com o intuito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado numa categoria moral ou social particular.

Na medida em que Eduardo se expunha à avaliação dos clientes, esta prática de aparência se transformava em um engajamento social, em uma difusão de informações sobre ele, compondo o novo corpo ao gosto dos clientes e dentro de um perfil esperado para um prostituto. Nesta mesma casa de prostituição, um dos rapazes que lá trabalhava vinha dando prejuízo ao estabelecimento, não por indisciplina, mas por simplesmente não possuir as qualidades mínimas que se esperava de um prostituto no que tange à questão corporal: “O Eduardo me chamou e disse que o Maurício não fazia programa por duas razões: ele é feio e magro demais. Os clientes gostam de garotos com muita perna, bunda e pau. Disse que só deixou que ele ficasse na casa por pena [...]” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 58). Desta forma, mesmo que Maurício dispusesse de vontade para o trabalho, vigor sexual para atender diversos clientes, este não conseguiria alcançar a meta de programas estipulada pela casa de prostituição porque seu corpo não se enquadrava na expectativa do olhar do cliente.

Diego entendeu este jogo de aparência e corporeidade e começou a treinar capoeira para tonificar os músculos e poder ter mais clientes, embora não gostasse de trabalhar como prostituto. Em contrapartida, resolveu com o primeiro salário que recebeu mudar seu guarda roupa. Comprou roupas mais sociais, modernas, bem cortadas, retirando dele aquele semblante de rapaz novo e de alguém de baixo estrato social: “No final da tarde tomei um banho demorado, escolhi uma das roupas novas que havia comprado e me senti o homem mais lindo do planeta. Os meus consumidores eram muito elegantes, e eu estava feliz com a ideia de ficar elegante também” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 87-88). Diego parecia estar

preparado para receber qualquer desconhecido mais bem vestido que aparecesse, entretanto, apesar de se apresentar para vários clientes, ninguém quis os seus serviços.

Os dias se seguiam e eu continuava sendo rejeitado pelos clientes, eu não conseguia entender a razão. Todos achavam natural e diziam que isso acontecia com todos. Isso não me bastava, e eu também não podia ficar esperando por dias melhores, eu precisava de dinheiro. Para piorar tudo, o Eduardo estava me cobrando os mesmos resultados de antes (ALBUQUERQUE, 2013, p. 89-90).

Ao refletir sobre o motivo da recusa dos clientes, Diego percebeu que a culpa vinha da sua tentativa de tentar aparentar ter o mesmo nível social da clientela. As roupas, sapatos, perfumes o tornaram tão elegante quanto os seus clientes. Resolveu então voltar a vestir as roupas amassadas, desalinhadas, desbotadas, e que custaram pouco dinheiro. A resposta foi rápida: no primeiro dia ele foi escolhido por seis clientes. É relativamente fácil entender o que aconteceu com Diego, se voltarmos aos conceitos de Foucault sobre o outro espaço e o espaço do mesmo apresentados no início deste subcapítulo.

As casas de prostituição funcionam como o outro espaço, é nelas que os agentes que habitam o mesmo espaço recorrem quando estão dispostos a transgredir as regras sociais vigentes, pois elas oferecem a possibilidade de anonimato que preserva o que os clientes costumam chamar de integridade moral. Uma vez que Diego tentou se vestir como um indivíduo elegante do mesmo espaço, os que buscavam a satisfação de seus desejos na figura do outro (neste caso, a figura do prostituto de baixa escala social) não encontravam nele um corpo capaz para tal ato, já que, agora, ele se apresentava como igual.

Quando Diego entendeu este mecanismo de troca e poder, ele voltou a ter seus clientes e chegou a afirmar sobre o desejo do cliente após um programa: “Ele só queria um corpo, e era justamente isso que eu tentava ser. Gozamos muito, ele parecia infinitamente satisfeito” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 95) A relação do cliente com o prostituto está, entre outras questões, baseada na premissa de que o prostituto é um outro, e não um espelho do próprio cliente, e a interação sexual entre eles só se dará porque é justamente esta alteridade entre os dois que vai provocar o desejo sexual.

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, segundo afirma Goellner (2016). Assim sendo, é possível entender o corpo como mutável e vulnerável a inúmeras intervenções científico-tecnológicas de cada cultura, bem como a suas leis, seus códigos morais e outros fatores que geram um corpo discursivo. Observei em *O gosto do sexo sem rosto* (2013) que os corpos dos prostitutas são amplamente inscritos pelos desejos dos clientes e pelo o que está

vigente no mercado sexual, fazendo-os permanentemente submetidos ao desejo do outro. O personagem Diego demonstrou aptidão na linguagem corporal e, a partir daí, utilizou técnicas onde poupava seu fôlego sexual para que pudesse atender mais clientes durante a noite e, ao mesmo tempo, não passar grande parte do programa no ato sexual em si:

Depois do beijo, lambi o corpo dele inteiro, isso é ótimo para desarmar qualquer pessoa, homem ou mulher. Depois de um banho de língua molhada e quente tudo fica fácil, e depois do terceiro gemido, somos totalmente donos da pessoa no sentido de direcionar a transa para onde quisermos (ALBUQUERQUE, 2013, p. 59).

Para os pesquisadores Pease (2005), a linguagem corporal não pode ser simulada, devido à falta de coerência que tende a ocorrer entre os gestos principais, os micros sinais do corpo e o discurso oral. “Há, no entanto, alguns casos em que a linguagem corporal é deliberadamente simulada para a obtenção de benefícios” (PEASE, 2005, p. 31). É o caso dos prostitutas cujos anos na profissão fazem com que atinjam um cuidado especial com a movimentação corporal e, desta forma, causem impressão de simpatia e sinceridade em uma relação de serviço:

Já haviam se passado quase dois meses da minha chegada e eu já sabia como começava e como terminava um programa. Aprendíamos com o tempo a lidar com os clientes e como manipular o programa fazendo com que o tempo nos braços do cliente chato fosse o menor possível; sabia também reconhecer os dias em que eu acordava com o corpo pedindo sexo e, apesar de não admitir isso, nesses dias eu aproveitava e caía nos braços dos meus consumidores gemendo, mordendo, gozando como um cavalo. Admitir isso me fez entender que o corpo, muitas vezes, manipula a nossa essência [...] (ALBUQUERQUE, 2013, p. 106).

Prostitutas mais experientes conseguem simular a linguagem corporal durante certo período, pois, após um tempo, o corpo começa a mostrar sinais contraditórios (sendo a impotência sexual o sinal mais temido por eles) que ocorrem independentemente das ações conscientes. Embora seja difícil simular a linguagem corporal durante um longo período, os prostitutas julgam e demonstram que é importante aprender a usá-la de forma positiva para se comunicar e se relacionar com os clientes na cama, eliminando, assim, sinais considerados negativos que possam transmitir mensagens indesejadas.

Ressalto que, se o prostituto faz uso da linguagem corporal para exercer sua relação de poder com o cliente, este também o faz com o prostituto. Observo, assim, que, para o prostituto, a capacidade de ler os sinais da linguagem do corpo não apenas faz dele uma pessoa mais consciente e atenta para as tentativas de dominação e manipulação por parte das outras pessoas, como também lhe ensina a ser mais sensível com os desejos e anseios alheios.

Ao decodificar e ler a necessidade do outro, Diego obtinha cada dia mais clientes em relação a seus colegas de trabalho: “Enquanto eles [os outros prostitutas] tentavam descobrir todos os dias uma maneira diferente de transar, eu entrava no quarto e tentava descobrir a necessidade do cliente e a partir daí eu dizia e fazia o que eles buscavam” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 107).

Ao longo do tempo e nas mais diversas culturas, o corpo tem sido pensado, moldado, investido e produzido de múltiplas formas. Por isso mesmo, é possível notar que vários campos do conhecimento têm tomado para si, por meio de seus especialistas no assunto, a tarefa de pensar o corpo, descrevê-lo, conceitua-lo, dar-lhe um sentido, prover regras que o normatize. Neste processo de montagem e desmontagem, o corpo é demarcado através das expectativas que se colocam sobre ele, atribuindo-lhe maior ou menor *status*, especialmente quando se trata de defini-lo e situá-lo em função do sexo.

A questão do sexo está, em parte, ligada à questão da identidade pela qual o indivíduo se reconhece. Sendo assim, o prostituto em início de carreira que precisa ter relação sexual com todos os tipos de clientes (homem, mulher, travestis) pode entrar em um processo de questionamento sobre seus desejos sexuais e sua orientação sexual previamente acreditada. Quando Diego chegou à *Star Boys*, ele possuía um entendimento rígido sobre sua sexualidade:

“— Cara, vou falar a verdade, não sou *gay*, sou heterossexual, estou aqui por necessidade, ou melhor, por desespero: acho que esta é a palavra certa” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 27).

No livro *Crônicas de um gay assumido* (2003), Luiz Mott, descreve as categorias nas quais ele percebe que os prostitutas se inserem mediante o entendimento que possuem da sua sexualidade. Para Mott (2003), há pelo menos três tipos de prostitutas: o primeiro, que se considera como o macho ativo, com gestualidade tida como masculina. Estes não beijam, não tocam o órgão genital dos clientes, só atuam como sexualmente ativos e permitem receber sexo oral. Eventualmente, eles fazem sexo oral anal no cliente, pois acreditam que a área anal é uma zona erógena desassociada da sexualidade do indivíduo. “Estes michês do primeiro tipo têm como questão de honra não expressar nenhuma ternura ou amor pelo parceiro homossexual: reagem às vezes agressivamente, ao serem identificados como gays (MOTT, 2003, p. 100).

Com seu primeiro cliente (Alexandre), Diego demonstrou desinteresse em fazer o programa, mas negociou com ele para realizar apenas as preliminares; o cliente insistiu ao final em dar um beijo em Diego, que a muito contragosto permitiu. Quando terminou o

programa, Diego estava confuso com o que tinha acabado de fazer: “Eu fiquei por uns dois minutos andando de um lado para o outro do quarto; logo sentei na ponta da cama e pensei: ‘Meu Deus, beijei um homem!’” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 40).

O segundo grupo de prostitutas se caracteriza como menos reprimido; todavia, apresenta-se em público com o estereótipo de macho predador, “malhadões com músculos hercúleos e aparência esportiva, mas com tabela de preços mais altos para ‘serviços completos’” (MOTT, 2003, p. 100), entendendo como serviço completo os atos de beijar na boca, dar e receber sexo oral e atuar como versátil. Ainda com resistência em fazer programas com homens, Diego é aconselhado por um prostituto mais velho que trabalhava na casa e focava somente no aspecto financeiro para que pudesse obter o desempenho esperado durante um programa: “— Fale de você, de suas técnicas na cama, seja objetivo; se o cliente gostar de você, ele paga, transa e vai embora, e você verá que não dói nada” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 35).

Por fim, Luiz Mott (2003) enuncia a existência de um terceiro grupo, que possui uma orientação sexual predominantemente homoerótica em processo de homossexualização. Em uma primeira visão, o terceiro grupo parece ser o mais livre de todos e possuir uma certeza plena sobre a sua sexualidade, entretanto, Mott diz que:

São aqueles que embora sejam 100% homossexuais no íntimo, introjetaram a homofobia dominante em nossa sociedade heterossexista: têm medo e repulsa em assumir o próprio homoerotismo, daí começam a exercê-lo apenas como “profissionais”, escorando-se na desculpa de que estão transando apenas por grana, temerosos de assumir o tesão pelo mesmo sexo (MOTT, 2003, p. 100-101).

Ao se apaixonar pelo cliente Alexandre, Diego passou a sofrer não mais com o trabalho como prostituto, mas, sim, em ter que encarar seu real desejo homoafetivo e a possibilidade de se descobrir como homossexual: “Mas meu tormento maior era saber que eu estava apaixonado, enlouquecido, encantado, ou coisa que o valha por outro homem. Isso era muito claro, e eu sempre consegui negar e driblar os meus desejos homossexuais” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 114). Através desta intercessão entre o pensamento de Mott e as passagens da obra, percebi que Diego possuía um pouco de cada uma destas categorias citadas acima. Na verdade, penso que o protagonista transitou por todas elas para tentar chegar à possível identidade sexual que tanto buscava: “— Estou abandonando a condição de heterossexual, de *gay*, de *michê* para ser apenas pessoa” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 256).

Quando se trata de categorizar o personagem prostituto dentro de uma identidade sexual fixa, a questão se torna particularmente delicada. Expresso esta opinião através da

palavra delicada, pois observei, nas obras aqui analisadas, que não se trata somente de se rotular como heterossexual, homossexual ou bissexual.

O prostituto precisa lidar com a própria busca pela identidade sexual, ao mesmo tempo em que precisa atender à identidade sexual demandada pelo cliente e, por fim, carregar o estigma da identidade gerada pelos colegas de trabalho, vizinhos e outras pessoas que o cercam. Este processo pode gerar uma crise de identidade, pois, para um jovem prostituto como Diego, a escolha é emocionalmente a de conservar uma identidade convencional de si mesmo (heterossexual) ou aceitar a identidade homossexual com todos os reveses que isto acarreta em uma sociedade hostil como a que vivemos.

Os perigos de se trabalhar com a noção de identidade no campo da prostituição masculina não se resumem apenas ao campo do teórico, mas, como exposto no parágrafo anterior, o campo do que é experienciado pelo prostituto deve ser levado em conta. O trabalhador sexual se encontra no paradoxo por se caracterizar, muitas vezes, como heterossexual, mesmo sendo sua prática na instância da prostituição verdadeiramente homossexual. É esperado, em um segundo momento, que o prostituto possa, eventualmente, em troca de uma quantia financeira maior, mudar de posição no ato da relação sexual. Assim, é imposto ao indivíduo que deixe de ser ele mesmo para que seja a fantasia ou o desejo concretizado do cliente, esmagando-o sob o imperativo da sujeição a uma coerência preestabelecida.

Sobre a difícil possibilidade de o prostituto se entender como homossexual, heterossexual ou bissexual (no caso de Diego, homossexual), Dorais (1954) traz o exemplo dos *strippers* que trabalham com a imagem do hiper-masculino, que empregam para seduzir os clientes, mas que a contrapartida é a mesma força que os impede de se assumirem como homossexuais e prostitutas.

Eles tendem a dizer que ser ou passar por heterossexuais (ou talvez bissexuais) excita alguns clientes que vislumbram a possibilidade de violar ainda outro tabu — introduzir um jovem heterossexual na paixão homossexual. O objetivo de alguns clientes não parece ser apenas este: querem possuir (ou ter a impressão de possuírem) o jovem idealizado, inacessível, viril e heterossexual de suas fantasias (DORAIS, 1954, pp. 31-32.¹⁰³ Tradução minha).

¹⁰³ They tend to say that their being or passing for heterosexual (or perhaps bisexual) excites some clients who glimpse the possibility of violating yet another taboo — introducing a young heterosexual to homosexual passion. Some clients' goal does appear to be just that: to possess (or have the impression of possessing) the idealized, inaccessible, virile, heterosexual young man of their fantasies (DORAIS, 1954, p 31-32).

Finalmente, a partir do exposto por Dorais, é possível entender que o intercâmbio que ocorre na construção imagética da prostituição viril não se limita apenas à do sexo por dinheiro, mas também em uma troca simbólica que, muito mais intensa para o cliente, pressupõe uma coletânea de elementos de fantasias, como a beleza do corpo, o poder envolvido, a juventude e o jogo da sedução. Sem estes elementos, provavelmente a atração sexual ou excitação provocada pelo prostituto seguramente não aconteceria.

As fantasias e os cenários eróticos dos clientes, os papéis sócio-sexuais nos quais eles agem ou exigem, estão entre os aspectos menos conhecidos, ainda mais decisivos para a prostituição masculina. Talvez tenha sido demais para Diego tentar entender todas estas vertentes e sinuosas caminhadas que um prostituto precisa vivenciar para se tornar um trabalhador sexual de alto prestígio. Apresentando-se ainda como um personagem romântico, no sentido de acreditar que tudo vai dar certo, Diego conclui a narrativa confuso em relação à experiência vivida, embora tenha se descoberto homossexual.

Diferente de Paul em *Brutal* (2008), Diego não consegue processar se tudo que viveu na *Star Boys* e o romance com o cliente Alexandre foram experiências de valor, e decretou, assim, seu fim de jornada de trabalho como prostituto: “Se em algum momento alguém me perguntar se valeu a pena eu não saberei responder, essa pergunta ficará sem resposta para sempre. Essa resposta não sabe nascer” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 263).

CONCLUSÃO

O intuito de traçar uma breve genealogia da prostituição masculina durante o início desta tese encontrou dificuldades em fatores até então desconhecidos por mim sobre o assunto: a falta de registros documentais e as lacunas cronológicas da história da prostituição viril presentes nos poucos registros que existem.

No mercado nacional, há uma carência muito expressiva de obras acadêmicas que discutam ou abordem o tema prostituição masculina, principalmente as que articulam a pesquisa com a literatura. As poucas que se tem acesso, não se aprofundam no assunto ou retratam apenas de estudos de casos. Sendo considerada como pesquisa referencial no Brasil, *O negócio do michê*, de Nestor Perlongher (cuja primeira edição foi em 1987), é, desde então, a única obra icônica sobre o assunto já feita no País. Fez-se necessário buscar fontes bibliográficas em produções acadêmicas estrangeiras. Nas produções do exterior, a oferta de obras sobre o tema é bem maior, todavia, elas esbarram no aspecto do alto valor para importação dos livros, no tempo de entrega e na impossibilidade de frete para o Brasil.

Do ponto de vista histórico, sobre o início da prostituição masculina, percebi que os registros obtidos no assunto eram escassos. As obras encontradas apresentavam informações documentais esparsas sobre o início desta forma de trabalho, tanto na Roma Antiga quanto na Grécia Antiga. Concluí que a melhor alternativa para escrever o Capítulo 1 seria intercalando os fatos documentais existentes sobre Roma e Grécia; desta maneira, pude notar a possibilidade de interligação entre a prostituição nestes dois locais. A intercessão entre as fontes documentais das duas localidades resultou em um denominador comum que se apresentava como um dos componentes mais proeminentes na prostituição masculina: a linguagem corporal.

Engana-se quem acredita que o fato de ter um corpo escultural é o bastante para seguir o ramo da prostituição masculina. Percebi, na pesquisa feita para o Capítulo 1, que, para atuar em tal área, o indivíduo necessitava adquirir e usar a linguagem corporal como ferramenta de captação de clientes, forma de sobrevivência e posicionamento hierárquico entre os outros do ramo. Entender o papel que o corpo desempenhava no trabalho sexual foi primordial para traçar uma leitura mais apurada e contemporânea da figura do prostituto nas ruas.

É normal vincular a comunicação à fala e à escrita, todavia, a gestualidade corporal é uma das formas de comunicação pouco notadas e que tem muita importância para o prostituto. Pude perceber, no Capítulo 1, que grande parte da negociação entre o prostituto e o cliente se

dá, em sua maioria, pela comunicação não-verbal através do corpo: cinésica, proxêmica, paralinguagem, tacêsica e características físicas. Sendo possível a exemplificação destas características, como forma de ilustrar a conclusão obtida sobre o Capítulo 1. O quadro abaixo utiliza passagens da obra *As aventuras de um garoto de programa* (1998), de Phil Andros, para exibir exemplos de cada uma destas características.

Quadro 3 — Passagens da obra *As aventuras de um garoto de programa* (1998), de Phil Andros, e a comunicação não-verbal

Características	Como operam	Exemplo na narrativa
Cinésica	Linguagem corporal, gestos, expressões faciais	“Ele colocou um braço para fora da janela. Eu cheguei mais perto e apertei o seu quadril firme. Ele me deu uma olhada. — Vamos ver como isso funciona na cama — eu disse” (ANDROS, 1998, p. 62).
Proxêmica	Uso e organização do espaço físico e pessoal de indivíduos em um meio social	“Eu fiquei olhando o jogo entre suas pernas. Keith deu um passo para trás quando Andy se virou e então avançou um pouco com uma perna de modo a se encaixar exatamente entre as pernas abertas de Andy, bem no ponto central” (ANDROS, 1998, p. 101).
Paralinguagem	Modificações das características sonoras da voz	“Tudo, desde a biblioteca, com sua porta acolchoada cor-de-canela, ao tapete extenso como grama africana, sussurrava ‘dinheiro’, numa voz bem-modulada e controlada” (ANDROS, 1998, p. 114).
Tacêsica	Linguagem do toque	“O toque do lençol de cetim nos pelos de minha perna era bom, e a minha bunda se movia prazerosamente sobre o suave tecido esticado sob o meu corpo” (ANDROS, 1998, p. 116).
Características físicas	Forma e aparência do corpo	“Ele não era feio, mais de um metro e oitenta, bem fortão por trabalhar na equipe da estrada e tão bronzeado no tronco que parecia um negro — um negro loiro” (ANDROS, 1998, p. 109).

Fonte: Bruno Vieira, 2017.

O estudo da linguagem corporal dos prostitutas apresentado no Capítulo 1 serviu para depreender que, através dos gestos, expressões e posições corporais, é gerado um entendimento dos significados psicológicos destas movimentações corporais. Inferindo que, para o trabalhador sexual, o domínio da linguagem corporal ajuda no arbítrio das próprias expressões e gestos, que traduzem o discurso não-verbal emanado por aquele corpo.

O Capítulo 2 buscou identificar e categorizar os prostitutas da maneira que eu os observei e entendi na contemporaneidade. Pensar em encaixar os trabalhadores em categorias fixas não é a mais adequada e segura das formas para estudá-los; assim, desde o segundo capítulo, deixei claro que os prostitutas poderiam flutuar por estas categorias e separações presentes na pirâmide (ver Capítulo 2) mediante sua vivência/experiência no ramo. Constatei que diversos estudiosos no assunto buscaram criar categorias para inserir os variados tipos de prostitutas, no intuito de estruturar as suas pesquisas, entretanto, todas estas categorias acabam sofrendo alterações quando deslocadas de um contexto social para outro (exemplo, de país para outro). Atentei-me, basicamente, a quatro tipos: os acompanhantes de luxo, os garotos de programa/*escort boys*, os *gays for pay* e os michês. Como o fato em comum que todos eles possuíam era a prática da prostituição, optei, ao longo desta tese, por usar o termo prostituto para me referir a qualquer indivíduo que estivesse alocado em qualquer categoria da pirâmide (ver Capítulo 2).

Cada um destes grupos apresentou uma vivência diferente da prostituição, enquanto uns usufruíam de um confortável estilo de vida, outros se arriscavam nas ruas perigosas para ter o que comer e/ou para sustentar o seu consumo de drogas. Os diferentes comportamentos também serviram para perceber que os próprios prostitutas preferem se auto rotular, ao invés de receberem o rótulo designado por outros. Assim, foi notório que os termos que foram usados para a categorização neste estudo também podem funcionar como adjetivos de escárnio ou desprezo entre os prostitutas. Quando um acompanhante de luxo é chamado de garoto de programa ou michê, ele reage com semblante de aversão, pois, para ele, ser michê carrega uma série de outras convicções que o menosprezaria e o colocaria cada vez mais à margem, dentro de um campo de trabalho que já é tido como marginalizado.

Embora alguns homens pareçam apresentar uma conexão inegável com a prostituição, não há regras fixas para que um indivíduo se torne prostituto. No Capítulo 2, percebe-se que eles escolheram esta profissão, mas tal escolha não foi feita por apenas um motivo (falta de dinheiro, abandono de família, vontade própria, entre outros), mas, sim, por uma gama de fatores que os condicionou a se tornarem um prostituto. Assim, concluo que a escolha em ser

prostituto foi deles, mas devo também entender que esta foi uma escolha relativa, pois foi baseada em uma série de fatores, problemas e necessidades que os encaminharam para este ramo. O respeito pela decisão e escolha tomada por estes rapazes se tornou mais compreensível para mim a partir do momento em que entendi que, antes da prostituição se tornar um problema para a sociedade, principalmente por causa dos agentes reguladores da moral e das regras normativas e dos clientes que buscam o anonimato, o ato de se prostituir para garantir a sobrevivência era percebido por estes trabalhadores como uma solução ou, pelo menos, como um mal menor.

Em *Closer* (1989), os prostitutas raramente questionavam sua forma de ganhar dinheiro, e tinham a consciência de que o corpo era mais uma ferramenta a ser utilizada na forma de obter dinheiro. Em *Clube dos homens bonitos* (1996), o prostituto pensava neste trabalho não como uma renda fixa ou caminho a seguir seguido, mas como uma alternativa momentânea para obter o dinheiro necessário para sobreviver. Enquanto isto, *Brutal uncut* (1996) apresenta um personagem que, desde o início, escolheu trabalhar como prostituto, e não vislumbra a possibilidade de sair deste ramo. Nas narrativas citadas, todos os prostitutas vistos, cada um de certa maneira, pareceram confortáveis com a escolha feita, e, ao final das narrativas, não apresentaram arrependimento ou qualquer juízo de valor moral por continuarem a ser prostitutas. Com exceção do personagem Diego, na obra *O gosto do sexo sem rosto* (2013), que não pareceu saber definir o quanto esta experiência pode tê-lo afetado efetivamente.

O presente estudo me possibilitou também a oportunidade de investigar e comparar, em determinados momentos, o que pude observar no campo da vida real, em contraposição com o que foi apresentado nas obras literárias escolhidas para compor esta tese. Nesta comparação, três aspectos emergiram como prioridade para esta conclusão: o corpo do prostituto e o do cliente, o jogo do prazer e, por fim, os locais da prostituição.

As obras analisadas mostraram que, vivendo em uma sociedade normativa, não foi difícil deduzir que o prostituto seria eleito como um corpo abjeto. Embora este corpo possa carregar qualidades esperadas pelos clientes, tais como a beleza, a harmonia dos traços faciais e a virilidade, estar inserido no ramo do trabalho sexual automaticamente projeta o corpo do prostituto para o chamado outros espaços. Em contrapartida, o corpo do cliente que habita os espaços do mesmo é considerado como um elemento normativo, e nem sempre está sujeito às imposições dos prostitutas e de seus desejos. Quando menciono, aqui, o aspecto sobre a imposição de desejos, recordo sobre a impossibilidade que os personagens prostitutas das

obras literárias tinham em recusar os clientes por estes não possuírem uma aparência física que os agradasse.

Com o avanço dos dermocosméticos, procedimentos de medicina estética de fácil acesso e uma massificação do culto ao corpo, o prostituto consegue moldar seu corpo a ponto de remeter à beleza das antigas estátuas greco-romanas. Com isto, a validação dada a estes corpos, que nas obras literárias foram, em sua maioria, vistos como abjetos, faz com que o prostituto possa solicitar um preço maior nos programas. É interessante observar o quanto o prostituto consegue, através de seu corpo, subverter a posição de ser explorado pela posição de quem o explora. Uma vez que nem todos os clientes são capazes de possuir um corpo próximo ao exigido pelo ideal de beleza, estes precisam se submeter à vontade (armadilhas, truques, manipulações, jogos de sedução) dos prostitutas, para que tenham seu prazeres realizados.

A temática da abjeção funcionando como intermediadora entre a observação no campo real e a do campo ficcional, permitiu uma constatação curiosa: o que acreditava no começo da pesquisa de que o corpo do prostituto nas obras literárias estudadas era algo abjeto, transformou-se em inverso. Constatei que na nossa sociedade, o corpo do prostituto é abjeto, pois a ele é relegado as ruas, os locais ermos, a clandestinidade, pois a prática de trabalho na qual ele se insere não é considerada socialmente digna ou aceita. Já nas obras literárias, o corpo do prostituto tido como abjeto tem esse papel invertido e, através de seu discurso de poder corporal, transfere a abjeção para o corpo do cliente. Percebi que isso foi capaz, pois nos romances estudados os profissionais do sexo estão confortáveis com suas escolhas.

Assim, enquanto em nossa sociedade colocamos os prostitutas como corpos abjetos, o que é muito conveniente para alguns que utilizam esse serviço anonimamente, na literatura, os autores pesquisados viram esse jogo e depositam o título de corpo abjeto no cliente pois o fato de precisar pagar para obter prazer já o coloca em uma posição de inferioridade em relação ao prostituto. A noção do senso comum do dito popular “pagou, mandou”, na literatura é desmantelada e o prostituto tem a noção dessa necessidade erótica do cliente e, a partir dela, manipula-o invertendo a posição mestre x submisso. A literatura mostra o corpo do prostituto como algo desejado, admirado e perfeito, enquanto o do cliente está em desvantagem, pois apresenta traços que o colocariam no campo da abjeção, tais como: nível adiposo, idade, deficiência física, vigor sexual alto ou baixo, nível de beleza.

Constatei também que a abjeção que o cliente ganha, nada mais é do que um fruto germinado por ele mesmo. A partir do momento que o cliente exige que os prostitutas tenham

um padrão de beleza e comportamento, todos se tornam iguais, então, quem é realocado para a categoria do diferente, do estranho, do abjeto é o próprio cliente, que em pouquíssimas vezes consegue ser ou ter o corpo desejável igual ao do prostituto.

As obras estudadas apresentavam perfis de prostitutas que buscavam sempre um aprimoramento na técnica de manipular o cliente. Embora em obras como *O gosto do sexo sem rosto* (2013), o personagem Diego tenha sofrido com sua submissão nos primeiros programas, ao longo da narrativa, este foi capaz de mudar a situação e desenvolver o potencial de domínio sobre a relação entre prostituto e cliente. Entendi que, nas obras, os prostitutas buscavam ter o controle de todo o jogo presente na prostituição, o que envolvia os seguintes estágios: negociação, relação e finalização, sendo o dinheiro o produto final em todas elas. Os clientes dos trabalhadores sexuais nas obras estudadas sabiam que estavam sob as regras dos prostitutas, e não as obedecer significaria não experimentar ou saciar o prazer pelo qual pagaram. Um exemplo claro deste poder de controle sobre o cliente é o do personagem Paul (*Brutal uncut*), que sempre fazia de tudo para o cliente chegar ao orgasmo antes dele, pois, somente assim, poderia cobrar um valor mais elevado. Paul partia do princípio de que o cliente pagou para ter o orgasmo, não para ver o outro tê-lo.

Nos locais de prostituição que frequentei para esta pesquisa e nas leituras que fiz, pude observar que o jogo do prazer e os estágios que o envolvem são, em sua grande maioria, controlados pelos prostitutas. É de suma importância que o prostituto tenha todo o controle, enquanto numa relação com seu cliente, pois sempre haverá nesta contratação a medição de forças que terminarão implicando em um indivíduo dominando e o outro sendo dominado pelo discurso alheio.

Neste ponto, os conhecimentos apreendidos durante a confecção dos Capítulos 3 e 4 exemplificam como esta medição de forças ocorre nos três estágios observados na relação prostituto e cliente. No estágio da negociação, o que mais chamou atenção nas obras foi o aspecto do valor pedido pelo prostituto para o programa. Com exceção daqueles que trabalhavam em saunas e casas de prostituição, onde o valor é fixo e informado ao cliente logo na recepção, os que trabalhavam de forma autônoma costumavam pedir um valor bem mais alto do que o esperado pelo cliente. Neste caso, o preço era geralmente negociado. Todavia, o prostituto sempre baixava o valor até o preço que ele achava adequado para a realização do trabalho. Caso algum cliente não questionasse o valor cobrado, era lucro para o prostituto.

O estágio da relação sexual mostrado nas obras indicava que este processo não levava muito tempo, gasto entre ambos os lados; geralmente, eles colocavam suas regras e definiam os papéis sexuais a serem desenvolvidos durante o sexo. Observei que, inevitavelmente, esta segunda parte da relação está intimamente ligada ao primeiro estágio que diz respeito à negociação. Quanto mais práticas sexuais diferentes (beijo, versatilidade, fetiches, orgasmo por parte do trabalhador sexual) o prostituto precisaria realizar, mais caro seria o programa. Por regra, no campo da prostituição viril, quem precisa se cansar é o cliente. Assim, toda atividade que demandar um esforço maior do prostituto deve ser acordada entre ambos antes da realização da relação sexual.

O último estágio, chamado de finalização, envolve diversos elementos que buscam não somente a justificativa do valor pago pelo cliente, como também a possibilidade de um prolongamento da noite e a fidelização do cliente. Este estágio confere, aos clientes, o produto pelo qual pagaram: a satisfação do seu prazer.

No campo da literatura, as obras aqui estudadas não apresentaram um grande desenvolvimento nas suas narrativas focando este estágio de finalização. Somente *O gosto do sexo sem rosto* (2013) tratou com importância o ato de finalizar o programa com um gancho para que o cliente retorne ou torne-se parte da lista de clientes fixos daquele prostituto.

Percebi que as três primeiras obras analisadas no Capítulo 4 não trabalhavam com a ambientação das casas de prostituição ou saunas. A partir daí, conclui que o processo de finalização só ocorreu em *O gosto do sexo sem rosto* (2013), porque seus personagens moravam e atuavam profissionalmente na *Star Boys*. Estes estabelecimentos são famosos por manterem um *casting* fixo de prostitutas e pela forma como o cliente tem acesso a todos os rapazes que ali trabalham.

Como foi explicado na narrativa escrita por Marlon de Albuquerque, as casas de prostituição apresentam basicamente três cômodos: a sala de TV (onde os prostitutas aguardam serem chamados para apresentação), o salão principal (onde há um bar para os clientes beberem algo antes ou depois do programa) e a suíte (onde o cliente e o prostituto realizam o programa). Ao adentrar no estabelecimento, o cliente se dirige ao salão principal, onde é recebido pelo gerente que vai fazer indagações sobre suas preferências sexuais. A partir daí, o cliente sobe para a suíte e o gerente seleciona um determinado número de prostitutas na sala de TV para que estas se apresentem para o cliente na suíte. Desta forma, um cliente assíduo de uma casa de prostituição conheceria a todos os que trabalhassem por lá, permitindo a ele a fidelização a algum prostituto que mais o tivesse agradado.

Quando é terminado o programa, o trabalhador sexual convida o cliente para um prolongamento do programa por mais uma hora (a duração dos programas é geralmente de uma hora a uma hora e meia), ou para descerem e tomarem algo no bar do salão principal. Neste local, além de receberem um percentual por cada bebida vendida, o prostituto tem a possibilidade de conversar um pouco mais com o cliente e, talvez, cativá-lo para um próximo programa.

O último aspecto que emergiu como proeminente no estudo foram os locais da prostituição. Algo extremamente rentável no ramo do trabalho sexual viril, são os sites de anúncios dos programas sexuais, como mostrado no Capítulo 3. No entanto, nenhuma das obras mencionadas nesta tese apresentou, em suas narrativas, esta prática de anúncio. A única conclusão que obtive para tal ausência tem como base a observação de que as obras foram escritas bem antes do *boom* da Internet e do desenvolvimento de sites destinados a este tipo de serviço. A exceção nas obras apresentadas seria *O gosto do sexo sem rosto*, que foi publicada em 2013, permitindo, assim, à inserção de tal local de prostituição na sua narrativa, dada a presença já intensa da Internet nesta época. Entretanto, o autor optou por escrever sobre um espaço físico também muito rentável no ramo: as casas de prostituição e as saunas.

Sendo estes locais somente explorados na obra do autor Marlon de Albuquerque, as saunas ou casas de prostituição não desempenham papéis de destaque nas obras literárias, cuja ambientação ocorreu em países estrangeiros (Estados Unidos e Inglaterra). Talvez por existir uma liberdade social muito maior, onde a necessidade do anonimato, ao entrar em uma sauna, não é tão cobrada; as obras que são ambientadas no exterior parecem substituir as casas de prostituição por clubes de *strip-tease*, festas coletivas, apartamento de amigos que organizam encontros entre outras formas de desenvolver uma atmosfera propícia para a prostituição.

Observei que, historicamente, os Estados Unidos possuem certa intolerância em relação às chamadas saunas, pois, com o surgimento da AIDS e a descoberta da sua transmissão através do sexo desprotegido, as saunas se tornaram sinônimo de locais sem higiene e de possível contaminação pelo vírus HIV. Na década de 1980, São Francisco (Califórnia) possuía diversas saunas, mas, com o surgimento da AIDS, a pressão política, social e da classe médica, fez com que quase todas elas fossem fechadas, sob a alegação de propagadores de doenças infectocontagiosas. Refletindo sobre este contexto social apresentado, não é difícil entender o quanto este local da prostituição não tem mais notoriedade ou importância nas obras literárias estrangeiras.

Ainda assim, a necessidade da criação de lugares nomeados por Foucault como outros espaços, fez com que o tipo de serviço oferecido nas saunas migrasse para os clubes de *strip-tease*. Marco Lacerda e Dennis Cooper foram dois autores que exploraram estes locais da prostituição em suas obras, sinalizando esta migração e mostrando o poder da prostituição em se adaptar as pressões e necessidades sócias.

As saunas, por sua vez, representam um dos locais mais receptivos para o encontro entre prostitutas e clientes. Nelas, encontram-se clientes (os magros demais, gordos, feios, portadores de necessidades especiais, não dotados, fetichistas, idosos, enrustidos e os impotentes) cujos corpos não correspondem ao padrão de beleza comumente esperado.

A prostituição masculina pode parecer um mercado livre de regras, no qual bastaria uma disposição para obter dinheiro através da venda do corpo, mas, na verdade, ela é regulada e fortemente controlada por dentro — através de cafetões, policiais, traficantes e donos de estabelecimentos — e por fora — através de instituições religiosas, códigos morais vigentes na sociedade, família e política. Sendo possível observar, assim, que o programa entre um prostituto e um cliente é sempre realizado dentro de um contexto de poder nas relações baseadas nas dominações simbólicas e econômicas.

Poder-se-ia afirmar que a ordem sobre a questão das realidades de poder entre os prostitutas e seus clientes, em sua maior parte, pode se apresentar na mão do prostituto. Se este conseguir ser livre da dependência de drogas, cobrar o preço que acha certo, trabalhar em horários apropriados, escolher o cliente que deseja, definir seus termos na questão das doenças sexualmente transmissíveis (uso ou não de preservativos), este prostituto possuirá, assim, um grande poder e controle sobre suas condições de trabalho. Isto não significa que, ao ser capaz de obter todos estes benefícios, a prostituição masculina possa ser vista como um trabalho ideal, mas, sim, uma forma de sustento que compreende uma ampla variedade de condições de vida, já que, como dito anteriormente, este fenômeno corresponde a diferentes cenários de vida e necessidades pessoais.

Concluo que não há nada de incompreensível sobre as necessidades dos profissionais que atuam na prostituição masculina. O que demandam é ser livres de julgamentos e estigmas, respeito por parte dos clientes, acesso à mesma qualidade de cuidados de saúde e serviços jurídicos, respeito dos familiares e vizinhos, e serem tidos como cidadãos portadores de pleno direito na sociedade. Todavia, para que isto ocorra, será necessária a erradicação de padrões repressores e do preconceito velado contra todos os que exercem esta profissão.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marlon de. *O gosto do sexo sem rosto: diário secreto de um garoto de programa*. Brasília: Thesaurus, 2013.
- ANDROS, Phil. *As aventuras de um garoto de programa*. São Paulo: Summus, 1998.
- BALDWIN, James. *Giovanni's room*. Great Britain: Corgi Books, 1956.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2017.
- BARBO, Daniel; COSTA, Adriane Vidal. *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- BENÍTEZ, María Elvira Días. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BLANC, Claudio. *Uma breve história do sexo*. São Paulo: Gaia, 2010.
- BROOKS, Peter. *Body work: objects of desire in Modern Narratives*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.
- CARVALHO, Raimundo et al.. *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CECCARELLI, Paulo R. Prostituição — Corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro — Sexo*, v.4, dez. 2008.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.
- COOPER, Dennis. *Closer*. New York: Grove Press, 1989.
- DAWSON, James. *Este livro é gay e hétero, e bi, e trans...* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- DORAIS, Michel. *Rent Boys: the world of male sex workers*. Québec: McGill-Queen's University Press, 1954.
- ESQUENAZI, Jean-Pierre. *As séries televisivas*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.
- FARAONE, Christopher A.; MCCLURE, Laura K. *Prostitutes and the courtesans in the Ancient world*. London: The University of Wisconsin Press, 2005. Kindle Edition.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 — A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- _____. *História da sexualidade 2 — O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Record, 2014.

_____. Outros espaços. In: _____. *Ditos e Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

FRIEDMAN, Mack. *Strapped for cash: a history of American hustler culture*. Los Angeles: Alyson, 2003.

FRYE, Northrop. *The secular scripture: a study of the structure of Romance*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: _____. *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2016.

GRAHAME-SMITH, Seth. *The big book of porn: a penetrating look at the world of dirty movies*. San Francisco: Quirk Books, 2005.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

GREEN, James N. Além do carnaval. *A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

HALLIDAY, Michael A. K. The functional basis of language. In: _____. *B. Bernstein*. Ed. Class, codes and control. London: Routledge & Kegan Paul, 1973.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Hodder Arnold, 1985.

_____. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. London: Oxford University Press, 1991.

HONE, Michael. *Rent Boys: a history from ancient times to the present*. South Carolina: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015.

JACKSON JUNIOR, Earl. *Strategies of deviance: studies in gay male representation*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

LACERDA, Marco. *Clube dos homens bonitos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

LARRAURI, Maite. *A sexualidade segundo Michel Foucault*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEONINI, Luiza. Os clientes das prostitutas: algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In: _____. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LEYLAND, Winston (Org.). *Sexualidade & criação literária: as entrevistas do Gay Sunshine*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

- LIBI, Fred; VIP, Angelo. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MANTEGAZZA, Paolo. Ancient male and female prostitution. In: _____. *Sexual relations of mankind*. New York: Sims Press, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Prostituição à brasileira*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.
- MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MINICHIELLO, Victor; SCOTT, John. *Male sex work and society*. New York: Harrington Park Press, 2014. Kindle Edition.
- MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- NATHAN, Debbie. *Pornography*. Canada: Groundwood, 2007.
- PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PEASE, Allan; PEASE, Barbara. *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes; SANTOS, Élcio Nogueira. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n.1, p. 133-154, 2016.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PROVENCAL, Vernon; VERSTRAETE, Beert (Ed.). *Same-sex desire and love in Greco-Roman antiquity and in the classical tradition of the West*. New York: Routledge, 2013. Kindle edition.
- REAY, Barry. *New York hustlers: masculinity and sex in modern America*. New York: Manchester University Press, 2010.

- RODRIGUES, Humberto. *O amor entre iguais*. São Paulo: Mythos, 2004.
- ROTELLO, Gabriel. *Comportamento sexual e Aids: a cultura gay em transformação*. São Paulo: Edições GLS, 1997.
- SHAKTI, Agni. *Dicionário de fetiches e BDSM*. São Paulo: Idéia & Ação, 2008.
- SHAW, Aiden. *Sordid truths: selling my innocence for a taste of stardom*. Los Angeles: Alyson Books, 2009.
- _____. *Wasted*. Philadelphia: Running Press Book Publishers, 2009.
- _____. *Brutal uncut*. Philadelphia: Running Press Book Publishers, 2008.
- _____. *My undoing: love in the thick of sex, drugs, pornography and prostitution*. Philadelphia: Running Press Book Publishers, 2006.
- _____. *Boundaries*. London: Millivres Prowler Group, 2000.
- _____. *If language at the same time shapes and distorts our ideas and emotions, how do we communicate?* London: The Bad Press, 1997.
- SKINNER, Marilyn B. *Sexuality in Greek and Roman culture*. UK: Blackwell Publishing, 2014. Kindle edition.
- SOUSA, Francisca Inar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume, 1998.
- SOARES, Rosana de Lima. *Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem*. São Paulo: Annablume Editora, 2001.
- SPARGO, Tamsim. *Foucault e a Teoria Queer*. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- STEWART, Samuel M. *Understanding the male hustler*. New York: Routledge, 2012. Kindle edition.
- TORRÃO FILHO, Amilcar. *Tribades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram a história*. São Paulo: Summus, 2000.
- TREVISAN, João Silvério. *Pedaço de mim*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- VICENTINI, Andresa Martins. *Um olhar sobre a prostituição masculina*. São Paulo: Scortecci, 2008.
- VIDAL, Gore. *The city and the pillar*. Great Britain: Abacus, 1998.